

STEVE MARTIN

A Balconista

“Um romance delicado
e emocionante.” — *Time*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

STEVE MARTIN

A Balconista

Tradução de FAUSTO WOLFF

Título original norte-americano
SHOPGIRL

Copyright © 2000 by 40 Share Productions, Inc.

Editora Record

2000

para Allyson

QUANDO VOCÊ TRABALHA NO setor de luvas da Neiman's, você vende coisas que ninguém mais compra. As luvas não são como aquelas de pegar pesado vendidas na L.L. Bean. São tão finas e delicadas que se pode apanhar um alfinete com elas. O setor de luvas fica ao lado do setor de alta costura e existe por pura ostentação. E é por isso que Mirabelle passa a maior parte do tempo recostada, com uma perna flexionada para trás e as mãos apoiadas no balcão de vidro. Num dia especialmente lento e monótono ela é até capaz de descansar a cabeça nas mãos, cotovelos contra o balcão — embora esta não seja a posição preferida da gerência —, e fixar os olhos nas luvas de couro e de seda em exposição como peixes recém-pescados. A luz do teto reflete-se no balcão e se mescla ao preto e ao cinza das luvas, formando um redemoinho madreperla que às vezes conduz Mirabelle a um sonho hipnótico.

Na Neiman's todos trabalham em silêncio, como se fosse algum local religioso, e Mirabelle tenta abafar do melhor modo possível o toque-toque dos saltos dos seus sapatos ao atravessar os corredores de mármore. Se você a visse, julgaria pelo seu modo de andar que ela corre o risco de escorregar a qualquer momento. Mesmo assim, este é o modo de Mirabelle caminhar o tempo todo, até mesmo numa calçada de concreto segura. A verdade é que ela jamais aprendeu a caminhar ou adotar uma postura confortável, o que a faz parecer uma jovem atraente à espera de alguém que venha tirá-la para dançar. Para Mirabelle, o ponto alto de trabalhar numa loja de departamentos é vestir-se elegantemente, pois a direção encoraja as vendedoras a serem uma espécie de modelo na precisão e no estilo. Seu problema, é claro, é pagar pelas roupas de sua preferência. Nesse sentido, é socorrida pelo generoso desconto para funcionários e por seu talento para harmonizar uma saia reciclada com uma suéter Armani com cinquenta por cento de desconto. Graças a isso, consegue vestir-se com elegância, sem extrapolar seu orçamento.

Todos os dias, na hora do almoço, ela vai até a esquina de Beverly Hills e entra no Time Clock Café, que oferece um almoço regular a bom preço. Um sanduíche de três dólares e setenta e

cinco centavos, uma salada de alface e tomates e um refresco; tudo um pouco abaixo do limite que estipulou para si mesma: seis dólares. Eventualmente, pode chegar a doze dólares quando ela pede uma sobremesa. Às vezes, um homem, cujo nome ela acha que é Tom, olha suas pernas, que se mostram muito bonitas quando ela senta na mesinha tão apertada contra a cadeira que a obriga a posicioná-las de lado, no corredor. Posição desconfortável mas agradável aos olhos masculinos. Mirabelle, que não dá crédito à sua beleza, acha que o homem não reage a ela propriamente dita mas ao belo corte de sua saia azul que se abre diagonalmente, contrastando com a pele branca da sua coxa logo acima do joelho.

O resto do dia na Neiman's a vê recostada, se inclinando ou rearrumando os artigos que vende. Ocasionalmente, um cliente esporádico aparece e a arranca da câmera lenta, até que o relógio marque seis da tarde. Ela então fecha a caixa registradora e caminha até o elevador, mantendo ereta a parte superior do corpo. Desce ao primeiro andar e passa pelos brilhantes balcões do setor de perfumes cujas vendedoras saem meia hora mais tarde, a fim de atender os últimos clientes. Agora, os vários aromas que foram espargidos durante o dia nos clientes amontoaram-se em camadas no ar da loja de departamentos. E assim Mirabelle, que tem 1,70m, sente o aroma de Chanel 5. Quem tiver apenas 1,50m poderá ser atacado pelo bem mais forte Chanel 19. Esta caminhada diária faz com que ela se lembre sempre que trabalha na Sibéria da Neiman's, o isolado e de difícil acesso setor de luvas. Pergunta-se sempre quando será promovida na hierarquia e transferida, pelo menos para o setor de perfumaria. Lá, no energético mundo dos cosméticos e aromáticos, ela terá aquilo que mais deseja: alguém com quem falar.

Dependendo da época do ano, a viagem de Mirabelle até sua casa oferece-lhe ou a luz crepuscular do sol de verão, ou a noite e as luzes halógenas dos postes e letreiros e dos faróis dos automóveis, de acordo com o fuso horário do oceano Pacífico. Ela atravessa o Beverly Boulevard, a camaleônica rua com lojas de móveis elegantes e restaurantes finos numa extremidade e com lojas vietnamitas que vendem misteriosas raízes na outra. Nos 25

quilômetros seguintes, como um jogo de Monopólio ao contrário, as ruas vão decrescendo em valor imobiliário até chegarem ao seu apartamento no segundo andar de um prédio em Silverlake. Trata-se de uma comunidade artística que está sempre no limite — jamais ultrapassado — de ser considerada perigosa. Algumas noites, no tempo certo, ela pode subir pela escadaria externa e surpreender a mais bela paisagem de Los Angeles: o pôr-do-sol do Pacífico sobre as luzes que se derramam da porta da frente de seu prédio para o mar. Ela então entra no seu apartamento que, por razões não bem explicadas, não tem uma janela para a paisagem. O sol, que desaparece aos poucos, finalmente enegrece tudo que está do lado de fora e transforma suas janelas em espelhos.

Mirabelle tem dois gatos. Um é normal, o outro é um filhote recluso que vive debaixo de um sofá, de onde raramente sai. Muito raramente. Mirabelle tem a sensação de que há um estranho misterioso morando em seu apartamento e que ela jamais vê, mas que deixa traços da sua existência quando move sutilmente objetos redondos de um quarto para outro. Esta descrição pode se aplicar facilmente aos poucos amigos de Mirabelle que também deixam traços de sua existência em mensagens telefônicas e raros encontros. Como o filhote debaixo do sofá, ela pouco os vê. Isso se deve ao fato de eles a considerarem meio estranha, e a sua exclusão dos programas faz com que fique sozinha em casa a maioria das noites. Ela sabe que necessita de novos amigos, mas as apresentações são difíceis quando seu estado natural é a timidez.

Mirabelle substitui os amigos ausentes pelos livros e pelos seriados de mistério da TV. Os livros, quase todos, são romances do século XIX, em que as mulheres ou são envenenadas ou envenenam alguém. Ela não lê esses livros como se fosse um solitário coração romântico vivendo no isolamento da sua casa. Não mesmo. Ela é um espírito educado com muito senso irônico. Ela adora os cenários sombrios desses romances de época, especialmente aqueles mais *kitsch*. Apesar de distanciada, ela sabe que no fundo uma parte dela se identifica com todas aquelas trevas.

Ainda há outra coisa: Mirabelle sabe desenhar. Sua produção é pequena em tamanho e quantidade. Só consegue terminar alguns

desenhos de dez por doze centímetros: todos eles impregnados pelo espírito de mistério dos livros que lê. Densamente, ela preenche todo o papel com um lápis de cera preto, com exceção da imagem que pretende revelar que parece flutuar na escuridão. Seu último desenho mostra uma criança agachada petrificada pela lava de Pompéia. Sua mão é firme graças aos anos de treino numa universidade da Califórnia, onde, além de adquirir um mestrado em Belas-artes, contraiu uma dívida de 39 mil dólares para pagar seus estudos. O diploma faz dela uma anomalia ambulante entre as vendedoras de perfume e os vendedores de sapatos da Neiman's, cujos sonhos acabaram com a escola secundária. Raramente, mas com frequência suficiente para ter uma pequena coleção dos seus próprios trabalhos, Mirabelle tira de uma gaveta seu material, puxa a luminária para perto da superfície dura da mesa de café e faz um desenho. Em seguida, ela o fixa na parede, bate uma foto e o coloca junto com os outros em seu portfólio. As noites de desenho deixam-na exausta, pois requerem sua concentração total. Nessas noites, ela cambaleia até a cama e cai em sono profundo.

Numa noite normal sua rotina é muito simples. Envolve a aplicação de loção por todo o seu corpo enquanto conversa com o gato visível. Esses bate-papos são entremeados por interjeições ocasionais em voz alta supostamente dirigidas ao gato que está embaixo do sofá. Se houvesse um observador silencioso, certamente concluiria que Mirabelle é uma jovem despreocupada e feliz, que se prepara para uma noite na cidade. Na realidade, entretanto, essas atividades são manifestações físicas da sua vida vazia.

Hoje, à medida que a noite se instala firmemente, Mirabelle desliza para debaixo dos lençóis, dá uma boa-noite aos dois gatos e fecha os olhos. Sua mão apaga o abajur da mesa-de-cabeceira e sua cabeça se enche de fantasmas. Agora, sua mente pode vaguear pelas paisagens que ela bem desejar e ela faz desses sonhos semi-acordados uma espécie de ritual noturno. Ela se vê de pé à beira de uma lagoa tropical. Um homem surge atrás dela, envolve os braços na sua cintura, encosta a cabeça em seu pescoço e murmura: "Não se

mova." A imagem gera a primeira molécula úmida no meio das suas pernas. Ela aperta a mão contra elas e cai no sono.

Pela manhã não há mais vestígios da comida deixada numa tigela na noite anterior. Mais uma evidência do gato fantasma. Ainda grogue de sono, Mirabelle prepara seu café da manhã e toma seu Serzone. O Serzone é um presente de Deus que a impede de ser imobilizada pela depressão, que de outra forma a envolveria completamente para penetrar em seu corpo como uma névoa venenosa. Embora a depressão nunca esteja fora da sua vista, a droga consegue distanciá-la. É o terceiro tranqüilizante que ela tenta nos últimos anos. Os dois primeiros funcionaram durante algum tempo para deixarem de fazer efeito de uma hora para outra. Como, no princípio, a nova droga tem de ser ingerida com metade da antiga, um conflito estabelece-se em sua mente por algum tempo. O conflito se encerra quando a nova droga finca as raízes em seu cérebro e põe para funcionar sua química misteriosa.

A depressão contra a qual ela luta não é o sintoma recentemente adquirido de uma jovem mulher vivendo em Los Angeles por sua conta. Sua depressão instalou-se no arco de Vermont, onde Mirabelle foi criada, e que disparou como uma flecha que a acompanha desde então. Graças à droga, ela em geral é capaz de encurralar a depressão num canto e mantê-la distante da sua rotina. Há lapsos sombrios, entretanto, que às vezes a impedem de sair da cama. Nessas ocasiões, ela aproveita para ficar em casa, pois a firma lhe dá alguns dias de folga por ano em caso de doença.

Apesar da sua depressão, Mirabelle gosta de pensar que é uma pessoa bem-humorada. Quando a ocasião requer, ela pode se transformar numa garota jovial e divertida. Nesses momentos, Mirabelle se sente o centro das atenções nas reuniões sociais. Na verdade, esses episódios nada mais fazem do que apresentar uma Mirabelle normal. Para ela, entretanto, o que sente é tão excepcional que se vê despontando sobre as demais.

Na verdade, nessas festas, o poder permanece nas mãos de mulheres espiritualmente neuróticas, que atraem exatamente os

homens que têm necessidade de domá-las. Mirabelle atrai outro tipo de homens, os mais tímidos e reticentes. Olham para ela por um longo tempo antes de se aproximar. Quando encontram alguma coisa nela que desejam, trata-se simplesmente de algo que está dentro dela.

jeremy

COM 26, JEREMY É DOIS ANOS mais novo do que Mirabelle. Criou-se no meio indolente das escolas secundárias de Los Angeles, onde as aspirações definham e aqueles que têm sorte acabam numa universidade onde podem desenvolver-se graças ao entusiasmo de algum professor carismático. Jeremy jamais sonhou com a universidade e conseqüentemente com o desafio de entrar em contato com novas faces e idéias. Para viver, ele reproduz com estêncil logotipos em amplificadores. A vida de Jeremy após o ensino médio parece caminhar para os lados, sobre uma rampa de gelo, escapando obliquamente do centro. Mirabelle o conheceu numa lavanderia automática, certamente o lugar menos romântico e misterioso do mundo. Seu primeiro encontro começou com um "Oi!" e acabou com um desanimado "A gente se vê!" enquanto Mirabelle estava envolvida com calcinhas e calções de *jogging* úmidos.

Mirabelle e Jeremy tiveram dois encontros e meio. O meio encontro transcorreu na verdade durante algumas horas, mas foi tão nebuloso que Mirabelle tinha dificuldade em considera-lo uma unidade. O primeiro encontro consistiu num passeio por um *shopping*, quando Jeremy tentou passar disfarçada-mente as costas da mão na bunda de Mirabelle. Depois disso, foram jantar numa lanchonete, contas separadas. Quando Mirabelle sugeriu que fossem ao cinema cujo cartaz de néon havia entusiasmado Jeremy, ele fez com que ela pagasse a própria entrada. Mirabelle não tinha condições econômicas de sair com Jeremy novamente nas mesmas circunstâncias, e não havia como explicar isso a ele. A conversa durante o jantar também não fora nenhum sucesso. Poderíamos dizer que esteve próximo da marca de um casal que vive junto há muitos anos e não tem mais nada para dizer um ao outro. Depois de levá-la até a porta da casa dela, Jeremy deu-lhe seu número de telefone, uma inversão peculiar do que se espera em um primeiro encontro. Ela até poderia ter considerado a possibilidade de beijá-

lo mesmo depois daquele horrível primeiro encontro, mas ele simplesmente parecia não ter a menor idéia do que fazer. Apesar disso tudo, Jeremy possui uma qualidade extraordinária. Ele gosta de Mirabelle. E esta qualidade numa pessoa torna-a infinitamente interessante para a outra pessoa. No fim do primeiro encontro, quando Mirabelle já estava dentro do apartamento e sua mão conduzia a porta para o batente, houve uma pequena pausa, e eles trocaram um rápido olhar de intenções inexplicáveis. Uma vez dentro do apartamento, em vez de esquecer para sempre o papel com telefone dele dentro do bolso do seu casaco, ela, sem pensar muito sobre o assunto, guardou-o debaixo do telefone.

Seis dias depois do primeiro encontro que reduziu o salário mensal de Mirabelle em vinte por cento, ela encontrou-se com ele novamente e por acaso, na mesma lavanderia. Ele acenou para ela, levantou o polegar e depois a observou encher de roupas uma das máquinas. Ele parecia incapaz de se mover, mas falou alto o suficiente para que sua voz pudesse atravessar doze máquinas em franca atividade: "Você assistiu ao jogo ontem à noite?" Mirabelle ficou chocada quando descobriu mais tarde que Jeremy considerava as horas que passaram na lavanderia, a razoável distância um do outro, como o segundo encontro. Fez essa descoberta quando ele tentou levá-la para a cama invocando a "regra" do "terceiro encontro". Mas Mirabelle não se deixou enganar por esta regra e informou a Jeremy que ela não podia considerar de modo algum um encontro na lavanderia, ou qualquer encontro que envolvesse apenas um sinal positivo com o polegar.

Este terceiro encontro também foi problemático. Depois de informá-lo de que não pretendia pagar metade das despesas da noite, ele a levou para um salão de boliche e a informou de que devia pagar pelos calçados que alugou. Explicou que sapatos de jogar boliche eram um item de vestuário, e ela não podia esperar que ele pagasse por algo que ela usava num encontro. Se a mente lógica de Jeremy pudesse ser aplicada à astrofísica e não a calçados alugados, ele hoje seria uma fera da NASA. Tentou não pagar os jogos e o jantar, embora usasse cartões de desconto

recortados de jornal, o que reduzia de alguma forma os preços. Finalmente, Mirabelle sugeriu que se voltassem a se encontrar, ele deveria apanhar seu número de telefone, ligar para ela e convidá-la para fazer algumas coisas grátis. Mirabelle sabia, e deixou isso entendido sem ter de falar, que todas as coisas grátis requeriam conversa. Ficar sentados num cinema escuro não exige qualquer conversa, enquanto um passeio pelo Hollywood Boulevard numa noite movimentada requer comentários, observações e, com sorte, alguma inteligência. Ela temia que aqueles encontros sem despesa fossem horríveis, pois não trocaram mais de doze frases nos dois encontros e meio. De qualquer modo, estava disposta a sair com ele, até que surgisse algo menos horrível.

A atração de Jeremy por Mirabelle se deve ao fato de ela lembrar-lhe uma pessoa pela qual esteve apaixonado em sua pré-adolescência. Esta pessoa é Olívia Palito, a namorada de Popeye, pela qual se apaixonou ao ganhar de um tio alguns gibis antigos. E é verdade, Mirabelle tem alguma semelhança com Olívia Palito, mas só depois que alguém sugere isso. Você não entraria num lugar onde Mirabelle estivesse e assim que pusesse os olhos nela pensasse: Olívia Palito! De qualquer modo, uma vez proposta a idéia, sua reação talvez fosse um longo e vagaroso "Ahhhhh, sim, é verdade". Ela tem um corpo longo e esguio, dois olhos negros e pequenos, como sua boca vermelha e pequena. Também se veste como Olívia Palito em roupas comportadas — jamais algo esvoaçante e juvenil. Olívia Palito não tem seios, mas Mirabelle tem. Infelizmente, suas roupas não acentuam suas curvas, e isso faz com que seu peito pareça chato. Tudo isso, porém, não quer dizer que não seja atraente. Ela é atraente, mas não é nunca a primeira ou segunda moça escolhida. Para Jeremy, a mais incrível semelhança de Mirabelle com Olívia Palito é sua pele translúcida. Faz com que se lembre da pele pálida da personagem dos quadrinhos, o que era na verdade um efeito do papel amarelado.

O processo mental de Jeremy é tão tênue que, como feliz consequência, faz com que ele acabe sempre fazendo exatamente o que pretendia fazer. Ele jamais complica um desejo repensando-o duas ou três vezes, ao contrário de Mirabelle, que tece um casulo

em volta de uma idéia até que ela esteja completamente imobilizada. A visão do mundo de Jeremy mantém baixa sua pressão sangüínea e expulsa o colesterol das suas artérias, auto-estradas sem movimento. Todos sabem que ele viverá até os noventa anos e todos também se perguntam "para quê?"

Jeremy e Mirabelle estão separados por cem milhões de quilômetros de vácuo. Ele adormece todas as noites em ignorância abençoada. Ela, um tanto dopada por seus remédios, viaja pelo tempo, pelos labirintos do seu inconsciente, até ser vencida pelo sono. Ele só sabe daquilo que está bem à sua frente. Ela tem consciência das sensações mínimas que olham obliquamente para sua essência frágil e suave. A esta altura da vida de Jeremy e Mirabelle, o único fato verdadeiro e concreto que os dois têm em comum é uma lavanderia automática.

a sexta-feira de mirabelle

MIRABELLE ESTÁ PARADA ATRÁS DO balcão do setor de luvas. Do seu posto recluso ela olha através do longo salão para o setor de alta costura. Quando acontece o contrário, e uma das moças do setor de alta costura olha para ela, Mirabelle parece uma filhotinha de cachorro, de pé sobre as patas traseiras, e os dois pontos negros dos seus olhos sobre a pele delicada de porcelana fazem-na bonita e notável. Mas hoje isso não acontecerá. Hoje é sexta-feira, que Mirabelle chama Dia de Finados; dia em que, por alguma razão — de um modo geral uma festa elegante em Beverly Hills —, o setor de alta costura se enche de mulheres que dificilmente percebem a jovem esguia no fundo do salão, atrás do balcão do setor de luvas. São as esposas de Homens Importantes.

A metamorfose mais sonhada pelas mulheres de homens importantes é se transformarem em mulheres importantes por seus próprios méritos. Essa distinção é conquistada exercendo poder sobre cada um e todos, caracterizada pela intensa obsessão de gastar. Se elas não fizessem despesas, teriam de suportar entre trinta e sessenta horas vazias por semana, sem saber como preenchê-las. Não se trata apenas de gastar. Há ainda a organização e a administração do gasto. Há o contratar e o despedir, há o discernimento do que as despesas necessitam para prosseguir e há a exigência psicológica de que o marido deve orgulhar-se com os gastos da esposa. A abrangência das despesas pode ir de roupas e jóias a mobiliário e luminárias; de alimentos e talheres e louças a catálogos de sementes e lenha para a lareira. Às vezes, essas mulheres acham divertido gastar economicamente. É claro que isso não significa economizar, mas sim colocar em prática uma espécie de ética.

Paralelamente ao desejo de gastar vem o desejo de controlar a imagem refletida no espelho. Narizes são moldados de uma forma que a natureza jamais conheceu, os cabelos são enchidos de ar e tingidos de merengue e as faces são empurradas em vida para

dentro de máscaras mortuárias. A variedade de alterações é vasta, menos quando se trata de seios. Os seios precisam sempre ser grandes, nem que tenham de ser deformados no processo. A incongruência de duas bolas de boliche num corpo que deve lembrar uma tábua de passar parece jamais ter incomodado ninguém. Em Beverly Hills, rapazes à procura de moças que os façam lembrar suas mães de rosto esticado andam desesperados em meio a um mar de mulheres que aparentam ter vinte e cinco anos.

Hoje, enquanto olha hipnotizada para essas mulheres tribais, um pensamento muito claro emerge na mente de Mirabelle: como este lugar é diferente de Vermont. Então, em meio à ociosidade que permeia seus dias de trabalho, ela tira o peso do corpo de uma perna para outra. Ela coça o cotovelo. Ela põe um dedo do pé sobre o dedão, dobra uma perna para evitar a dormência. Move um clipe de uma extremidade do balcão para outra. Passa a língua na parte de trás dos seus dentes. Passadas aproximam-se dela. Sua reação automática é compor-se como se estivesse o tempo todo preparada — como toda a equipe da Neiman's — para qualquer situação, pois o som de passadas em sua direção podem significar um *cliente*, mas podem também significar um *supervisor*. O que ela vê, porém, é algo raro no setor de luvas do quarto andar. Um cavalheiro à procura de um par de luvas para uma senhora. Será que ela poderia embrulhá-las para presente? Mirabelle faz um gesto afirmativo e profissional com a cabeça. Então, o homem que veste um elegante terno azul-escuro pede sua opinião sobre qual seria o par de luvas mais fino. Sendo ela também uma pessoa que gosta de vestir-se com discrição e elegância, Mirabelle tem opiniões sobre a mercadoria que oferece. Ela dá informações genéricas sobre as diversas luvas. Iniciam uma conversa sobre o que são as luvas e a quem ele quer presenteá-las. O homem dá respostas vagas e embaraçadas, o que em geral acontece quando homens compram alguma coisa para mulheres. Finalmente, ela sugere as luvas de cetim prateadas Dior. Ele paga com um cartão de crédito, sorri para ela e vai embora. Enquanto ele se afasta, Mirabelle olha para seus sapatos — assunto do qual também entende — e no seu boletim

interior lhe dá nota dez em todas as categorias. Mirabelle se surpreende no balcão espelhado e se dá conta da sua face corada.

Nas últimas horas do dia surgem alguns curiosos cuja presença pontua o tédio como gotas de água da tortura chinesa. Seis horas e ela desce as escadas em vez de pegar o elevador que pode enguiçar quando o movimento é muito. Mais alguns passos e Mirabelle está no andar principal. Há clientes experimentando perfumes e algumas outras no setor de cosméticos, o que é raro numa sexta-feira àquela hora. Mirabelle acha que as moças desse setor exageram no uso dos produtos que vendem, especialmente no batom. Graças à inclinação em aplicar generosas camadas de base no rosto» elas parecem lábios sem corpo flutuando pela paisagem de perfumes embalados.

São seis e quinze, e ela se dirige para casa na escuridão de breu da Beverly Boulevard. Está chovendo, o que faz o tráfego mover-se mais lentamente do que de costume. Mirabelle usa óculos para dirigir enquanto aperta o volante com ambas as mãos. Ela dirige do mesmo modo como caminha: completamente ereta. Os óculos lhe dão a aparência de uma bibliotecária — antes de as bibliotecas aparecerem em CD ROM —, e o Toyota 89 que dirige também indica o salário de uma bibliotecária. A chuva bate na capota enquanto Garrison Keillor canta uma canção no rádio, criando assim uma atmosfera acolhedora e íntima na mais inacreditável das circunstâncias. Toda essa atmosfera agradável acaba por lhe causar uma dorzinha no coração e ela jura que naquela noite encontrará alguém que a abraça e conforta. Esta era uma decisão que Mirabelle tomava muito raramente. Seu último momento de leve promiscuidade fora na faculdade numa época em que isso estava na moda e ela se sentia meio boêmia. Ela decide que quando chegar em casa pegará o telefone e ligará para Jeremy.

dormindo com jeremy

AO TELEFONAR PARA JEREMY, MIRABELLE SABE que está fazendo um mau negócio; no mínimo, arriscado. Está se oferecendo e contando com a chance improvável de que ele vá acalentá-la mais tarde. Ela se sente muito prática a respeito da sua atitude e jura a si mesma que não se sentirá mal se as coisas não derem certo. Afinal de contas, pensa, não está envolvida com ele emocionalmente ou de qualquer outra forma.

Para Mirabelle existem quatro níveis de carinho. O primeiro e o melhor é ser completamente envolvida: enquanto namoram deitados, ele a abraça e diz baixinho ao seu ouvido como ela é bela e como fazerem amor transportou-o para outra dimensão. A possibilidade de Jeremy proporcionar-lhe tal cenário é tênue; de fato, tão tênue, que poderia deslizar por baixo de uma porta fechada. Existem, porém, outros níveis de carinho que hoje à noite viriam bem a calhar. Ele poderia deitar de costas e ela repousaria a cabeça em seu peito enquanto ele a abraçasse. O terceiro melhor nível seria se ele se deitasse ao seu lado e repousasse uma das mãos sobre seu ventre, enquanto a outra acariciava seus cabelos. Mirabelle sabe que esta posição requer palavras doces, bobagens amorosas, para que se sinta completamente satisfeita. Sabe também que Jeremy até agora não disse frase alguma que não acabasse com "você sabe" para então resmungar alguns ruídos incompreensíveis. Ora, isso torna quase impossível a chance de doces palavras de amor, Mas seus resmungos podem ser uma vantagem, pois permitirão que ela os interprete da maneira que achar melhor — poderiam ser sonetos metricamente impecáveis, por exemplo. A quarta posição seria a de ambos estarem deitados lado a lado e ele descansar a coxa languidamente sobre a dela. Isto seria o mínimo aceitável e envolveria um tempo maior nesta posição para compensar sua falta de imaginação.

Despertando de sua fantasia — tão específica que ela poderia ser um advogado formulando um contrato —, Mirabelle apanha o telefone e disca. O aparelho toca algumas vezes, e a idéia de que ele possa não estar em casa faz com que um arrepio de alívio percorra todo o seu corpo. Quando já está para desligar, ela ouve o som do telefone sendo retirado do gancho. Mas, em vez de ouvir a voz de Jeremy do outro lado, ouve as vozes vindas da TV. Ela espera ouvi-lo dizer "alô" "sim" ou qualquer outra coisa, mas só ouve o som da TV. Eventualmente, ouve-o caminhar pela sala, abrir e fechar o refrigerador e atirar-se no sofá. Alguém está rindo na TV, e poucos minutos depois Jeremy assoa o nariz de modo nada discreto. Mirabelle fica parada com o fone na mão decidindo o que fazer. Acha que ele certamente acabará por ver o telefone fora do gancho. Certamente deve ter ouvido quando o aparelho tocou mais de dez vezes. O medo de Mirabelle agora é o de desligar seu próprio telefone sabendo que ele permanecerá dando o sinal de ocupado enquanto Jeremy não desligar o seu. A esta altura, já sabe que o telefone dele não está em nenhum lugar entre o refrigerador e o sofá e também sabe que esta será a única rota que ele percorrerá durante a noite. Ela aperta o botão do viva-voz e coloca o fone no gancho. A TV de Jeremy ainda está presente em sua casa, mas pelo menos agora está com as mãos livres.

Em seu pequeno apartamento nunca está longe do fone. Tira os sapatos, a saia e a blusa. Põe uma camisa folgada e, de calcinhas, começa a andar pelo apartamento. Acaba de arrumar algumas coisas que tinha deixado para fazer no fim de semana e eventualmente berra o nome de Jeremy ao telefone sem nenhum efeito positivo. Surpreende-se gritando o nome dele e pensa como aquilo tudo pareceria ridículo se alguém pudesse vê-la. Jura que nunca mais se deixará ser humilhada daquela maneira, por motivo algum, em toda a sua vida. Enquanto a TV continua cacarejando através do telefone, ela se joga no sofá e começa a rir. A risada produz algumas lágrimas nos cantos dos seus olhos. Não consegue mais se conter e começa a chorar. Nesse momento é acometida por uma crise de soluços que a faz gargalhar novamente. De repente, se dá conta de que ri e chora ao mesmo tempo. Finalmente, esgota riso e pranto,

descansa por alguns minutos e se levanta decidida a desligar o telefone. Quando se prepara para desligar o botão do viva-voz e acabar com o irritante som da TV do outro lado da linha, ouve os passos de Jeremy sobre o assoalho. Ele está se aproximando do aparelho. A mão de Mirabelle hesita. Ouve Jeremy discando. Ela aguarda. Abruptamente, ouve a voz dele: "Alô!"

Mirabelle responde:

— Alô!

— É o Jeremy.

Ela diz:

— Sabe quem está falando?

— Sei. É a Mirabelle.

— Você ligou para mim?

— É claro.

Neste momento Mirabelle se dá conta de que Jeremy não tem a menor idéia do que aconteceu nos últimos vinte minutos. Ele acha que simplesmente foi até o telefone, ligou para Mirabelle e ela atendeu. Mirabelle decide não perguntar nada, temendo que ele dê uma explicação infundável e extremamente cansativa. No final das contas — ele informou —, telefonou porque queria vê-la à noite. Diante disso, ela o convida para ir à sua casa e todas as peças encaixam-se sem maiores problemas.

Jeremy chega trinta minutos atrasado e se encosta na parede da sala de um modo tão relaxado que dá a impressão de ter deixado seu esqueleto em casa. Ele traz um pacote com alguma comida que ela logo descobre ser batatas fritas graças às manchas de gordura no papel. Pelo menos teve a cortesia de trazer alguma coisa; uma oferta para ela pelo que estava para receber. Imediatamente, Mirabelle forma uma quinta opção que consiste em fazê-lo apenas aconchegá-la e nada mais. Logo descarta a idéia, porque é da gostosa sensação do "depois" que ela necessita. Vai daí que inicia o processo de sedução silencioso cuja ignição foi ligada no momento em que ela sentiu-se ruborescer, que sentiu sua presteza e que, finalmente, sentiu o desejo entre as pernas. Coisas que, ela sabia, um homem percebe. Se pelo menos Jeremy fosse um homem.

Ele não percebe, e ela quase tem de dizer a ele o que quer. Mirabelle gostaria de ter uma fita de vídeo de *O morro dos ventos uivantes* para que, enquanto assistissem a ela, pudesse dizer: "Está pegando o espírito da coisa?" O instinto de Jeremy para fazer amor acabou se demonstrando positivo depois de Mirabelle ter instalado essa idéia na sua cabeça graças às velas acesas à meia-luz, à música romântica, ao incenso e duas doses de uísque, bebida que nenhum dos dois havia provado até então. Apesar disso, Jeremy não consegue ter uma ereção completa. Como ele não consegue ter uma ereção completa, o ardor dela diminui. Como o ardor dela diminui, ele não consegue ter uma ereção completa. Inicia-se então a batalha da camisinha-de-vênus. Da seguinte maneira: ela consegue excitar Jeremy até ele exibir uma ereção modesta. Mas no momento em que tentam enfiar o preservativo no pênis este volta a perder estatura. Como Mirabelle não está exatamente excitada e muito menos molhada para valer, o pênis de Jeremy dobra na hora da entrada. Não há outro jeito senão começar tudo de novo. Ela tira a camisinha do pênis dele e começa a estimulá-lo com a mão, enquanto beija seus lábios. Ocasionalmente, o gato visível pula na cama e bate com as patas nos testículos de Jeremy, como se eles fossemovelos de lã pendurados em algum lugar para seu divertimento. Naturalmente, isso adia mais uma vez a ação propriamente dita. Voltam à batalha da camisinha, e o ciclo recomeça. Isso acontece várias vezes. Mirabelle manipula o pênis de Jeremy, certifica-se da ereção, deita-se imediatamente e abre as pernas até o inevitável acontecer novamente. Há três entidades no quarto: Mirabelle, Jeremy e um pênis animado, que se expande e se contrai como o balão de oxigênio de um anestesilogista. Finalmente, a juventude acaba prevalecendo, e Jeremy habita por alguns momentos o paraíso com sucesso. Jeremy pensa que a expectativa de vida energética do seu pênis é a mesma de uma câmara de pneu enquanto tenta retardar sua impaciente ejaculação.

Por fim, a missão é cumprida e acaba-se todo o alvoroço. Os dois, sem se tocarem, estão deitados na semi-escuridão, envolvidos pelo silêncio. A distância entre eles é gigantesca. De repente, Jeremy passa o braço pelos ombros de Mirabelle, acaricia seus cabelos

gentilmente com a outra mão e a puxa para si. Ele também aproxima seu corpo do dela. Mirabelle sente sua perspiração confundir-se com a dele e gosta do que sente. Seus sentidos focalizam-se no quarto, e ela sente o cheiro de baunilha da vela que permaneceu acesa. Ela se vê no espelho e nota que seus seios se incharam graças ao toque de Jeremy, por mais desengonçado que ele tenha sido. Ela gosta da sua imagem no espelho. Jeremy brilha à meia-luz. Mirabelle olha para seus próprios olhos no espelho e se sente bem.

Então uma coisa terrível acontece. Jeremy, de cueca, levanta-se abruptamente e fica parado ao pé da cama. E começa a falar. Mais do que falar, ele parece estar pregando. Pior ainda: ele fala de um modo que exige respostas de Mirabelle, que a breves intervalos é obrigada a pronunciar "hã-hã". Jeremy solta uma fieira de tópicos que vão surgindo desorganizadamente em sua mente. Ele fala sobre os sonhos e esperanças de Jeremy, sobre o que Jeremy gosta e sobre o que ele não gosta e infelizmente fala mais do que tudo sobre amplificadores. Isso inclui orçamentos, consultas, revisões e o fato terrível da opinião do seu chefe sobre amplificadores ser diversa da sua. Este é o tópico que exige um grande número de "hã-hãs". Para fingir-se ligeiramente interessada, Mirabelle precisa manter os olhos levemente abertos e olhar diretamente para ele. Ao contrário do seu pênis, seu discurso caudaloso não cai e levanta, cai e levanta, não incha e desincha. O discurso mantém um tom caloroso, e Mirabelle começa a se perguntar se William Jennings Brian ainda merece o título de maior orador da América do Norte. O discurso de Jeremy, que jamais se afasta da esfera dos interesses, desejos, anseios de Jeremy, dura no mínimo trinta minutos. Finalmente, ele volta para a cama e passa um braço em volta dos ombros de Mirabelle. Seu modo, porém, é tão singular que ainda não havia sido posto em alguma categoria no arquivo mental de Mirabelle. De qualquer modo, era mais do que ela esperava. Apesar da ignóbil situação anterior, ela sente-se querida e sabe que ele deve julgá-la bonita; sabe que o fez feliz ao energizá-lo; sabe que a energia que ele gastou com ela, agora, faz com que ele durma profundamente.

o fim de semana

SÃO NOVE HORAS, E pela segunda vez Mirabelle está acordada nesta manhã. A primeira foi quando, duas horas atrás, Jeremy foi embora dando-lhe um beijo de adeus tão formal que bem poderia estar vestindo fraque e cartola. Ela não levou a mal porque... bem... porque não podia se dar a esse luxo. Está contente por ele ter saído, pois isso a livra da desconfortável situação de ter de conhecer melhor um homem com quem tinha acabado de dormir. Aos poucos, timidamente o sol vai se espalhando pelos lençóis. Ela se levanta, mistura seu Serzone com suco de laranja e bebe tudo de um gole, como se fosse um rápido gim-tônica que a fortaleceria para o fim de semana.

Os fins de semana podem ser perigosos para uma criatura tão frágil quanto Mirabelle. Um pequeno escorregão no esquema programado, e ela pode acabar vendo televisão por dezoito horas. Foi para evitar coisas como essa que ela se juntou a uma organização de voluntários que constrói e reforma casas para deficientes físicos, uma espécie de operação de faxina comunitária chamada HÁbitat para a Humanidade. Isso toma conta do seu dia. Geralmente aos sábados à noite os voluntários se reúnem num bar. Quando isso não ocorre, como não ocorrerá hoje, Mirabelle não tem medo de ir sozinha a um bar da vizinhança, o que ela fará hoje à noite. Pensa ela que no bar poderá encontrar alguém que conhece ou ficar bebericando sozinha, enquanto ouve a banda do local. Quando senta numa banqueta do bar, como agora, e procura a assinatura estêncil de Jeremy nos amplificadores, jamais lhe ocorre observar a si mesma. Desse modo, é poupada da imagem da moça sentada sozinha num bar num sábado à noite. Uma jovem desejosa de dar cada grama do seu ser a alguém; uma jovem que jamais poderia trair seu amor, que jamais suspeitaria que a maldade possa existir em ninguém; uma jovem cuja sexualidade dorme dentro dela à espera de alguém que a acorde gentilmente. Mirabelle não sente pena de si mesma, exceto

nos raros momentos em que uma irresistível química de depressão a domina e a deixa completamente vulnerável. Ela saiu de Vermont com a esperança de uma vida nova e agora se vê de frente à vastidão de Los Angeles. Continua tentando fazer novos conhecidos, mas a pilha de quase-conhecidos e quase-amigos começa a alarmá-la. Mirabelle precisa de uma voz onisciente que a coloque em foco, que a ilumine e informe a todos que "esta moça tem valor", esta aqui, sentada sozinha no bar; uma voz onisciente que depois disso encontrará seu parceiro e o trará para ela.

Mas hoje à noite a voz não se fez ouvir e, discretamente, ela apanha sua bolsa e sai do bar.

A voz surgirá na terça-feira.

segunda-feira

MIRABELLE ACORDA PARA DEFRONTAR-SE com um revigorante dia de Los Angeles. Há um frio azul e brilhante no ar. A vista do apartamento dá para o mar e as montanhas, mas isso ela só pode ver se sair pela porta da frente e espiar pelo corredor. Ela alimenta os gatos, bebe sua poção, põe sua melhor *lingerie*, mesmo que seja muito improvável que alguém a veja, a não ser que irrompa no banheiro e a surpreenda. Ela passou um belo domingo, pois as amigas Loki e Del Rey finalmente ligaram e a convidaram para almoçar em um dos cafés da Western. Fofocaram e falaram dos homens de suas vidas, de quem era e não era *gay*, de quem usava drogas e quem era promíscuo, e Mirabelle regalou as amigas com a história de Jeremy. Loki e Del Rey, certamente batizadas por pais que achavam que elas jamais deixariam de ser crianças, contaram histórias similares, e as três choraram de tanto rir. Isso levantou o moral de Mirabelle e fez com que se sentisse normal como as outras. De volta em casa, perguntou-se se não havia traído Jeremy apenas um pouquinho, pois algo dentro dela lhe dizia que ele não teria contado a amigos sobre a sua noite com ela. Esse pensamento rápido produziu uma pequena base para a redenção de Jeremy e passou a fazer parte dela como ele, Jeremy, se bem que apenas um pouco.



O dia corre tedioso como nunca, especialmente porque há a promessa de uma noite divertida com as amigas. Segunda-feira é o dia em que as galerias de arte de Los Angeles permanecem abertas e oferecem "vinho" grátis em copos de plástico. Muitos dos artistas locais serão vistos hoje à noite em uma ou outra galeria. O talento de Mirabelle para o desenho faz com que ela se sinta à vontade e confiante nesses grupos. Uma vez que deixou vários desenhos numa

galeria, sente-se como se ela também fosse uma artista igual aos outros.

Finalmente, seis da tarde. Passar pelo setor de cosméticos e perfumes, hoje, exerce um fascínio extra sobre Mirabelle. Às segundas-feiras praticamente não há clientes a essa hora, e as vendedoras estão ociosas. Mirabelle notou que essas ninfas perfumadas parecem esvoaçantes e vivas quando estão em atividade, mas quando não têm o que fazer suas faces tornam-se frias e vazias, como uma Ilha de Páscoa de bonecas Barbie. Mirabelle sai com seu carro das masmorras do estacionamento e, depois de engatar a quarta, desce a Beverly Boulevard e está em casa em dezenove minutos.

Oito minutos depois das sete ela entra na Galeria Bentley, na Robertson Avenue, onde ficou de se encontrar com Loki e Del Rey. O local não está exatamente lotado, mas há gente o bastante para que todos tenham de levantar a voz, dando assim a impressão de que um evento está ocorrendo. Mirabelle calça sapatos de saltos pouco altos, veste a saia preta e colante que vai até os joelhos e uma suéter branca sofisticada que realça seus cabelos castanhos de corte irregular. Loki e Del Rey não estão lá, e passa pela cabeça de Mirabelle a idéia irritante de que elas poderão não aparecer. Não seria a primeira vez. Como Mirabelle jamais se queixa, presume-se que se sinta bem em qualquer circunstância. Desse modo, Loki e Del Rey ainda não se deram conta de que o fato de faltarem a um encontro machuca a amiga. Ela apanha um copo plástico cheio de vinho e faz o que sempre faz nessas ocasiões; algo tão estranho que a coloca à parte de todos os presentes. Ela olha para os quadros com cuidado. Um disfarce perfeito. O fato de estar segurando um copo define sua postura, de modo que não precisa se preocupar com as mãos. As pinturas nas paredes, por sua vez, lhe dão alguma coisa para fazer enquanto Loki e Del Rey não aparecem.

Vinte minutos mais tarde as duas mulheres aparecem e convidam Mirabelle a ir com elas até a Fire, a dois quarteirões, uma galeria de arte de vanguarda — ou pelo menos uma galeria cujos donos acham que é de vanguarda. Este *vernissage* é mais mundano, como as três, aliás, ansiavam. Tem uma atmosfera de festa e há gente até na

calçada. Para Del Rey e Loki, trata-se, uma espécie de aquecimento para o grande momento da noite, a Reynaldo Gallery. Esta é a casa que representa os artistas que fazem muito dinheiro, e sua sede fica no coração de Beverly Hills. Precisa das garotas mais bonitas e das pessoas mais influentes para prestigiar a abertura de suas mostras. Depois de consumirem álcool suficiente na Fire Gallery — sabem que o bar da Reynaldo estará impossível —» vão de carro até Beverly Hills e atravessam o Boulevard Santa Monica até a galeria. Elas se metem na multidão e, não sem certa dificuldade, chegam ao coração do evento. A festa precisa de um controlador de volume, mas não há um, e todos estariam fazendo o impossível para ouvir uns aos outros se todos não estivessem falando ao mesmo tempo. Loki e Del Rey decidem abrir caminho até o bar. A princípio, Mirabelle vai sendo carregada no meio das duas, mas eventualmente o caos as separa. Quando Mirabelle se dá conta está nos limites estreitos que rodeiam o salão entre a multidão e os quadros. Só que desta vez ela está menos interessada nos trabalhos e mais atenta a quem está fazendo o que no local. Num mar de roupas pretas, ela é a única a vestir outra cor e a única a quase não usar maquiagem, incluindo os homens, Seus olhos passeiam pelo salão, e ela identifica várias celebridades vestidas na última moda, o estilo nômade despreocupado. Verifica também a presença de homens extremamente bonitos que aprenderam a passar a sedutora impressão de que podem ser pais consumados.

Um deles a atrai em particular; um que parece não saber que é bonito e que também parece levemente perdido; um que parece ser um artista profissional e ao qual Mirabelle imediatamente confere o título de Artista-Herói. Ele parece notar o olhar dela. Mirabelle logo desvia os olhos e o que vê é o oposto da irradiação prazerosa. Ela vê Lisa. Lisa é uma das moças do departamento de cosméticos da Neiman's, e Mirabelle se encolhe toda. O que ela está fazendo aqui? Esta moça não tem nada a fazer numa galeria de arte. Ela está no terreno de Mirabelle, onde um diploma da escola secundária não é suficiente. Mas Lisa se garante e é por isso que está aqui. Lisa, trinta e dois anos, pode ser incluída entre as mulheres belíssimas, Tem cabelos ruivos claros que caem sobre os ombros em cascatas de cachos, acariciando a pele que parece jamais ter sentido

a luz do sol. Tem um corpo esguio e um rosto oval, pernas bem torneadas sobre saltos altos provocantes. Seus seios, embora aumentados artificialmente, emergem no decote e parecem acenar. Conseguem esconder com sucesso o fato de não serem o produto genuíno. Parece radiante, algo que só acontece com Mirabelle em ocasiões muito especiais.

Lisa usa saltos altos até mesmo para almoçar. Aliás, exagera no vestir o tempo todo, pois acredita que sem o furor do seu guarda-roupa nenhum homem poderá gostar dela. Ela se engana pensando que de algum modo está conquistando uma carreira ao fazer contato com homens de sucesso e que o sexo é apenas tangencial. Os homens também dançam conforme a música. Achrom que ela gosta deles e que as punhetas que ela bate são compradas. Esses homens fazem com que ela se sinta interessante. Afinal de contas, não ouvem cada uma das suas palavras? Ela acredita que só pode ser amada se seu corpo for perfeito e sua dieta estiver focalizada em dois quilos imaginários que a separam da perfeição. Essa ansiedade devido ao peso não é negociável. Ninguém pode convencê-la de que não precisa perder peso, nem mesmo o mais sincero dos seus amantes. A idéia de diversão de Lisa é andar pelos bares e ridicularizar os homens, fazendo-os crer que ela está disponível. Uma boa noitada pode ser medida pelo seu ar de pretenso abandono; quanto maior o número de pessoas que estiver num Mercedes com ela, indo em direção a uma festa nas colinas, maior a prova de que está se divertindo. Aos trinta e dois anos, Lisa não sabe nada sobre os quarenta e não está preparada para a época em que terá mesmo de dizer alguma coisa para que alguém a ouça. Seu castigo é que os homens que ela atrai a vêem apenas com uma parte primitiva dos seus cérebros; a parte infantil que gosta de objetos brilhantes e que fazem barulho quando são sacudidos. Homens idosos à procura de mulheres com as quais possam brincar e garotos impulsionados pelo excesso de hormônios acionam essas áreas com maior facilidade do que os homens entre trinta e quarenta anos que estão procurando seriamente uma esposa.

Há uma terceira categoria de homens que gostam de Lisa. São aqueles cuja relação com as mulheres é impulsionada pela obsessão e pela posse. Durante sua vida, Lisa será o alvo de bem mais de um homem desse tipo. Para Mirabelle a idéia de ser objeto da obsessão de um homem é muito sedutora e representa um sentimento de amor poderoso. Não consegue entender que os homens se tornam obsessivos em relação a uma bela mulher porque não querem que ninguém mais a tenha. Por outro lado, esses homens apaixonam-se por mulheres como Mirabelle porque procuram nelas uma certa parte específica de si próprios.

Mirabelle volta-se para o outro lado, recusando-se a ser intimidada por essa terrível Marilyn Monroe. Está observando a superfície de um quadro quando, sem querer, ouve vozes de dois homens conversando perto dela. Estão tentando lembrar do nome de um pintor que usa palavras nos seus trabalhos. Ela rapidamente descarta Roy Lichtenstein, que é de Nova York, e a conversa se passa na Costa Oeste, afinal de contas.

— Vocês estão pensando em Ed Ruscha? — pergunta Mirabelle.

Os dois homens estalam os dedos e começam a falar com ela. Depois de duas frases, ela se dá conta de que um deles é o impossível, o perfeito, o perdido Artista-Herói que ela havia visto momentos antes. Isso provoca uma certa eloquência em Mirabelle, pelo menos em termos dos artistas de Los Angeles sobre cujos trabalhos ela se mantém a par visitando galerias e lendo resenhas nos jornais. Graças a isso, ela se apresenta aos olhos do Artista-Herói como uma pessoa inteligente com a qual vale a pena falar. Encantada com a atenção, não percebe quando Lisa se aproxima e acaba aceitando-a no grupo, dando-lhe o benefício da dúvida. Não se dá conta de que Lisa domina a conversa. Com seus olhos brilhantes e seu riso agudo, já se infiltrou pelas rachaduras da mente do Artista-Herói, passando-lhe a impressão subliminar de que gosta dele, aliás, de que gosta muito dele. Apelando para seu lado mais terrível, Lisa eventualmente o domina, e mais tarde o Artista-Herói será visto tomando nota do telefone dela.

Mirabelle não se sente atingida pelo fato de o Artista-Herói não ter tentado uma aproximação maior, pois sua atitude de autodepreciação não lhe permitiu nem pensar que ele fosse fazer isso.

Mirabelle não compreende que a manobra de Lisa não é dirigida ao Artista-Herói mas a ela. Não vê que foi derrotada por uma oponente que quer ver a vendedora de luvas recuar. Na mente de Lisa, ela mais uma vez estabeleceu a superioridade do setor de cosméticos sobre o setor de luvas e por associação todo o departamento de roupas — alta costura ou não.

Durante o resto da noite, Mirabelle participou de várias outras boas conversações. A meditada natureza dessa troca de idéias, opiniões e novidades faz com que sinta que isso é exatamente o que deveria estar fazendo e que não poderia fazer nada de melhor. Depois de ser deixada por Del Rey e Loki na galeria número um para apanhar seu carro, ela dirige até em casa. Sua cabeça está cheia de recapitulações das melhores discussões da noite em ordem de chegar a uma conclusão sobre as que mais a agradaram. Ela desliza para a cama exatamente à meia-noite, depois de se surpreender por alimentar seus gatos com uma tigela com a inscrição "cãozinho legal". Fecha os olhos e tateia o interruptor do abajur. Alguns minutos mais tarde, enquanto está deitada na cama, sente que algo terrível entra em seu cérebro e ali permanece por um breve momento para fugir em seguida. Ela não sabe exatamente o que foi. Só sabe que não gostou.

terça-feira

ESTAMOS NO MEIO de novembro, e o cheiro do Dia de Ação de Graças, o Thanksgiving, está no ar, o que significa que o Natal está esperando dentro do forno. O número incrível de pessoas dentro do *shopping* obriga Mirabelle a abandonar sua posição favorita — cotovelos no balcão —, um luxo ao qual só pode se dar quando não há ninguém à vista.

Deixa de almoçar porque precisa ver o doutor Tracy para renovar seu estoque de Serzone. Ele lhe faz várias perguntas que ela responde corretamente e ele lhe passa a receita. Ela se sente aliviada, pois só tem ainda algumas poucas pílulas. Prefere estar do lado seguro e ter a receita nas mãos bem antes de o suprimento acabar. Preocupa-se com acontecimentos inesperados, como o doutor ter de se ausentar da cidade subitamente. Aproveita para renovar sua receita para pílulas anticoncepcionais. Estas ela toma menos pelo temor de ficar grávida e mais para controlar seus períodos que no passado já foram muito imperiódicos.

O resto do dia na Neiman's parece um purgatório, pois hoje não há galerias de arte para visitar. Não há nada para visitar. Seu plano é ler, talvez desenhar ou procurar um velho filme no canal que exhibe clássicos. Neste meio tempo talvez possa telefonar para Loki. Lá pelo fim do dia a extremidade inferior de suas costas dói e as solas dos seus pés parecem pegar fogo. Prepara as contas na caixa registradora eletrônica meia hora antes do fim do expediente, pois sabe que não haverá mais clientes. Tudo que tem a fazer às seis horas é apertar um botão, e tudo fica registrado automaticamente. Alguns minutos depois das seis, ela já está no seu carro.

As ruas de Los Angeles estão extremamente movimentadas graças à véspera dos feriados. Até mesmo os atalhos que costuma usar estão engarrafados, e Mirabelle aproveita o tempo para planejar os próximos meses. Do Natal até o Ano-novo ela estará em Vermont visitando os pais e o irmão. Comprou a passagem de avião

meses atrás, a um preço promocional incrivelmente baixo. Ainda não programou nada para o Dia de Ação de Graças, mas sabe que terá de preenchê-lo de algum modo. Estar sozinha na Ação de Graças é uma espécie de sentença de morte. No ano passado esta pena de morte foi comutada subitamente devido à visita de um tio que apareceu de repente na cidade e a convidou para jantar com uns amigos. Foi uma noite particularmente sombria, pois o grupo não podia ter sido pior. Era um grupo enfadonho, cujos componentes fumavam cigarros e comiam bifes sem parar e só tinham uma coisa em comum: eram mal-agraçados no dia em que as pessoas deveriam ser agradecidas. Na volta para casa, o tio, irmão de sua mãe, que ela havia visto poucas vezes antes, mais bêbado que um gambá, fingindo estar interessado no seu belo colar, aproveitou para roçar as costas da mão em seus seios. Em seguida, perguntou se poderia subir com ela ao apartamento. Mirabelle lançou-lhe um olhar frio e direto. Disse-lhe simplesmente: "Vou contar para a mamãe." O tio, fingindo não ter entendido, levou-a cambaleando até a porta do prédio, despediu-se, virou as costas, entrou no carro e se mandou.

Agora Mirabelle já está em casa e não consegue lembrar do que pensou enquanto dirigia. Estaciona o carro na vaga reservada para ela na garagem revestida de sarrafos. Carrega uma sacola de compras, sua bolsa e uma caixa de papelão vazia. Sobe os dois andares que levam ao seu apartamento insular, que parece estar pendurado no ar sobre a cidade de Los Angeles. À frente da porta do apartamento, põe a sacola no chão e procura a chave na bolsa. É neste momento que vê uma caixa retangular encostada na porta. Ela foi embrulhada em papel marrom, enviada pelo correio, tem uma fita adesiva larga de lado a lado, e o tamanho de uma caixa de sapatos.

Mirabelle usa o ombro para abrir a porta que, por causa das chuvas recentes, ficou levemente emperrada. Põe a caixa na mesa da cozinha, enche uma tigela com comida de gato e checa a secretária eletrônica atrás de mensagens. Mas ninguém lhe deixou mensagem alguma. Senta-se à mesa da cozinha e com uma tesoura corta o papel que envolve a caixa. Surpreende-se ao ver um estojo vermelho com um laço de fita branco que não deve ter custado

barato. Corta o nó da fita, abre o estojo e vê uma camada de papel de seda e sobre ela um pequeno envelope. Estuda a parte da frente e depois o vira, mas não há nada escrito.

Ela levanta a camada de papel de seda e descobre as luvas de cetim prateadas Dior que vendeu na última sexta-feira. Abre o envelope e num pequeno cartão está escrito: "Gostaria de jantar com você." Logo abaixo, a assinatura: Ray Porter.

Mirabelle larga a caixa em meio à miscelânea de papéis sobre a mesa e começa a circular nervosamente pelo apartamento. De vez em quando, volta para perto da mesa, mas não tem coragem de tocar as luvas. Não entende o que está se passando.

monotonia

A AMBIÇÃO DE MIRABELLE MEDE a décima parte de um por cento do que pode ser considerado normal. Ela trabalha na Neiman's há quase dois anos, sem ter progredido um centímetro. Como se considera antes de tudo uma artista, vê como imaterial qualquer outro tipo de trabalho que faça. Pouco lhe importa se está vendendo luvas ou repintando paredes, pois seu verdadeiro trabalho é exercido à noite com *crayon* e papel. Assim sua ambição é zero nesses empregos diurnos e deixa ao acaso sair de um emprego e começar em outro. Nunca se deu conta de que a maioria das pessoas luta como gatos furiosos por promoções. Quando se candidata a um emprego, simplesmente apresenta um resumo do que já fez, preenche o formulário, espera algum tempo e finalmente dá um telefonema para ver se conseguiu o cargo ou não. Em geral, quem atende o telefone é uma secretária muito ocupada que lhe informa que a vaga foi preenchida há algumas semanas. Essa sua falta de objetividade contribui para que se sinta deslocada.

Apesar da falta de ambição, se sente motivada a visitar galerias e apresentar seus desenhos para o *marchand*. Estabeleceu uma relação com uma galeria de Melrose que eventualmente aceita um dos seus desenhos para vendê-lo seis meses depois. É claro que o que recebe não é o bastante para dispensar o emprego no setor de luvas da Neiman's. Além disso, a inspiração requerida para o desenho consegue exauri-la. Na verdade, até gosta da monotonia do seu trabalho no *shopping*. De certo modo, quando está de pé, atrás do balcão, com os tornozelos cruzados, sente-se perfeita. E mais: gosta da sensação de dever cumprido que lhe dá o trabalho que se repete todos os dias da mesma forma.

Na hora do lanche, no Time Clock Café dá de cara com Lisa. Tem a impressão que todos os seus pensamentos, suas características e crenças foram virados de cabeça para baixo e decorados por uma cabeleira ruiva. Lisa, entediada e curiosa sobre Mirabelle, da mesma forma

que um gato sente curiosidade por um cisco de poeira, convida-a a sentar-se à sua mesa. A curiosidade de Lisa tem garras e sabe que, ao se aproximar de Mirabelle, tem de ser tão benigna quanto ela se quiser extrair o máximo de informações. Se Immanuel Kant passasse por elas, depois de sua sessão de análise em Beverly Hills, veria logo que Lisa é toda fenômeno, ou seja, sensorial, e Mirabelle é toda númeno, ou seja, planejadora; Lisa é aparência; e Mirabelle, essência.

Mirabelle tem uma tendência a discutir banalidades sem se cansar. Neste sentido, é irmã de sangue de Jeremy. Pode falar sem parar sobre estocagem de luvas. Como seu sistema é melhor do que o utilizado atualmente pela Neiman's ou sobre como seu supervisor ficou irritado ao descobrir que ela havia separado as luvas por tamanho e não por cor.

Hoje ela fala com Lisa sobre as complicações de trabalhar na Neiman's, incluindo as aberrações de personalidade de seus muitos chefes. Isso leva algum tempo, uma vez que praticamente todo mundo na Neiman's é seu chefe. Os comentários de Mirabelle não pretendem ser críticos; pretendem ser apenas observações gentis. Isso confunde Lisa, que não consegue discernir um motivo ulterior nas suas palavras. Tom, que observa Mirabelle todos os dias na hora do almoço, vê as duas conversando e enquanto come um sanduíche tenta ler seus lábios. Ele também notou que as pernas de Mirabelle estão levemente separadas, o que possibilita o espaço para ter uma generosa visão. Isso o mantém à mesa um pouco mais tempo do que de costume e faz com que peça uma sobremesa a cujas calorias não pode se dar ao luxo. De qualquer modo, o constante cruzar e descruzar de pernas cria uma enorme expectativa em Tom, gerando nele uma compensadora adrenalina devoradora de calorias. De repente, Lisa se inclina e mostra boa parte dos seios, o que queima as últimas calorias da sobremesa dentro de Tom.

Mirabelle conta a Lisa sobre o misterioso presente que recebeu sem perceber que acaba de permitir a entrada da ruiva no seu círculo para uma só pessoa. Lisa mostra-se positivamente interessada, mas, por dentro, essa história a deixa doente, porque aconteceu com outra pessoa. Lisa só pode pensar que o caminho trilhado pelo homem que mandou as luvas para Mirabelle deveria

estar fora da sua órbita. Em seguida, Lisa dá um conselho, uma coisa tão estranha, vinda de quem vem, que Mirabelle não consegue entender. O conselho é abrangente. Vai desde Mirabelle demonstrar-se distante, checar o cartão de crédito de Ray, até reembrulhar as luvas e devolvê-las ao remetente, fingindo ignorar o conteúdo. A verdade é que o tópico excita tanto Lisa, que ela se esquece da postura reticente que tinha resolvido usar e revela sua parte mais profunda e sombria:

— Quando um homem se aproxima de mim, eu sei exatamente o que ele quer. Ele quer me foder.

Isso causa uma tensão em Mirabelle que a faz fechar prontamente as pernas, o que faz com que Tom peça imediatamente a conta.

— E se eu gostar dele, eu fodo com ele e fodo muito até que ele fique viciado em mim. Aí paro de trepar com ele. Neste momento ele está com meu anzol enfiado tão profundamente na garganta que nunca vai conseguir se desvencilhar dele.

Esta é a extensão, a profundidade e o limite da filosofia de vida de Lisa. Ao ouvir isso, Mirabelle, que ia tomar o resto do café, mantém a xícara no ar e olha impressionada para Lisa, como se estivesse vendo a primeira prova de que existe vida fora da terra. Discretamente, Mirabelle muda de assunto, elas trocam algumas poucas impressões sobre outras coisas, dando assim a Lisa o tempo necessário para descer à terra novamente. Finalmente as duas dividem a conta.

Lisa usou toda sua inteligência e intuição, que não é pouca, e focalizou um olho ciclópico nas séries de TV restritas às quatro quadras de Beverly Hills, resumindo assim sua vida. A inteligência de Mirabelle está acumulando informações que continuam aglutinadas e que não deverão descongelar ainda por muitos anos. Sempre teve a sensação de que a faixa dos trinta aos quarenta seria a melhor da sua vida. Como ainda está nos vinte e oito, não há por que ter pressa.

O resto do dia e dos dois dias seguintes seguiram em ritmo de letargia sincopada. Para Mirabelle, como eles seguem tão vagarosamente que é impossível medi-los pelos cliques de um metrônomo, o tempo é medido pela hora do lanche, do fechamento e da chegada de clientes ocasionais no intervalo. Essa monotonia só é quebrada quando Mirabelle é envolvida pela curiosidade sobre o presente que recebeu e a lembrança que tem da imagem do homem que o enviou. Eventualmente as manhãs são mais movimentadas, e entre os curiosos alguns fazem uma ou outra compra. A maioria, porém, passa os olhos pelo setor de luvas como se estivesse olhando num estereoscópio à procura de alguma foto do século XIX. A atividade do cérebro de Mirabelle, se pudesse ser medida por um eletroencefalógrafo, cairia a um nível que muitos cientistas interpretariam como sono. Na quinta-feira à tarde, Mirabelle é trazida de volta à vida por uma turista japonesa entusiástica que não pode acreditar na sorte que teve de esbarrar no setor de luvas. Compra logo doze pares para serem embarcados num navio para Tóquio. Isso envolve tomar nota do endereço, calcular o custo da expedição, embrulhar e inscrever cartões para presente. A mulher quer o nome da Neiman's em tudo, incluindo os cartões para presente, e Mirabelle sai pela loja atrás de uma variedade antiga de cartões e papéis de embrulho com o nome da firma estampado. No mundo de Mirabelle isso eqüivale a correr um quilômetro em três minutos, o que a deixa exausta, queixosa, e ansiando por voltar para casa e meter-se na cama. Finalmente, depois de concluir o último detalhe da transação global, ela agradece à mulher com a única palavra estrangeira que a Neiman's exige que seus empregados saibam: *arigato*. A mulher pega o recibo, enfia-o na sacola de compras que já contém muitos outros artigos, agradece a Mirabelle, inclinando a cabeça e caminhando de marcha a ré nessa posição por uns doze passos até virar-se abruptamente e dirigir-se ao setor de alta costura. Só neste momento Mirabelle se dá conta da presença de um homem numa extremidade do balcão. Ele sorri para ela e diz:

— E então, vai jantar comigo?

Como Mirabelle não diz nada, ele continua:

— Sou Ray Porter.

— Oh! — ela diz.

— Desculpe por ter me precipitado — diz o homem —, mas acontece que estou praticando uma nova filosofia de vida que envolve ser um pouco mais atrevido.

Enquanto o Sr. Porter explica o que o motivou a enviar-lhe as luvas, Mirabelle aproveita para examiná-lo de cima a baixo. Embora enferrujada, sua intuição o absorve imediatamente e não ouve nenhum sinal de alarme. Ele se veste como um homem de negócios, mesmo sem gravata: um terno azul bem-cortado. Em todos os aspectos — altura, peso, tamanho —, ele lhe parece uma pessoa absolutamente normal. Checa seus sapatos e os aprova. Só então nota, na fração mínima de tempo em que o examinou, que ele tem uns cinqüenta anos.

Mirabelle esquece-se completamente das complicadas instruções de Lisa e com toda a simplicidade do mundo pergunta ao Sr. Ray Porter quem ele é. Ele lhe diz que mora em Seattle, mas tem um lugar em Los Angeles por causa dos negócios. Pergunta-lhe se é casado, e ele responde que se divorciou há quatro anos. Pergunta-lhe se tem filhos, e ele diz que não. A pergunta que ela não faz, mas que esteve o tempo todo à frente de todas as outras em sua mente, é: "Por que eu?" Durante as negociações sutis, fica determinado que ele se encontrará com ela num restaurante italiano de Beverly Hills às oito da noite de domingo. Ela agradece quando ele se oferece para apanhá-la em casa, e o Sr. Ray Porter concorda facilmente com a negativa. Isso a livra das preocupações de jantar com um homem totalmente estranho, pois voltará para casa no seu próprio carro. Ele tem um modo simples que a deixa à vontade, e cada um diz uma frase que se pretende humorística. Ambos olham em volta para ver se alguém os observa, e ele parece ciente de que empregados não deveriam ficar conversando com os clientes, embora o contrário seja bastante comum. Ele recua enquanto pensa que necessitará de um mapa para encontrar a sessão de luvas outra vez. Diz alguma coisa sobre o prazer de jantar com ela, cora levemente e desaparece num canto alguns segundos depois.

sr. ray porter

NÃO HÁ NADA DE MUITO MISTERIOSO em relação ao Sr. Ray Porter, pelo menos no sentido usual da palavra. É solteiro, gentil, tenta fazer as coisas certas e não entende a si mesmo nem suas relações com mulheres. Mas há uma verdade sobre ele que pode ser dita de um homem que convida uma mulher para jantar fora antes mesmo de trocar com ela uma só palavra de cunho pessoal. O Sr. Ray Porter está à procura de alguém. Ele não conhece Mirabelle. Apenas a viu duas vezes, e ainda assim rapidamente. Ele reagiu a alguma coisa visceral, mas essa coisa visceral só existe *dentro* dele e não *entre* ele e Mirabelle. Pelo menos, não ainda. Ele pode apenas imaginar o caráter que une suas roupas, sua pele e seu corpo. Ele passou a semana imaginando o prazer de tocá-la e imaginando o prazer que ela sentiria em ser tocada. Ela é o objeto feminino que atua sobre o melhor da sua parte animal.

Extrapolando a partir do pulso de Mirabelle, ele compreende o terreno do pescoço de Mirabelle, imagina o vale entre seus seios e chega à conclusão de que pode perder-se dentro dela. Não sabe quais são suas intenções posteriores em relação a ela mas sabe que não vai tentar ganhá-la a qualquer custo. Se sentisse que poderia magoá-la, ele recuaria. Mas ele ainda não entendeu como e quando as pessoas se magoam. Não compreende as sutilezas de desdêns e dores. Não entende que não são os grandes acontecimentos os que mais ferem mas, ao contrário, aqueles menores como uma súbita mudança de tom no fim de uma frase; aqueles menores que escavam mais profundamente no coração. Para ele, aparentemente, não existe nada no mundo dos relacionamentos que se prova verdadeiro de um modo geral. Para ele, nada segue uma seqüência lógica, e sua busca pela coesão o deixa sem respostas.

Seu gesto em relação a Mirabelle não é coisa comum em sua vida. Não anda mandando luvas pela cidade. Seu ato foi espontâneo, uma reação específica a algo que existe nela. Talvez

tenha sido sua postura; a quinze metros ela lhe pareceu sofisticada e atraente. Ou talvez tenha sido atraído pelos dois pontos negros dos seus olhos que a fizeram parecer inocente e vulnerável. Não importa o que tenha sido. Para o Sr. Ray Porter tudo partiu de um espaço mínimo dentro de si e que ele não poderia identificar nem mesmo sob tortura.

Sua pequena casa e o que tem dentro dela nas colinas de Hollywood contam uma história bastante simples: o Sr. Porter tem dinheiro. O suficiente para jamais ter problemas em qualquer lugar e a qualquer tempo. Uma vez dentro de casa, o que denuncia a riqueza é a iluminação. Pequenos *spotlights* alternados dão ao ambiente uma claridade suavemente dourada que significa um "decorador". A casa, seu segundo lar, usada apenas para negócios, não está cheia de objetos pessoais. É exatamente esta qualidade anônima, esta sensação de estar de férias num hotel de luxo, que faz com que você queira tirar a roupa e começar a transar. No quarto de dormir em frente a uma cama antiga há uma lareira; e na estante sobre ela, fileiras de livros — todos não-ficção —, e a maioria com marcadores de páginas. Da casa pode se ver quase toda a cidade, uma paisagem tão casualmente negada a Mirabelle.

O esmero que pode ser notado em cada pequena mesa, em cada cômoda, em cada objeto do banheiro, cozinha e sala, não é uma característica de Ray Porter. O esmero, porém, é uma qualidade que ele admira e portanto a compra, contratando uma empregada obsessiva com a limpeza.

Há dois carros na garagem. Um é um Mercedes cinza; e o outro, um Mercedes cinza. O segundo Mercedes cinza é usado para guardar seu equipamento esportivo, para que ele não tenha de carregar e descarregar o carro toda vez que sinta vontade de dar uma volta de bicicleta. Uma armação de pano com vários bolsos está pendurada de modo incongruente no banco de trás. No porta-malas está seu equipamento de tênis. Quando Ray Porter decide enfrentar o destino e fazer exercícios no meio do trânsito, ele usa uma versão século XXI de armadura que oferece proteção semelhante, mas não o mesmo romantismo: na cabeça usa um capacete que termina em forma de bico e protetores nos cotovelos e nos joelhos. Usa isso o ano

inteiro, o que o torna mais singular nos três meses de verão, quando se exercita com capacete, enormes protetores pretos nos joelhos e nos cotovelos e um calção de banho. Quando anda na sua bicicleta pelas ruas de Seattle vestido desse jeito, a única diferença entre Ray Porter e um inseto é o seu tamanho.

A cozinha é a parte menos usada da casa. Desde que se divorciou, ela se tornou uma espécie de sala de estar: apenas para exibição. Geralmente, faz suas refeições sozinho, fora de casa, ou preenche suas noites com amigos ou com eventuais encontros com moças. Esses encontros para jantar que funcionam para preencher sua solidão entre oito e onze horas da noite lhe causam mais pesar do que um ano de confinamento. Embora se pareçam com encontros amorosos e soem como encontros amorosos — e eventualmente podem resultar numa relação —, para ele não são exatamente encontros amorosos, mas noites amigáveis que podem acabar na cama. Incorretamente, ele parte do princípio de que as mulheres com quem se encontra pensam como ele. Por isso fica invariavelmente surpreso quando uma ou outra das mulheres com as quais sai durante meses e com as quais teve várias relações sexuais considera que eles sejam um casal.

Essas experiências fizeram-no pensar muito sobre o que faz e para onde vai. O resultado de toda essa reflexão é que ele continua sem saber o que fazer e para onde ir. Sua vida profissional funciona de modo perfeito, mas na sua vida romântica ele é um adolescente e começou a se educar sobre um assunto ultrapassado há mais de trinta anos.

Seu interesse em Mirabelle foi despertado pela sua parte que acredita que pode tê-la sem obrigações. Acredita que pode existir com ela das oito às onze horas da noite, quando entrarão num mundo pessoal criado por eles, e que cessará quando não estiverem juntos. Acredita que este mundo será independente dos outros mundos que ele pode criar em outras noites e em outros lugares. Mais ainda; não tem intenção de permitir que isso afete sua verdadeira busca por uma companheira. Ray pensa que neste caso com Mirabelle o que será trocado entre eles terá exatamente o

mesmo peso e que ambos reconhecerão os benefícios mútuos. O problema é que ele escolheu Mirabelle apenas por tê-la visto e se interessado pelo que viu. Não consegue entender que a fragilidade dela, que ele farejou e sentiu e pela qual se deixou atrair, está aninhada profundamente no seu coração e é parte da sua natureza, e que ele não poderá separá-la dela para foder.



Ray e Mirabelle têm idéias similares sobre como se vestir. Ele gosta de vestir-se com estilo, embora seja um estilo modificado e apropriado para sua idade. Tem inúmeros ternos de tecidos finíssimos e seu dinheiro permite que, às vezes, cometa erros e logo se livre deles. As roupas que usa em Los Angeles permanecem em seu armário em Los Angeles, o que permite que vá e volte para Seattle sem precisar de mala. A desvantagem desse arranjo é que ele, depois de passar três semanas em Seattle, voltará para sua casa em Los Angeles e ao vestir uma camisa terá a sensação de que apresentará um visual novo. Já seus amigos de Los Angeles não verão isso. Verão que ele está vestindo a mesma camisa que vestiu da última vez em que se viram.

Sua aversão a malas (que acabou fazendo com que comprasse uma casa em Los Angeles para poder guardar suas roupas) nasce de uma mania levemente obsessiva de bem administrar seu tempo. Ficar parado em frente a uma esteira rolante, sendo acotovelado por passageiros enquanto observa centenas de malas à espera daquela que confira com o número da sua passagem e que acaba sempre se extraviando, não combina com sua lógica. Não tem tempo para se desesperar, especialmente quando pode resolver esse tipo de situações comprando uma casa. Essa necessidade por eficiência dita as normas da maioria dos seus movimentos diários. Ao preparar seu café da manhã, por exemplo, ele primeiro executará tudo o que tem de fazer de um lado da cozinha antes de iniciar o que tem de fazer no outro. Ele jamais se levantaria da mesa para ir até o refrigerador para apanhar um suco de laranjas para depois ir até o armário para apanhar um pacote de cereais para depois voltar ao refrigerador para pegar o leite.

Esse comportamento está enraizado numa lógica oculta de um robô programado para ser eficiente.

Felizmente, esse modo de agir não está inteiramente fixado dentro dele. Aumenta durante o tempo em que tem de fazer negócios e diminui para quase desaparecer à noite ou durante as férias. De qualquer modo, o comportamento acaba se traduzindo em formas tão remotas do impulso original que eventualmente se tornam irreconhecíveis. Sua atração por Mirabelle é uma abstração do seu comportamento: sua aparência esmerada e sua simplicidade representam para ele uma economia que não encontra em outras mulheres.



Ray Porter estaciona o carro e entra em casa do modo mais eficiente. A porta da garagem se fecha por controle remoto enquanto ele ainda está no carro reunindo seus jornais e documentos. Isso faz com que não seja necessário parar à porta da cozinha e acionar o controle remoto interno. Essa pequena abreviação de tempo é uma segunda natureza. Uma vez dentro de casa, ele deposita os documentos no balcão da cozinha, embora eles devessem ser postos sobre a mesa do seu escritório. Isso ele fará mais tarde, quando tiver de passar pela cozinha para ir ao escritório. Não há razão para levá-los ao escritório, quando terá de voltar à sala de estar a fim de telefonar ao restaurante e fazer as reservas para o jantar de domingo.

Ele se senta no sofá, liga a televisão no canal de notícias, começa a ler o jornal enquanto telefona para o restaurante. Faz a reserva num lugar pequeno mas aconchegante em Beverly Hills. Chama-se La Ronde, um restaurante italiano com nome francês. Reservados com pórticos italianos oferecem a quietude e privacidade desejados por um homem de cinqüenta anos acompanhado de uma mulher de vinte e oito com aparência de vinte e quatro. Depois de ouvir as notícias e ler o jornal até ficar completamente entediado, ele começa a fazer o que realmente sabe fazer melhor. Levanta a cabeça em direção à paisagem que a essa altura se transformou numa cortina de veludo preta decorada por estrelas brilhantes e começa a pensar. Passam pela

sua cabeça ondas de cadeias lógicas, códigos de computador, situações não resolvidas e tentativas de solução, estruturas matemáticas complicadas, palavras, falsas ilações. Geralmente, essas cadeias de pensamentos revelam apenas conclusões sem sentido. Outras vezes, formam alguma coisa concreta; alguma coisa que ele pode vender. Essa habilidade de focalizar o essencial entre um emaranhado de supérfluos fez com que ganhasse milhões de dólares. É difícil explicar como isso funciona para pessoas comuns, exceto para dizer que a fonte da sua fortuna está embebida numa cadeia cibernética tão fundamental que para mudá-la agora teríamos de reorganizar o mundo inteiro. Ele não está podre de rico. Sua contribuição é apenas uma linha mínima de um dos primeiros códigos cibernéticos que ele registrou e cuja necessidade foi essencial.

Hoje à noite, porém, a excursão mental não o levou a lugar algum, e ele acaba telefonando para uma namorada de Seattle ou, como ele prefere pensar, para uma mulher de Seattle que, além de ser sua amiga, faz sexo com ele e está perfeitamente informada de que eles jamais formarão oficialmente um casal.

— Oi — diz ele.

— Oi — responde ela. — O que você está fazendo?

— Nada de importante, olhando para os meus joelhos.

Tudo bem com você?

— Tudo — responde ela.

Sente que ela está irritada com alguma coisa e faz algumas perguntas. Ela acaba falando de suas preocupações, a maioria delas ligada ao trabalho. Ele ouve atentamente como se fosse um advogado especializado em divórcios. A conversa finalmente perde o gás.

— Bom, bom saber disso — diz ele. — Eu te vejo quando voltar. A propósito, acho que devo te dizer uma coisa: marquei um encontro com alguém para o domingo. Achei que você merecia saber.

— Tudo bem, tudo bem — replica ela. — Você não precisa me contar tudo. Simplesmente, não precisa. Mantenha algumas coisas só para você.

— Eu não deveria ter lhe dito? Não deveria?

Ela tenta explicar mas não consegue. Ele tenta entender mas não consegue. Compreende que tocou numa área para a qual a lógica não se aplica. Limita-se a ouvir e aprender a lição para uma próxima ocasião.

Essa informação, esse treinamento anedótico na compreensão das mulheres que nasceu da experiência, dos livros, dos conselhos e principalmente dos sentimentos feridos a ele atribuídos, não se encaixa em nenhum compartimento prévio da sua experiência, e ele acabou criando um novo banco de memória para arquivar tudo o que diz respeito a esse item. Este banco de memória específico não é nada coerente. Ocasionalmente, sua parte mais coerente tenta reorganizá-lo como um garoto arrumando seu quarto. Quando, porém, tudo está em ordem, surge uma metáfora, e dois dias depois o quarto já está uma bagunça.

Esses encontros com mulheres são provavelmente as experiências que mais prevaleceram desde que fez cinquenta anos. Ele está coletando prazeres e dores provocadas por seus encontros com bailarinas e bibliotecárias, mulheres decentes sem os feromônios certos e malucas de pedra. Ele parece um bebê tentando descobrir o que é quente demais para ser tocado e espera que toda essa experiência redunde numa filosofia de vida ou, pelo menos, numa filosofia de relacionamentos que se transformará em um instinto. Essa missão, disfarçada de namoro, é necessária porque quando jovem ele fracassou no exercício de observar as mulheres de modo apropriado. Ele nunca as dividiu em tipos ou as catalogou por suas neuroses de modo a poder identificá-las na primeira pista que lhe dessem. Ele agora está tentando um curso de recuperação em Foda I, para aprender como lidar com as diatribes, atitudes inexplicáveis, insultos, mal-entendidos que para ele formam a inevitável conclusão para o silogismo do sexo. Mas ele não tem consciência da sua missão: acha que é apenas um solteirão se divertindo.

Hoje à noite, depois de pensar olhando a paisagem, ele telefona para um restaurante e pede um jantar apropriado para um homem de cinquenta anos. Isso é mais fácil em Los Angeles do

que em Seattle, uma vez que todas as refeições entregues a domicílio na maior parte do país envolvem gordura e colesterol. Em Los Angeles, entretanto, não importa o quão complicado seja o caminho até sua casa, em pouco tempo você recebe na porta um hambúrguer vegetal ou *sushi*. Em Los Angeles você pode viver num apartamento mínimo, no menor beco sem saída da cidade e vinte minutos depois de telefonar fazendo um pedido, alguém baterá à sua porta trazendo inhame frito e bolo de carne sem carne nenhuma. Se o jantar solitário de Ray fosse transmitido via satélite, o mundo descobriria que milionários também fazem suas refeições de pé na cozinha, usando garfos de plástico para tirar a comida de dentro de sacos de papelão branco. Mirabelle sabe que não deve fazer isso, pois preparar o jantar é um grande passatempo e deve-se usar muito tempo para prepará-lo.

Depois da chegada da sua refeição que veio dentro do menor carro que já tinha visto em sua vida, Ray Porter ligou a pequena TV que fica na cozinha e começou a navegar pelos inúmeros canais com o controle remoto. Neste momento ele se transforma na alma gêmea de Jeremy. Seus corações transformam-se em um, enquanto ambos comem do saco de papelão branco e passam em revista todos os canais, marcando o tempo pelas batidas de pé contra o chão. Jeremy e Ray são quase indistinguíveis não fosse pelo fato de que um assiste à TV na cozinha de uma casa de dois milhões de dólares e de onde se pode ver quase toda a cidade e o outro num quarto em cima de uma garagem que pode ser visto por quase toda a cidade. Se o Sr. Ray Porter soubesse para onde mirar seu telescópio ele poderia até ser capaz de espiar trinta quilômetros além, em Silverlake, na janela de Jeremy. E se Jeremy não estivesse tão entorpecido até poderia acenar para ele. E se três linhas fossem traçadas ligando as casas de Jeremy e de Ray ao modesto apartamento de Mirabelle, o vértice do triângulo apontaria com precisão a improvável conexão entre esses dois homens tão absolutamente diversos.

O Sr. Ray Porter deita-se na cama e fecha os olhos. Visualiza Mirabelle sentada sobre o seu peito vestindo a mesma saia simples de algodão amarelo que usava da primeira vez que a viu. Ele imagina a saia sobre a sua cabeça de modo que pode ver suas coxas, seu

ventre e sua calcinha de algodão branco. A luz da lâmpada penetra na saia e espalha um brilho amarelo sobre tudo na sua pequena tenda; um pôr-do-sol de carne e tecido que o leva a um orgasmo onanístico. Agora, saciado e em silêncio, a imagem de Mirabelle, como um fantasma, continua na sua mente. Logo, porém, uma sucessão arbitrária de palavras, símbolos e marcas atravessa seu cérebro afastando do caminho qualquer outro pensamento ou imagem. Minutos mais tarde, mente clara, ele cai no sono.

encontro

O PRIMEIRO DILEMA DE MIRABELLE É O manobrista. Ela não pode se dar ao luxo de pagar três dólares e cinquenta centavos mais a gorjeta para alguém estacionar o seu carro. Mas o estacionamento é restrito, e ela terá de deixar seu carro a várias quadras do restaurante se não quiser pagar pelo serviço. Decide que não será elegante chegar num primeiro encontro com o cabelo em desalinho. Encosta o carro no meio-fio e recebe o recibo do manobrista, rezando para que o Sr. Ray Porter tenha piedade de uma jovem que traz na bolsa não mais de oito dólares. O carro desaparece conduzido pelo empregado, e Mirabelle puxa a porta do restaurante, mas ela não abre. Ela empurra a porta e então se dá conta de que está tentando abrir o lado da dobradiça. Finalmente empurra o lado correto, puxa, e a porta por fim se rende. Ela entra numa pequena caverna escura, certamente não é o *point* da cidade. Ela vê uma espécie de corpo de jurados de velhos clientes, a maioria usando *blazers* com botões dourados e colarinhos altos. Mas nem tudo está perdido. Um jovem ator de uma série televisiva, Trey Bryan, está sentado num canto com alguns homens que lembram executivos do *show business*. Sua presença é a única coisa que faz com que o restaurante não pareça completamente careta. O *maître*, que já foi um italiano deslumbrante, aproxima-se dela com um "*Buona sera*", e Mirabelle se pergunta o que ele terá dito.

— Tenho um encontro com o Sr. Ray Porter — ela tenta.

— Ah! Prazer em vê-la novamente. Por aqui, por favor.

Ele conduz Mirabelle e passam por várias banquetas forradas de couro em volta de uma treliça. Num reservado grande demais para duas pessoas está Ray Porter. Está olhando para um bloco de notas e não a vê no primeiro momento, mas olha para cima quase que imediatamente. A iluminação incandescente filtrada pelas cúpulas vermelhas é capaz de animar o cliente mais deprimido. Para Ray, ela

parece ainda melhor do que quando a viu na Neiman's. Ele se levanta, cumprimenta-a e a convida a sentar-se à sua direita.

— Você lembra o meu nome? — pergunta ele.

— Claro, e lembro também dos momentos excitantes que vivemos juntos.

— Gostaria de tomar um drinque?

— Vinho tinto? — pergunta ela.

— Você gosta de vinho italiano?

— Não tenho certeza do que gosto. Ainda estou estudando a matéria.

Ray Porter está aliviado. Pode desejá-la e gostar dela ao mesmo tempo. O garçom se aproxima, e Ray pede dois copos do Barolo que escolheu da carta de vinhos. Mirabelle brinca com sua colher.

— Então, por que você decidiu sair comigo? — Ele ajeita o guardanapo sobre as pernas.

— Esta não me parece uma pergunta educada. — Mirabelle coloca na voz o tom certo de timidez.

— Tem razão — diz Ray Porter.

— E você, por que me convidou para jantar? — diz Mirabelle.

A resposta fundamentalmente simples para esta pergunta raramente é enunciada. E a resposta verdadeira não ocorre a Ray, a Mirabelle e nem mesmo ao garçom. Felizmente, Ray Porter tem uma réplica lógica e evita o silêncio, que seria constrangedor para ambos.

— Se fazer esse tipo de pergunta não é educado para mim, o mesmo vale para você.

— É justo — diz Mirabelle.

— É, é justo — diz Ray Porter.

E eles sentam, ambos lutando interiormente para saber o que dizer em seguida. Finalmente, Mirabelle descobre o que dizer.

— Como você conseguiu meu endereço?

— Você vai ter de desculpar o que fiz. Menti na Neiman's e descobri seu sobrenome. Depois liguei para Informações.

— Você já havia feito isso antes?

— Acho que já fiz de tudo antes, mas, pensando bem, não. Não creio que tenha feito isso antes.

— Obrigada pelas luvas.

— Você tem alguma roupa que combine com elas?

— Tenho. Camiseta e calcinha.

Ele olha para ela e se dá conta da piada.

— O que você faz? — pergunta ele.

— Não entendi.

— Quero dizer, além de trabalhar na Neiman's?

— Sou artista. Quer dizer, desenho. Sei desenhar.

— Eu não sei riscar uma linha reta. Um guardanapo de papel tem menos valor depois de eu ter rabiscado alguma coisa nele. O que você desenha?

— Geralmente, coisas mortas.

A esta altura, Ray Porter imagina abaixo da superfície psíquica de Mirabelle um *iceberg* completamente diverso daquele que realmente existe.

Chega o vinho que o garçom serve em silêncio. Quando ele se afasta, os dois voltam a falar.

Ela lhe faz perguntas pessoais. Enquanto as responde, ele mantém os olhos na linha abaixo do seu pescoço na blusa branca engomada, cuja gola se abre e fecha conforme ela respira. Os poucos centímetros de espaço permitem que ele veja sua pele imediatamente acima dos seios, aninhando-se no branco de seu sutiã. Ele gostaria de enfiar a mão delicadamente no decote discreto e deixar suas impressões digitais no corpo da moça. Ela o observa diretamente quando ele não está notando e ele faz a mesma coisa. Em verdade, olham-se ao mesmo tempo, mas seus olhares jamais se cruzam.

Eles fazem a conversa durar até a chegada da conta, quando aparentemente se acabam os tópicos de discussão. Então começam a tratar da parte prática do encontro, aquela parte na qual telefones são trocados e são indicados os melhores horários para telefonar. Ray Porter dá a Mirabelle, além do seu número em Los Angeles, o do seu telefone particular, linha direta, em Seattle.

Quando deixam o restaurante, num gesto de proteção, ele passa a mão em seus ombros ao cruzarem a porta. É o primeiro contato físico entre eles, e não passa despercebido quer ao subconsciente dele quer ao dela.

O carro de Mirabelle chega primeiro e ela se dirige à porta aberta enquanto procura a gorjeta na bolsa. Fica aliviada quando ouve o rapaz do estacionamento dizer que já recebeu sua gratificação.

Ela dirige para casa sem saber ao certo o que está sentindo, mas ainda apreciando a lembrança do que foi provavelmente o primeiro jantar realmente caro da sua vida. Ao chegar em casa, encontra na secretária eletrônica uma mensagem de Ray Porter convidando-a para jantar com ele na próxima quinta-feira. Há também um recado de Jeremy pedindo-lhe que ligue para ele ainda naquela noite. Os genes que cuidam da sua responsabilidade fazem com que retorne o telefonema, mesmo já sendo quase meia-noite.

— Sim! — Jeremy acredita que isso é um modo esperto de atender o telefone.

— Você pediu para eu ligar? — pergunta Mirabelle.

— Pedi, obrigado. Ih, oi, o que é que você está fazendo?

— Você quer dizer, agora?

— É, não gostaria de dar uma passadinha por aqui?

Mirabelle pensa em Lisa. Pergunta-se como ele pode ter-se viciado nela tão rapidamente. Uma noite de sexo flácido, longe do minimamente razoável, e ele já estava mendigando um biscoito como um cão faminto. Imagina que a secretária eletrônica de Lisa deve estar explodindo de mensagens de amantes implorando por um novo encontro.

— Venha até aqui — diz Jeremy.

A insistência dele faz com que todos os elétrons do corpo de Mirabelle a impulsionem para ele. Quando atendeu o telefone sua atração por ele estava largada no pólo sul e agora se encontra em plena zona tropical. Pensa que ele ligou na hora perfeitamente errada para tentar obter dela o que ela tentou obter dele, uma rapidinha. Ela sente-se, de certa forma, comprometida com o Sr.

Ray Porter. O primeiro encontro com alguém que a trata com gentileza faz com que ela se sinta na obrigação de ser fiel, pelo menos até a relação ser mais explorada. Não quer trair uma promessa que não fez a Ray, mas que sente dentro de si. Mas Mirabelle é gentil demais, mesmo quando não precisa ser, e acha que deve, pelo menos, conversar alguns momentos com Jeremy. Afinal de contas, ele não tinha sido tão horrível. Ela diz:

- É muito tarde.
- Não é não.
- É muito tarde para mim que tenho de acordar cedo.
- Ah, venha...
- Já disse que é tarde.
- Ah, venha...
- Não.
- Não é tão tarde assim.
- Não.
- Você quer que eu dê um pulo aí?
- Já disse que é muito tarde.
- Posso estar aí em dez minutos.
- Não.
- Quer me encontrar em outro lugar?
- Não posso.
- A gente podia se encontrar em qualquer outro lugar.
- Tenho de desligar.
- Eu poderia passar aí e sair cedo para você poder dormir.

Mirabelle acaba por convencê-lo que de jeito nenhum, nem agora, nem naquela noite nem nunca ele conseguirá levá-la para a cama se ela não quiser e finalmente consegue fazê-lo desistir e desligar. O incidente com Jeremy maculou os acontecimentos, e Mirabelle levou algum tempo para voltar ao estado de espírito anterior à sua conversa com ele.

Ela arruma uma coisa aqui e outra ali na cozinha e lembra de passagens da noite e, principalmente, que este foi o único jantar em muitos anos que não lhe custou um centavo. Está satisfeita pelo fato de ter-se comportado à altura da ocasião; de ter

entrado num novo mundo e se sentido à vontade. Ela dera alguma coisa de retorno à pessoa que a convidou para jantar. Ela contou piadas, foi sofisticada, e ele aparentemente a achou bonita e inteligente. Ela foi atraente e soube ouvir. Como recompensa, ele passou o braço em seus ombros, pagou o estacionamento e o belo jantar. Para Mirabelle esta troca parecia justa e decidiu que no próximo encontro, se ele pedisse, ela o beijaria.

O coeficiente de fidelidade de Ray Porter é um tanto diverso. Embora tenha se divertido, no sentido de que a noite parecia carregada de minúsculos íons de atração, isso não significava qualquer intenção de amor. Significava, isso sim, que ele e Mirabelle teriam vários encontros e até que alguma coisa indicasse o contrário, eles permaneceriam completamente independentes um do outro. Mas isso na sua vida é tão rotineiro que ele nem se dá ao trabalho de pensar muito sobre o assunto. Ele ligou do telefone do seu carro para convidá-la a jantar na próxima quinta-feira porque gostou dela e porque estava curioso em relação a uma coisa. Não sabe dizer se a superfície que viu atrás da blusa de Mirabelle era realmente pele ou um tecido de náilon. Ao pesar as evidências, decide que era de náilon, pois era muito uniforme, muito perfeito, muito bem combinado em cor para ser pele. Por outro lado, se era pele, então Mirabelle possuía algo que o intoxicava particularmente, um banho de leite estonteante no qual ele poderia mergulhar, nadar e se afogar. Ele sabe que esse quebra-cabeça provavelmente não será resolvido na quinta-feira, mas sem quinta não haverá sábado, o próximo passo lógico para a solução da sua dúvida.

Ele se deita na cama e em vez de deixar a cadeia de informações técnicas atravessar sua mente, permite que os símbolos do sexo formem sua própria e estrita lógica. A blusa branca implica a pele que implica o sutiã que implica os seios que implicam o pescoço e os cabelos de Mirabelle. Isso leva ao seu ventre que invoca seu abdômen que leva às coxas que levam à calcinha que levam a um fio úmido no algodão branco que ele poderá tocar inúmeras vezes ganhando milímetros de acesso à sua vagina. Esse acesso levará a acessos maiores que implicam gosto e aroma e uma unificação dos dois apenas

possível pela possessão dos opostos. Essa seqüência lógica é formulada contra uma série de dias intermitentes que se transformam em meses. A fórmula inteira se resume no seguinte: o que viu era pele ou náilon? Caso tenha sido náilon, ele se pergunta como será a verdadeira textura que o tecido encobria.

luvas

MIRABELLE PASSA CONFIANTE PELOS funcionários do primeiro andar e se dirige ao seu santuário no quarto. Sobe a escada de dois em dois degraus e estranhamente está com vontade de trabalhar. Está mesmo pensando em modos de vender mais luvas, deixando algumas expostas sobre o balcão e outras sobre as mesas de exposição em vários pontos do *shopping*. Então, ela chega ao seu setor, mete-se atrás do balcão, cruza os tornozelos e fica parada. E fica parada. Ninguém da administração passa pelo setor, dando-lhe assim a oportunidade de expor seus planos para aumentar as vendas. Tem oportunidade de ver muita gente, pois não há grande movimento nos dias posteriores ao Dia de Ação de Graças. Isso significa que muitas pessoas passam por ela em direção a outros setores. Quando chega a hora do almoço, tem a sensação definitiva que passou três horas e meia sem se mover do lugar.

Decide que tirará duas horas para o almoço. Isso significa que terá de mentir. Explica ao seu superior imediato, o Sr. Agasa, que tem de ir ao ginecologista; que tentou marcar outra hora, mas o médico só poderá atendê-la naquele horário. O Sr. Agasa gagueja quando ela lhe diz que o movimento está fraco e que pedirá a Lisa para dar uma olhada no seu balcão enquanto estiver ausente. Ele acaba concordando e se mostra preocupado.

— Está tudo bem com você? — pergunta.

— Acho que está tudo OK, mas preciso dar uma checada.

Ela deixa o *shopping*. Caminha pelas calçadas de Beverly Hills até uma casa de iogurtes onde pode comprar uma refeição completa por três dólares. Depois de almoçar, leva um copo de iogurte para fora e senta-se a uma mesa sob o sol da Bedford Drive. Sob o sol profundo seus cabelos adquirem um tom castanho. Ajeita a sua cadeira em direção à subida da alameda e os prédios que abrigam todos os psicanalistas de Beverly Hills, na esperança de descobrir alguma celebridade. Agora está no edifício onde pretende renovar a receita

para seu calmante. Reconhece algumas enfermeiras e recepcionistas. Próximo a Mirabelle está sentada uma mulher tão repulsiva que ela tem de virar seu corpo de forma desconfortável a fim de excluí-la da sua visão periférica. A mulher repulsiva conversa num celular enquanto toma colheradas e mais colheradas de iogurte de baixas calorias. É tão gorda que suas banhas parecem estar penduradas na cadeira e escondem tudo menos suas pernas. Seu cabelo oxigenado pretende parecer louro, e uma sombra cinza espalha-se sobre seu rosto de fumante. A mulher ao celular parece preocupada com alguém muito doente, o que faz com que Mirabelle se sinta constrangida por causa da mentira que disse ao Sr. Agasa. A mulher continua falando ao celular e depois fica em silêncio por um longo tempo ouvindo o que a outra pessoa lhe diz do outro lado da linha. Finalmente, ela interrompe e diz: "Lembre-se apenas, meu bem, que é a dor que muda as nossas vidas."

Mirabelle não compreende o sentido da frase, uma vez que teve sempre uma vida dolorosa sem que ela mudasse nada.

Neste momento ela vê o gato Trey Bryan entrar no prédio que abriga psicanalistas. Trey Brian é muito famoso, o que o qualifica imediatamente como alguém que precisa de cuidados psicanalíticos. Ela já o viu várias vezes na Neiman's comprando presentinhos caros para a namorada. Ela já viu muitos gatos comprarem presentes e sabe que se trata de um ritual bastante refinado. Requer uma namorada que se já não é famosa está sendo confortavelmente conduzida para a fama. Ela deve parecer que está sempre muito entediada e esta é a razão das compras. O gato deve dançar em volta dela enquanto coloca presentes aos seus pés, tentando animar seu espírito. Mirabelle jamais entendeu por que as mulheres que recebem os presentes parecem tão entediadas. Mirabelle adora receber presentes.

Uma parte importante do ritual de um casal famoso fazendo compras é que ambos devem parecer exclusivos: o mundo deles tem tanto magnetismo que seus movimentos pelo mundo regular e dos não-exclusivos devem espalhar pequenas gotas de brilhantes por onde passam. Certa vez Mirabelle atendeu

um desses casais quando trabalhava numa outra seção e sentiu sua própria transparência. Era como se ela fosse uma figura desenhada a giz e animada por uma vida inferior.

Hoje, apesar da uma hora e quinze minutos extras de que dispõe e do agradável contato do sol na pele, apesar de já ser novembro, ela decide visitar a concorrência; checar os setores de luvas de outras lojas. Poderá ao menos se solidarizar em silêncio com outras moças tristes e solitárias de pé atrás dos balcões. Sua primeira parada é na Saks Quinta Avenida no Wilshire Boulevard, onde ela vê a distância uma cópia de si mesma, solitária atrás de um balcão, debruçada sobre mercadorias que ninguém quer comprar. Ela diz seu nome e se identifica para a colega. Esta, por sua vez, fica tão excitada de ter com quem conversar que Mirabelle chega a pensar em lhe oferecer um Serzone para acalmá-la um pouco.

A próxima parada é no Theodore, em Rodeo Drive. Trata-se de um local da moda muito *sexy* e expõe meias tão juvenis e alegres que Mirabelle pensa que adoraria lidar com elas. Imagina casais famosos e moderninhos trocando dicas sobre moda com ela enquanto experimentam as mercadorias. Pedir alguma informação referente à moda aos seus clientes seria suicídio, a não ser que ela quisesse parecer ter mais de cinquenta anos.

Enquanto vagueia por Beverly Hills, ela se vê a algumas quadras do La Ronde. Isso não lhe causa qualquer emoção especial — como "este é o local onde nos encontramos"— mas faz com que se sinta menos estranha em Beverly Hills. Na verdade, jantou num daqueles restaurantes, o que certamente não fizeram noventa por cento dos turistas à sua volta. Ela entra numa loja "Pague Menos" e compra um pacote de absorventes por duas razões: porque precisa e porque isso reforçará a mentira que disse ao Sr. Agasa caso ele os veja.

Ela volta para a Neiman's, onde Lisa lhe informa que alguém andou procurando por ela.

— Quem? — pergunta Mirabelle.

— Bem, eu não sei. Um homem.

Mirabelle suspeita que se tratava de Ray Porter. Talvez tivesse passado na loja para desmarcar o jantar. Ela vai ligar para sua secretária eletrônica assim que tiver um tempinho.

— Como ele era? — Mirabelle pergunta a Lisa.

— Um sujeito com mais de cinqüenta anos, normal.

— O que mais?

— Parece que precisa fazer uma dieta. Pouca coisa, para acertar o peso. Perguntou por Mirabelle Buttersfield. Nome e sobrenome.

Ray Porter tem um corpo perfeito e não perguntaria por Mirabelle usando seu sobrenome, coisa que ela nem tem certeza se ele sabe.

— Ele disse que voltaria — informa Lisa, desaparecendo em direção à escada.

Mirabelle vai para trás do seu balcão. Fica lá parada por um minuto, quando de repente é invadida por uma onda de tristeza esmagadora. Isso a obriga a fazer um gesto que jamais tinha feito antes na Neiman's. Puxa uma das gavetas inferiores do balcão e se senta sobre ela por alguns minutos, até se recuperar.

lisa

O CORPO DE LISA CRAMER É BOM o suficiente para qualquer homem ou mulher no planeta, mas não é bom o suficiente para Lisa Cramer. Ela acha que deve ser impecavelmente agradável para os homens e que deve ser uma especialista em felação. Este talento é afinado e atualizado graças a intensivas conversas com outras mulheres sobre o assunto e aos vídeos pornô "educacionais" que seleciona na locadora. Chegou a assistir às aulas dadas por Crystal Headly, conhecida atriz de filmes eróticos. Não reluta muito em demonstrar seu talento. Depois de alguns encontros, e até mesmo antes, Lisa demonstra sua especialidade ao felizardo. Isso faz com que se sinta o tipo de mulher que todo homem deseja. Os homens, entretanto, sentem-se confusos com sua boa sorte. Quem é essa pessoa que se dá tão facilmente? Lisa só pode julgar seu sucesso pela frequência de telefonemas de homens ansiosos para jantar com ela ou para levá-la ao teatro. O fato de estarem dispostos a levá-la para assistir a uma peça de teatro — uma das últimas prioridades nos encontros marcados em Los Angeles — demonstra até onde os homens irão para ter Lisa consigo. Lisa sabe que eles estão atrás de sexo, mas sabe também que é o sexo a fonte do seu valor. Quanto mais a quiserem, mais valiosa ela será, e desse modo Lisa se transformou num objeto fodível.

Lisa não está interessada em sexo porque sexo é divertido. Usa o sexo como uma alavanca para atrair e descartar os homens. Eles são atraídos por ela porque têm esperanças; são atraídos pelo aroma que ela desprende, tão delicioso como um pão recém-saído do forno. Depois da transa com Lisa os homens estão secos, bambos e prontos para se recolher às próprias camas. Lisa absorveu todo o interesse deles e quer que eles recuem antes que descubram nela alguma falha horrível que a torne repulsiva. Vai daí que Lisa, com todo o seu poder, nunca se sente inteiramente bem em relação a qualquer outra coisa que vá além de sua capacidade de despertar o desejo nos homens. De fato, uma série de compulsões proibitivas surgiram

quando tinha pouco mais de vinte anos. Essas compulsões impedem-na de ampliar seu círculo de experiência. Ela não entra num avião. Seu medo de voar é tão forte que ela baniu para sempre qualquer possibilidade de viagem aérea. Ela também não consegue ingerir qualquer tipo de remédio. Nem aspirinas, nem antibiótico, nem calmante, pois tem medo de enlouquecer. Além disso, não pode nunca, de modo algum, estar sozinha sem medo de morrer de repente.

Lisa sente-se atraída pelo Sr. Ray Porter, apesar de nunca tê-lo encontrado. Isso se deve simplesmente ao fato de ele ter escolhido Mirabelle e não ela como seu arbitrário objeto de desejo. Lisa, entretanto, tem certeza de que assim que ele a vir, começará a pensar corretamente. Lisa não pode imaginar Mirabelle como uma especialista em sexo. É claro que a falta de experiência de Mirabelle é exatamente o que faz com que Ray Porter a deseje. Este raciocínio, porém, está muito além da compreensão de Lisa. Ela não tem idéia de que seu poder pode ser usurpado por alguns centímetros da pele de Mirabelle surpreendidos atrás de uma blusa engomada.

No dia em que Mirabelle contou a história das luvas no Time Clock, um vestígio de memória invadiu a mente de Lisa quando o nome de Ray Porter foi mencionado. Lisa foi para casa naquela noite e depois de muita concentração lembrou-se que o nome de Ray esteve no ar alguns anos atrás, pois ele teve um caso com uma vendedora de sapatos da Barney's, uma luxuosa loja de departamentos perto da Neiman's. Acabado o caso, quando ele entrou na loja seis meses depois, a ex-namorada enfureceu-se e jogou dois pares de sapatos Stephane Kelian contra ele, um dos quais caiu dentro de um aquário. A vendedora de sapatos foi imediatamente demitida. A Barney's tem uma política que se resume no seguinte: "Não peça e não diga." Atirar sapatos em clientes claramente vai de encontro ao "Não diga". Lisa também se lembrou de que Ray Porter é um homem poderoso.

Lisa não vê na intromissão entre Mirabelle e Ray Porter nenhuma falta de ética. Segundo ela, Mirabelle não merece ninguém e a sua interferência entre os dois só poderá ser benéfica

para ele. O que Ray Porter poderia fazer com Mirabelle deitada nua na sua cama e de pernas abertas? O que qualquer homem poderia querer com uma garota triste e insegura, com uma voz frágil, que se veste como uma colegial e cujo principal componente da personalidade é sua vulnerabilidade?

o segundo encontro

ANTES DO ENCONTRO DE QUINTA-FEIRA, alguns telefonemas são trocados entre Ray e Mirabelle. Estabelecem que ele a apanhará às oito horas da noite e que irão a um local divertido estilo caribenho chamado Cha Cha Cha. Ela está preocupada com o fato de ele ver o seu apartamento, que, alugado por quinhentos dólares mensais, é apenas um pouco mais caro do que o jantar no La Ronde. Também está preocupada com o fato de que ele terá dificuldades em encontrar seu prédio. O apartamento fica numa conjunção de um emaranhado de ruas em Silverlake. Ainda assim, quando ele encontrar o prédio terá de pedir informações complicadas para chegar até a porta do seu apartamento. Descendo o corredor, segunda escada em volta do patamar à esquerda...

Quando chega quinta-feira Mirabelle arruma o apartamento e ao mesmo tempo vai se maquiando e experimentando vários vestidos. Acaba se decidindo por uma saia curta rosa e amarela e uma suéter cor-de-rosa que tristemente proíbe qualquer espiada por parte de Ray. O traje, em combinação com seu cabelo arrepiado, faz com que pareça ter cerca de dezenove anos. Mirabelle não se vestiu desse modo para atrair a parte lasciva de Ray mas para se encaixar no ambiente do Cha Cha Cha.

Pronta, finalmente, ela se senta em sua salinha e espera. Mirabelle na verdade não tem um sofá, somente algumas almofadas sobre uma base de madeira, o que significa que qualquer pessoa que se sente ali afunda quase ao nível do chão. Se um visitante jogar um braço para um lado, ele fatalmente acabará batendo no assoalho. Se o visitante sentar-se com um drinque nas mãos, poderá ser perigoso. Melhor será colocá-lo no chão antes. Mirabelle anota mentalmente que não deve pedir para Ray se sentar.

O telefone toca. É Ray falando do seu carro. E dizendo que está apenas um pouco perdido. Ela lhe dá as informações certas de esquerda e direita e direita e esquerda, e em cinco minutos ele está

batendo à sua porta. Ela atende e ambos correm para dentro do apartamento a fim de evitar a luz de 100 watts do globo do corredor. Se Mirabelle preocupou-se com o fato de Ray ver o apartamento, preocupou-se sem motivo. A atmosfera colegial desperta nele uma certa memória erótica, e ele sente algumas ondas de prazer suaves correndo sob sua pele. Mirabelle lhe pergunta se quer alguma coisa, sabendo muito bem que nada tem a oferecer além de sopa de mexilhões em lata. Ele declina mas quer espiar o apartamento. Mete o nariz na cozinha, onde vê a pequena mesa de universitária, os copos de diferentes feitios de universitária e a caixa do gato de universitária. É claro que o problema é que Mirabelle acabou seus estudos há cinco anos, mas ainda não foi capaz de ganhar dinheiro suficiente para ultrapassar o nível de vida de universitária.

Ela pergunta, e imediatamente se arrepende, se ele quer se sentar. Ele aceita e afunda nas almofadas para acabar no que um homem de cinquenta anos consideraria uma das mais avançadas posições de ioga. Depois de uma conversação mínima o suficiente para não tornar ridícula a posição de ioga, ela sugere que ele saia. Enquanto Ray tenta se levantar, seu corpo dá uns estalos audíveis.

Deixam o apartamento e caminham em direção à Mercedes com toda a espontaneidade de um casal que vai a uma festa de faculdade. Enquanto dirige, ele indica alguns acessórios do carro, incluindo o aquecedor de assentos, o que é motivo para piadas tanto da parte dela quanto da dele. No restaurante os dois sussurram, falam e gesticulam até a chegada do primeiro prato, que é um peixe com chili preparado para explodir a cabeça dos clientes. Eles não sabem o que dizer um ao outro e continuariam não sabendo durante todo o complicado segundo encontro, não fosse um elixir chamado Bordeaux.

O vinho azeita um pouco as coisas, e esse pequeno relaxamento faz com que Ray engate uma primeira e ouse tocar no pulso de Mirabelle. Diz que gosta do relógio dela. Não é muito, mas já é um começo. Mirabelle sabe que seu relógio é o mais comum entre os comuns e que jamais poderia obter algum comentário de ninguém. Apesar de já estar com os olhos levemente injetados de álcool,

Mirabelle suspeita que o contato físico não tenha tido nada a ver com o seu relógio mas sim com a vontade de Ray de tocar no seu pulso. E ela está certa, pois Ray passa as pontas dos dedos pelo dorso da mão dela. Ao mesmo tempo mede o grau de umidade tropical liberado pela sua pele. Impulsos de prazer saltam de um neurônio para outro até atingirem o seu cérebro receptivo.

Ele envolve o pulso de Mirabelle com a mão.

— Agora eu sou o seu relógio — diz ele jovialmente. Não embriagados, mas levemente altos, Mirabelle e Ray estão tentando encontrar um modo de escapar da confusão que se tornou sua conversa. O que Ray realmente quer é dirigir sua Mercedes com uma das mãos sobre as coxas de Mirabelle. Entretanto está aqui no Cha Cha Cha jogando conversa fora. Mirabelle gostaria de estar passeando de mãos dadas com Ray pela Silverlake Boulevard para que se conheçam melhor. Ela precisa porém de uma frase sobre o relógio, uma frase final, pois, caso contrário, pensa, ambos ficarão andando eternamente em círculos. É então que Ray tem uma brilhante idéia. Ordena mais um cálice de vinho e sugere que os dois bebam dele. Mirabelle não é de beber, de modo que Ray se encarrega de dois terços do Barolo. Em seguida, tira uma caneta do bolso do paletó e num bloco de notas calcula o seu peso *versus* a quantidade de álcool que ingeriu menos a quantidade de comida e, finalmente, anuncia a Mirabelle que está em condições de dirigir. Isso, naturalmente, os leva ao carro que, naturalmente, os leva à frente da porta do apartamento de Mirabelle.

Ele lhe dá um beijo de boa-noite e a abraça fortemente. Ela sente algo endurecer contra suas coxas. Nenhum dos dois liga para a forte luz do corredor. Ele lhe dá boa-noite. Na medida em que se aproxima do carro não pode deixar de pensar que nada poderá ser melhor do que seu próximo encontro com ela.

próximo encontro

MIRABELLE ACABA NA CASA DE RAY, onde completamente vestidos eles vão para a cama dele. Mirabelle senta-se sobre Ray, que desabotoa três botões de sua blusa. Ao explorar a área acima dos seus seios, confirma que foi a sua pele que ele viu no La Ronde e não uma camiseta de náilon cor de carne. Isso é tudo o que eles fazem e depois disso ele a leva de carro para casa.

a conversa

A CONVERSA CONSISTE EM UMA parte envolvida dizendo à outra parte envolvida os limites do seu interesse. Ela pode servir como um alerta para a segunda parte envolvida de que eles ainda não são tão íntimos.

Mais uma vez o Sr. Ray Porter leva Mirabelle para o La Ronde. Sentam-se no mesmo reservado e tomam o mesmo vinho. Tudo é feito de modo a ser uma réplica do primeiro jantar. Isso se deve ao fato de Ray querer recomeçar exatamente do ponto em que deixaram o restaurante, sem admitir nem mesmo qualquer mudança mínima nos talheres. Quer ter a ilusão de que a primeira noite está continuando. Mirabelle não está estonteante hoje à noite porque ela funciona como um automóvel e suas respectivas mudanças. Hoje à noite ela está funcionando na marcha errada. Na terceira marcha ela é perspicaz, culta e brilhante. Na terceira marcha ela é feliz, levemente frívola e infantil. Na primeira marcha o que emerge é a sua parte lamentosa, vulnerável e desmotivada. Hoje ela está entre vulnerável e infantil, mas Ray não liga. E não liga porque, no que lhe diz respeito, hoje é a noite em que tudo será decidido. E por isso Ray se sente compelido a dar início à conversação. A ocasião é apropriada por causa da sua doutrina de lealdade: os discursos devem ser feitos antes de as roupas serem tiradas.

— Acho que devo lhe dizer umas poucas coisas. Não creio que eu esteja preparado para um relacionamento verdadeiro por enquanto.

Ele diz isso não para Mirabelle, mas para o ar, como se houvesse descoberto de repente alguma coisa sobre si mesmo e por acidente falasse em voz alta.

Mirabelle responde:

— Seu divórcio não foi fácil.

Compreensão. Para Ray Porter isso é bom. Ela sabe muito bem que o caso deles não será um romance de longo prazo. Ele vai

em frente:

— Mas eu adoro estar contigo e quero continuar vendo você.

— Eu também. — Mirabelle acha que Ray lhe disse que está quase se apaixonando por ela. Ray acha que ela entendeu que ele não vai namorar nenhuma outra moça.

— Tenho viajado muito ultimamente — diz ele.

Com esta frase ele a está informando de que gostaria de chegar à cidade, dormir com ela e ir embora novamente. Mirabelle acredita que ele está expressando frustração por ter de deixar a cidade e que tentará diminuir as viagens.

— Estou dizendo que deveríamos permitir um ao outro deixarmos nossas opções abertas, se você concordar. — Neste ponto Ray acredita ter dito a Mirabelle que, apesar do que possa vir a acontecer esta noite, eles continuarão se encontrando com outras pessoas. Mirabelle acredita que depois que ele diminuir suas viagens, eles verão se devem casar ou manter um namoro firme.

Pois bem, acabou-se a conversa. O que nenhum dos dois entende é que essas conversas não têm o menor sentido. Não têm sentido nem para quem fala nem para quem ouve. Quem fala acha que foi ouvido e o ouvinte acha que nunca ouviu nada. Homens, mulheres, cães e gatos são palavras jamais ouvidas.

Eles conversam durante o resto do jantar. Ray pergunta se ela gostaria de ir à sua casa. Ela diz que sim.

relação sexual

COM APENAS UM LEVE TOQUE, A ILUMINAÇÃO da casa de Ray vai desde aquela de uma agência dos Correios até a de um clube de *jazz*. Ele começa a fantasiar sobre coisas que ocorreram apenas alguns minutos antes. Suas horas de estar com Mirabelle e não fazer amor com ela estão para acabar. A lembrança dela sentada sobre o seu peito (quando passou a mão nos seus seios que estavam sob camadas de roupas) cristaliza seu desejo e o faz crepitar.

Ray não está fascinado apenas porque ele é um homem e ela uma mulher. Está fascinado porque — como logo irá descobrir — o corpo de Mirabelle é seu absoluto afrodisíaco. Sua intuição sente isso e isso o deixa muito excitado. Sua intuição tem sido reforçada com cada pequeno gesto, cada toque acidental. Isso ele deduz pela sua imagem na lembrança, pela densidade do cabelo dela, pelos seus dedos longos e pela luz que ela parece emanar. E hoje à noite ele sentirá o princípio de um vício que não conseguirá interromper, os infindáveis impulsos de uma intoxicação que ele suspeita deveria evitar mas à qual não consegue resistir.

Ele coloca levemente as mãos nos lados do pescoço dela, mas os músculos de Mirabelle enrijecem de repente. Ela diz que aquilo a deixa nervosa. Isso retarda um pouco os acontecimentos. Ele se afasta e faz alguns comentários irrelevantes antes de recomeçar. Deitam-se na cama e começam a flertar fisicamente. Botões das roupas se tocam, cabelos se desgrenham, coxas se roçam. Desta vez ele enterra a face no pescoço de Mirabelle e inala profundamente o seu perfume natural. O aroma provoca a reação certa. Algumas poucas roupas são retiradas.

Ambos estão relaxados. Não estão na trilha direta da relação sexual, pois interrompem a jornada com palavras, com piadas em intervalos que vão se ajustando como alguém que tenta pegar no rádio a estação certa e a sintonia certa. As coisas se intensificam para recuar como a maré e para se reaquecerem novamente. Depois de

explorar o ventre nu de Mirabelle por alguns instantes, Ray se levanta e vai ao banheiro.

Mirabelle, assim que ele fecha a porta atrás de si, também se levanta e metodicamente tira todas as suas roupas. Depois deita-se de bruços na cama e sorri para si mesma. Mirabelle sabe que está revelando o seu mais íntimo segredo, o seu trunfo mais singular.

O corpo de Mirabelle não é espetacular. Não é um corpo que flerta e chama a atenção. Isso faz com que homens que se preocupam com o teatro comprem em outros mercados. Mas visto na moldura de uma cama enorme, carregado nos braços ou manipulado por puro prazer, o corpo de Mirabelle é um pequeno espetáculo de perfeição.

Ray retorna ao quarto e a vê. A pele de Mirabelle parece conter logo abaixo da superfície uma miríade de minúsculos pontos luminosos que vão do rosa ao branco. Os seios aparecem de lado, uma vez que estão espremidos contra o lençol. A linha do seu corpo se eleva e desce em ondas gentis. Ele vai até a cama e toca delicadamente a parte inferior das costas de Mirabelle. Depois de algumas carícias, ele a vira de frente, beija seu pescoço, passeia as mãos pelas suas longas coxas e entre elas para então beijar seus seios. Beija a boca de Mirabelle e acaricia sua vagina até senti-la aberta. E eles fazem amor com a segurança que o momento permite. Mais uma vez ela pensa em como as coisas são diferentes em Vermont. Ray levanta a cabeça e aproxima seu corpo do de Mirabelle. Ela, em posição fetal, está encurvada como uma criança que finge se proteger de um ataque que sabe não ser perigoso. Recebe a proximidade de Ray Porter como se fosse uma fonte que acabará com sua sede. Pela manhã eles acordam. Cada um numa extremidade da cama.

o café da manhã

DURANTE O CAFÉ DA MANHÃ BEM CEDO, porque ela tem de trabalhar, Mirabelle se transforma numa menina de sete anos. Fica sentada à espera de ser servida. Ray Porter apanha o suco de laranja na geladeira, põe a mesa, faz café, tosta o pão e prepara os pratos de cereal. Ele vai buscar o jornal do lado de fora da porta. Mirabelle é tão dependente que poderia ter uma babá para abrir sua boca e servir-lhe colheradas de mingau de aveia. Ela fala monossilabicamente, o que obriga Ray a preencher os vários vazios com comentários inócuos como um adulto que tenta puxar conversa com um adolescente desinteressado. Neste instantâneo matutino está oculta a definição do que será a relação de ambos. Algo que Ray Porter só descobrirá quase dois anos depois.

— Gostou do café da manhã? — Ray decide tentar um tópico que está ao alcance da visão de ambos.

— Gostei.

— O que você costuma comer no café da manhã?

— Um pão ázimo.

— E onde é que você consegue o pão ázimo?

— Tem um pequeno mercado na esquina da minha casa.

Um completo beco sem saída. Ele tenta outra vez.

— Você está em excelente forma física.

— Ioga — diz ela.

— Adoro seu corpo — diz ele.

— Tenho o bumbum da minha mãe. Como duas pequenas bolas de basquete cobertas de pele, ela me disse uma vez quando viajávamos de carro. — Ela dá uma risadinha. Uma expressão estranha, que ela logo decifra, toma conta do rosto de Ray, e Mirabelle diz a única frase engraçada de toda a manhã. — Não se preocupe. Ela é mais velha do que você.

Ele sente o desejo de levantar-se e enfiar a mão na abertura do robe que lhe emprestou. Quer reviver a noite passada, passar as

mãos sobre os seios dela, analisar e codificar a exata beleza. Mas não concretiza o desejo. Isso ocorrerá numa outra noite com jantar e vinho, caminhadas e conversas, quando a sedução não é esperada e o resultado não está ainda determinado. O motor sexual do Sr. Ray Porter já foi ligado e está ansioso para acelerar no próximo encontro.

A libido de Ray está sempre vinte e quatro horas à frente da sua razão. Amanhã a esta mesma hora ele se lembrará que Mirabelle se demonstrou completamente desprotegida no café da manhã e se perguntará sobre o motivo. Sua mente funciona devagar quando se trata de mulheres. Às vezes passam meses e até mesmo anos até ele se dar conta de que foi insultado ou manipulado ou desdenhado. Mas, uma vez que ele não sabe o que pode esperar das mulheres — seus quatro anos de namoros diversos não foram suficientes para formá-lo na matéria —, ele aceita passivamente o comportamento matutino de Mirabelle. As experiências anteriores de Ray haviam sido com mulheres independentes, vitais, ambiciosas, decididas. Mulheres que, quando se sentiam desagradadas, atacavam. A inércia tépida de Mirabelle o conduz a um lugar pacífico, a uma espécie de almofada feminina de aceitação.

Ele leva Mirabelle de carro até a casa dela em tempo de fazê-la se aprontar e chegar atrasada ao trabalho.

a entrada de jeremy

na fase adulta

O ESTÊNCIL ADERE AO amplificador graças a uma fita colante, e Jeremy aprendeu como aplicar a pintura como um hábil miniaturista. A Doggone Amplifier Company, como a primeira metade do nome parece indicar, tem como logotipo o cartum de um cão correndo em disparada. O nome da firma aparece logo abaixo em semicírculo. Não é fácil preencher as delicadas linhas que indicam a velocidade do cachorro. Todos os trabalhos relacionados à pintura que Jeremy conseguira até agora eram instáveis e sem importância. Quando trabalha, precisa se acocorar de um modo desconfortável, que somente alguém com menos de trinta anos poderia agüentar antes de pedir demissão e procurar outro emprego. Seu salário é tão pequeno que se poderia ler no envelope de pagamento "um punhado de dólares" sem que ninguém pudesse contradizer nada. Mas são as roupas de Jeremy que contam a história do seu ramo de negócios. As calças parecem um trabalho de Jackson Pollock, e sua camisa pólo, uma obra de Helen Frankenthaler. Jeremy trabalha no primeiro degrau da imensa escada das artes.

Seu chefe, Chet, caminha pelo depósito com um cliente em potencial e suas vozes abafadas flutuam por sobre as pilhas de amplificadores até os ouvidos tensos de Jeremy. Ele nota que o cliente é um homem de negócios muito bem vestido, provavelmente o empresário de uma banda de *rock* tentando trocar amplificadores por promoção. O problema da negociação, é claro, é que Chet só quer vender os amplificadores e o homem só quer os amplificadores de graça. Não existe um terreno intermediário. O negócio de Chet está quase afundando e ele não pode se dar ao luxo de embarcar quinze mil dólares de equipamento acústico para ser usado dentro de alguns meses apenas em troca de propaganda. Depois de um aperto de mão, o empresário vai embora e Chet fica parado no

meio do depósito, enquanto vê a Mercedes do homem desaparecer pelas grades da cortina de metal.

Cristóvão Colombo lançou-se à grande aventura graças à partida de três caravelas. O que lançará Jeremy à grande aventura será a visão de Chet olhando o rabo de uma Mercedes de cem mil dólares ir encolhendo até desaparecer ao descer uma rua do bairro industrial de Pacoima. Jeremy coloca no chão a sua pistola e entra no campo de visão de Chet.

— Você sabe o que eu estava pensando? — pergunta Jeremy.

— O quê? — mal replica Chet.

— Você sabe quem costuma se enturmar com roqueiros quando eles estão excursionando?

— Quem?

— Outros roqueiros.

— E daí?

— Se você tivesse alguém viajando com uma das bandas que usam o nosso equipamento, alguém que pareça refinado como aquele sujeito... — aponta com o polegar para a cortina de fumaça deixada pela Mercedes — ... alguém em quem os roqueiros confiassem, aposto que venderia muito mais amplificadores.

— Você tem alguém em mente?

— Tenho.

— Quem?

— Eu.

Chet olha para o espectro de inaptidão à sua frente. Não vê um refinado homem de negócios, não vê um vendedor esperto. Mas vê alguém que, acredita, poderia se enturmar com os músicos de *rock*.

— E quanto é que você gostaria de receber por esse trabalho?

— Eu poderia fazer isso por...

Nunca ninguém fizera uma pergunta como essa a Jeremy. Sempre lhe disseram quanto ele ganharia. Não consegue nem preencher um formulário de pedido de emprego, pois a pergunta

"salário desejado" o deixa completamente confuso. Tem sempre a vontade de escrever "um milhão de dólares" Mas agora lhe fizeram a pergunta e ele tem de responder.

— ... nada.

— O que você quer dizer com "nada"?

— Eu poderia receber por isso...

Jeremy só ouviu em toda a sua vida uma expressão financeira e ele abre e fecha todas as portas da sua memória até encontrá-la.

— ... o pagamento do descobridor.

— E o que você descobriria? — pergunta Chet.

— Bandas para usar nossos amplificadores. E se outra banda começar a usar nossos amplificadores por causa de uma banda que eu convenci a usá-los, também vou querer um pagamento de descobridor por ela — e acrescenta ansioso — de quinhentos dólares.

Chet não consegue ver razão alguma para não aceitar a proposta de Jeremy. Afinal de contas, trata-se de um negócio à base de comissão; uma espécie de "Avon chama" do *rock and roll*. Uma vez que o equipamento todo custa quinze mil dólares, não lhe será difícil passar quinhentos para Jeremy. Também não terá problemas em encontrar alguém para trabalhar com estêncil nos amplificadores. De fato, seu sobrinho acaba de terminar o secundário e está procurando emprego no mercado das artes. Jeremy, que superestima seu próprio valor, está pensando exatamente o oposto: "Espero que ele não se dê conta de que terá de encontrar outro para fazer meu trabalho."

Chet aceita a oferta, mas tem de dar algum dinheiro a Jeremy. Duzentos e cinquenta dólares para ele comprar um terno novo. Jeremy dá um jeito de esticar a grana e compra duas calças a mais para não parecer cópia carbono de si mesmo dia após dia. Depois disso gasta cinco dólares num exemplar de GQ que será sua bíblia em matéria de elegância durante as excursões e acaba dando um jeito de transformar suas seis camisas num guarda-roupa semanal. Durante a viagem ele aprenderá a arrancar páginas de revistas nas bancas sem ser notado. Revistas que refinarão, ele acredita, seu estilo.

A primeira tentativa de Jeremy é com a única banda que, no momento, usa os amplificadores Dogone. Trata-se da Age (pronuncia-se AH-jay). Ela teve sucesso com um disco que vendeu muito, e Jeremy se oferece para acompanhar os músicos e pagará as despesas consertando de graça o equipamento de som se ele por acaso falhar. Ele viajará no ônibus da banda e dormirá onde — cama ou relento — dormem os músicos. Sua verdadeira missão, é óbvio, é convencer alguma outra banda, em qualquer outro lugar, de que ele é um gênio da acústica que desenvolveu a última palavra em matéria de amplificadores e que os amplificadores da Dogone são os únicos que qualquer banda séria pode levar em consideração.

Três dias antes do Dia de Ação de Graças ele embarca no ônibus reserva da Age para uma excursão por sessenta cidades, começando em Barstow, Califórnia, em direção a Nova Jersey, no outro extremo do país, e terminando, noventa dias depois, numa obra-prima de roteiro ilógico, em Solvang, Califórnia.

dia de ação de graças

O ENCONTRO SEGUINTE DE RAY E MIRABELLE após a consumação foi tão bom quanto o primeiro. Ray estará fora no Dia de Ação de Graças, e Mirabelle é forçada a contar com os amigos. Ela telefona com vários dias de antecedência para Del Rey e Loki. Elas lhe dizem que pretendem ir a uma festa em West Hollywood mas que ainda não sabem o endereço exato. Telefonarão quando souberem, de modo que ela possa acompanhá-las. Vários dias antes, Mirabelle separa a roupa que usará e a deixa bem à vista para não usá-la por engano e não ter o que vestir no grande dia. Mirabelle está triste por não poder passar o feriado com sua família, mas não pode ter os dois. Ou passa o Dia de Ação de Graças com o pai, a mãe e o irmão ou passa o Natal. O Natal é, naturalmente, melhor, pois pode passar mais dias com eles. Graças a sua pouca importância na Neiman's ela conseguirá cinco dias de férias auxiliada por uma mentira. Dirá que o psiquiatra do seu irmão entrou de férias e a família precisa estar toda reunida durante os feriados de Natal para mantê-lo sob controle. Mirabelle faz este discurso para o Sr. Agasa com um leve tremor na voz que diz ao homem que ela está a ponto de cair em pranto profundo. A solidariedade genuína que o Sr. Agasa demonstra com Mirabelle e sua preocupação com o irmão perfeitamente saudável deixam-na constrangida. Constrangida, ela se sente na obrigação de anotar o nome de vários livros recomendados pelo Sr. Agasa que associam a boa saúde mental a exercícios físicos. Depois de escrever os títulos das obras num bloco, ela enfia a lista na bolsa.

Na manhã do Dia de Ação de Graças Mirabelle acorda angustiada. Teme que não haja telefonema de Loki e Del Rey, pois não seria a primeira vez que falhavam com ela sem se preocuparem com isso. Mirabelle não pode romper a amizade, pois necessita absolutamente do mínimo de companhia que elas podem lhe oferecer. Elas também são sua única fonte de informações sobre festas, uma vez que as moças da Neiman's a colocaram no ostracismo por

considerarem-na uma solitária sem jeito. Ela espera até as dez horas da manhã para telefonar para as duas. Deixa mensagens nas respectivas secretárias eletrônicas, pedindo o endereço do local onde será a festa. Neste ponto, Mirabelle começa a vislumbrar um dia desastroso à sua frente caso uma das duas não lhe telefone. Em primeiro lugar, não tem dinheiro. Em segundo lugar, mesmo que tivesse, sabe que tudo está fechado no feriado, com exceção dos jantares clássicos em restaurantes, e ela ainda teria de descobrir um nas páginas amarelas e provavelmente dirigir até o centro de Los Angeles para encontrá-lo. Ela abre o refrigerador e vê um meio sanduíche que não havia comido num almoço durante a semana e trouxe para casa. Horrorizada, ela olha para o meio sanduíche que, teme, será o seu jantar de Ação de Graças.

Sai para dar uma volta em frente do seu prédio na esperança de que, ao voltar, veja uma luz vermelha piscando na secretária eletrônica. Não há absolutamente nada de excitante nas poucas quadras que atravessam sua rua. Ela pode ouvir alguma atividade: uma porta de carro batendo, pessoas discutindo, o latido de um cão. São, porém, sons distantes e sem alma. Passa pelo pátio da escola próxima da sua casa e ouve o retinir de uma corrente batendo contra uma cerca de metal. Não vê uma pessoa.

Quando volta para casa já é meio-dia. Da porta de entrada pode ver que a secretária não está piscando; não está sinalizando o fim da sua angústia. Ela sai de casa novamente para caminhar por trinta minutos.

Desta vez ela calcula. Ela calcula o tempo que Del Rey e Loki, depois de receberem sua mensagem, levarão para ligar. Depois de chegar em casa, elas provavelmente ouvirão os recados nos primeiros dez minutos depois de fechar a porta. pode haver outros recados na secretária a que elas têm de responder e elas podem ter coisas mais urgentes para fazer antes de telefonar-lhe. Podem levar até meia hora até atingirem sua mensagem. Mirabelle sabe que seu passeio levará meia hora e, usando um cálculo apreciado por Ray Porter, conclui que não haverá luz vermelha piscando na secretária

quando voltar para casa. Por isso mesmo, resolve tomar um caminho mais longo, que retardará sua chegada em dez minutos.

Quando finalmente chega em casa e abre a porta, vê pelo canto dos olhos — pois não quer trair sua ansiedade para si mesma — a luz vermelha da máquina piscando para ela em ritmo sincopado. Ela tenta se ocupar na cozinha por um minuto para só então apertar o botão de *play back*. É Jeremy telefonando de algum lugar na estrada. É um interurbano, e ele, depois de desejar-lhe um feliz Dia de Ação de Graças, diz para ela não se preocupar, pois está telefonando de graça.

Mirabelle senta-se na sua almofada engolidora e baixa a cabeça com os joelhos tocando o peito. Bate impacientemente com os pés no chão enquanto ouve o tique-taque do relógio. Uma hora para a festa começar, festa já começada, uma hora de festa e já são quatro horas da tarde quando a noite começa a descer na janela do seu apartamento. Ela tira da gaveta toda a sua parafernália para desenho e durante uma hora vai preenchendo o fundo, deixando em relevo branco sua própria imagem nua.

O telefone toca. Qualquer ligação será bem-vinda neste dia fatal. O telefone toca e ela fica olhando para ele. Retarda a ação de atendê-lo como se quisesse se vingar de quem quer que esteja ligando. Finalmente, pega o fone e ouve;

— Ei, o que você está fazendo? É Ray Porter.

— Nada.

— Vai a alguma festa do Dia de Ação de Graças?

— Vou.

— Será que você não podia cancelar? — pergunta Ray.

— Posso tentar. — Fica impressionada com a própria resposta.

— Onde você está?

— Neste momento estou em Seattle, mas posso estar aí com você em três horas e meia.

Às quatro horas da tarde Ray sentiu o que Jeremy havia sentido à meia-noite há algum tempo: o desejo de nadar em Mirabelle. A diferença é que a distância entre Seattle e Los Angeles é menor do que a distância entre Jeremy e Mirabelle quando duas

peessoas querem exatamente a mesma coisa. Ray tem sempre um avião à sua disposição por meros nove mil dólares. Mal desligou o telefone e já estava fora de casa.

No intervalo entre o telefonema e a chegada de Ray a química do corpo de Mirabelle muda a cada hora. De vez em quando a imagem de um amor profundo surge na sua consciência. Voando a dez mil metros de altitude, o Sr. Ray Porter vê os mamilos róseos de Mirabelle. Embora essas duas imagens sejam bastante diferentes, estão alinhadas em algum lugar do espaço etéreo, e Ray e Mirabelle estão amando um ao outro no Dia de Ação de Graças.



Ray traz com ele comida de avião que no serviço particular que utiliza não é má. Camarão, lagosta e sobremesa de frutas. Eles estão aninhados na cama de Mirabelle com o banquete patrocinado por Ray à volta deles. As velas estão acesas no quarto, e ele diz a ela o quanto adora tocá-la, e mais tarde Mirabelle fica de pé à frente dele vestindo apenas as luvas que ele lhe deu de presente. Em seguida deita-se na cama e eroticamente começa a acariciá-lo com o cetim que leva a *griffe* Dior.

Eles fazem amor bem devagar, degustando cada instante. Depois disso, ele põe o braço em volta de sua cintura e a puxa em direção a ele. Mesmo que o gesto tenha sido comprometido pela falta de uma ternura final, a mente de Mirabelle flutua no espaço, e os cinco dedos que a puxam em direção a ele são recebidos em seu coração como um salmo. Trata-se de um toque confortador, uma conexão que, embora tênue, faz com que ela se sinta ligada a algo, a alguém, e menos sozinha.

Mais tarde, o milionário está deitado ao lado de Mirabelle na cama pequena, no quarto pequeno, o braço direito à volta da sua cintura e o gato deitado em seu peito. Conversam relaxadamente sobre isso e aquilo. Ray ouve os infortúnios de Mirabelle no trabalho, com seu carro e com as amigas, e também arranja alguns infortúnios para contar a ela. Eles falam e falam mas o que dizem

tem menos, muito menos importância do que a mão dele repousada sobre o ombro dela.

— Os feriados podem ser duros para pessoas que moram sozinhas. De um modo geral, não gosto deles — diz Ray.

— Eu também não — diz Mirabelle.

— Natal, Dia de Ação de Graças...

— Não gosto — concorda Mirabelle.

— Odeio o Dia das Bruxas.

— Halloween? Oh, eu adoro!

— Como você pode gostar? Você tem de usar uma fantasia e se não fizer isso todos vão dizer que você é um desmancha-prazeres.

— Eu gosto do Dia das Bruxas porque sempre sei a fantasia que vou usar — diz Mirabelle.

— E qual é a fantasia?

— Ora, a de Olívia Palito — responde Mirabelle como se estivesse dizendo "idiota". Mirabelle respondeu à pergunta de Ray sem o menor traço de ironia na voz. De fato, respondeu com alegria, pois pelo menos essa parte da sua vida ela tinha resolvido.

Embora ele não saiba disso, Ray Porter transa com Mirabelle para sentir-se próximo de alguém. Sente-se desconfortável segurando a mão dela e não poderia, de repente, dar-lhe um abraço e um beijo no meio da rua, mas fazer amor com ela faz com que se sinta bem. Antes, durante e depois. Faz com que ele adore a proximidade dela. Ele sente o contato da sua carne com a carne de Mirabelle, mas confunde carne com mente. Mirabelle, por outro lado, está aprontando sua vida para ele. Todas as vezes que ele abre suas coxas, todas as vezes que ele a faz rolar para um lado e levanta seus joelhos para penetrá-la, ela está sacrificando um pouco de si mesma, dando a Ray mais um pouco dela, o que ele não pode fazer. Ray, sem compreender que o que obtém dela, em verdade, é extirpado dela, acredita ser justo o arranjo entre os dois. Ele a trata maravilhosamente e começou a comprar-lhe pequenos presentes. Delicado, jamais a pressiona quando sente que ela não está no humor certo. Ele confunde seu gestos com bondade. Mirabelle não é sofisticada o bastante para entender o que está acontecendo com ela, e Ray Porter não é sofisticado o bastante para

entender o que está fazendo com ela. Ela está se apaixonando e espera com certeza que o Sr. Ray Porter corresponda ao seu amor assim que entender tudo. Justamente agora, porém, ele está usando as horas com ela como um portal para sua própria necessidade de sentir-se próximo de alguém.



Pela manhã, no café perto da casa de Mirabelle, Ray estraga tudo ao reiterar sua independência e até mesmo dizendo que a relação deles não é exclusiva. Mirabelle, num modo lógico e racional e acreditando que ela também é capaz de ter encontros casuais com outros homens, concorda com a independência para ambos. Acrescenta, entretanto, que se ele for para a cama com outra mulher deve informá-la.

— Você tem certeza de que quer que eu faça isso? — pergunta Ray.

— Tenho. É meu corpo e eu tenho o direito de saber.
Ray acredita, porque ela é ingênua.

Ray permanece em Los Angeles por três dias. Vê Mirabelle uma noite, telefona para ela duas vezes, inadvertidamente a magoa mais uma vez, levanta seu moral de novo, faz amor com ela novamente, compra-lhe um relógio e uma blusa, elogia seu penteado, faz para ela uma assinatura da *Vogue*, mas raramente, talvez duas vezes, a beija. Mirabelle finge que não nota. Quando chega finalmente a segunda-feira, ela vai trabalhar e passa, confiante em si mesma, pelas moças do setor de perfumes. Mirabelle está confiante porque sente a inegável evidência de que há alguém interessado nela.

uma visita

— POSSO CONVIDÁ-LA PARA ALMOÇAR?

Mirabelle está em seu posto e à sua frente está um homem de cinquenta e poucos anos, com alguns quilos a mais do que deveria, cabelos crespos e curtos e vestido como alguém que jamais se preocupou com roupas em toda a sua vida. Tudo o que ele veste está errado, pelo menos para os clientes fiéis da Neiman's. Seu cinto não é de couro e os sapatos são de segunda categoria, comprados através de catálogos populares. Além de dar a impressão de que tem um porco-espinho sentado sobre a cabeça, sua camisa é sintética e estampada com palmeiras, para não falar das calças de algodão e os sapatos surrados.

— Você não é Mirabelle Buttersfield?

— Sou.

— Meu nome é Carter Dobbs e estou querendo localizar seu pai.

Mirabelle e Dobbs estão sentados no Time Clock Café. Desta vez, seu admirador, Tom, não está presente, mas a maioria dos clientes regulares entra e sai do raio de visão dos dois como se um diretor de cinema invisível houvesse gritado: "Todos nos seus lugares."

Depois de alguns minutos de conversa, Mirabelle descobre por que o homem não faz parte — e está se lixando para fazer parte — do coração de Beverly Hills.

— Estive no Vietnã com seu pai. Tentei localizá-lo neste endereço. — Passa para Mirabelle um pedaço de papel por sobre a mesa de metal, e ela confirma que se trata do endereço da sua casa, o mesmo há mais de vinte anos. — Já escrevi várias vezes para ele mas jamais recebi uma resposta.

— E ele conhece o senhor?

— Ele me conhece muito bem. Nunca houve um problema entre nós, mas ele não responde às minhas cartas.

— E por que será?

— Eu acho que sei a razão, mas é pessoal. Por outro lado, tenho quase certeza de que ele precisa falar comigo.

— Bem... — diz Mirabelle — este é o nosso endereço em Vermont. Não sei por que ele não entra em contato com o senhor, mas eu...

— Você pretende visitá-lo? — pergunta o homem.

— Vou visitar a família no Natal e posso dar-lhe seu cartão ou dizer-lhe o que o senhor quiser.

— Obrigado. São aqueles que não respondem os que mais têm necessidade de falar.

— A guerra do Vietnã acabou há muitos anos...

— É verdade, querida. Faz muito tempo. Alguns reagem melhor do que outros, e eu decidi assumir a missão de encontrar meus irmãos e me certificar de que eles estão bem. Vai tudo bem com seu pai?

— Nem sempre.

Mirabelle tenta analisar Carter. Já tinha visto pessoas do seu tipo em Vermont embora Carter, claramente, não seja de Vermont. Deve ser do Meio-Oeste, onde não há sotaque definido, apesar de ele se trair eventualmente arrastando uma ou outra palavra. Simpático, bem-educado, um homem de moral. Como seu pai. À diferença de seu pai, porém, Carter Dobbs quer falar.

O pai de Mirabelle, Dan Buttersfield, jamais lhe disse algo que ela pudesse classificar de emocional. Ela sempre foi mantida no escuro sobre quaisquer segredos familiares e nunca viu o pai irado. Nunca lhe falou nada sobre o Vietnã. Quando lhe perguntava, ele simplesmente movia a cabeça de um lado para o outro e mudava de assunto. Ele é estóico como um bom WASP (Americano Branco Anglo-saxão Protestante) de Vermont. Mirabelle tinha dezessete anos quando soube que seu pai, que ela adorava, havia tido um caso de amor com uma mulher durante sete anos. A idade emocional de Mirabelle estava sempre cinco anos atrasada em relação à sua idade real, de modo que recebeu a informação como uma menina de doze anos. Ficou chocada e fingiu ser feliz pelos próximos onze anos. O caso de

seu pai encaixa-se perfeitamente no quebra-cabeça de tristeza que ainda está se formando na sua mente. O fato de ter visto sua mãe sofrer, instalou dentro dela o medo de que pudesse acontecer-lhe a mesma coisa. Quando em sua vida acontece alguma coisa remotamente parecida com a que sucedeu à sua mãe — um namorado seu que volta para a antiga namorada —, ela simplesmente desmorona.

Carter Dobbs se despede dela na porta da Neiman's. Ele lhe dá um cartão onde pode-se ler Dobbs, Autopeças, Bakersfield, Califórnia, e depois aperta-lhe o braço levemente. No momento em que ele lhe dá as costas, ela descobre finalmente o que a havia perturbado durante todo o tempo. Carter Dobbs não ri.

sexta-feira

MIRABELLE ESTÁ PRESA NO trânsito engarrafado que é comum às sextas-feiras, e hoje é quinta. O carro segue vagorosamente por Beverly Hills e só pega sinais fechados. Ela freia um décimo de segundo depois do sinal mudar de verde para vermelho e recebe buzinas rancorosas não de um mas de dois motoristas. Trancada na escuridão do carro com os limpadores de pára-brisa marcando o tempo, ela se sente desconfortável. A noite a assusta. A sensação de desconforto dá lugar à assustadora impressão de que sua mente levita momentaneamente sobre seu corpo. Sente que seu espírito está desligado do seu eu corpóreo, e seu coração acelera. Ela já recebeu um aviso sobre isso meses atrás. O aviso da eminente visita do visitante nunca bem-vindo. Um visitante que penetra no seu corpo, voa por dentro dele e depois vai embora. Desta vez a sensação é mais forte que as anteriores, e o visitante permanece mais tempo dentro dela. É como se seu corpo fosse mantido no chão por alguns pesos enquanto sua mente se desmantela metodicamente.

A escada que vai da sua vaga de estacionamento, que não consegue trocar com ninguém, até a porta da frente parece não acabar nunca. Ela arrasta o corpo degrau por degrau. Depois de virar a chave, tem a impressão de que a porta ficou muito mais pesada. Uma vez dentro de casa, senta-se na almofada e lá permanece na mesma posição durante horas. O gato roça o corpo nas suas pernas, informando-lhe que está na hora do seu jantar, mas ela não consegue se levantar.

Mirabelle já passou por isso antes, mas o poder da depressão faz com que não se lembre de que seu problema é químico. Como já aconteceu muitos anos atrás, seu remédio atual não faz mais efeito.

O telefone toca, mas ela não encontra forças para responder. Ouve Ray Porter deixando uma mensagem. Arrasta-se até a cama sem ter comido um biscoito. Fecha os olhos, e a depressão a ajuda a dormir. O sono, entretanto, não é um alívio. A depressão, que geralmente

espera a manhã para voltar a fazer-se sentir, permanece dentro de Mirabelle e envenena seus sonhos.

Pela manhã ela telefona para o trabalho e diz que está doente. Com a ajuda da voz finge estar resfriada, que é a coisa que pode expressar e que mais se parece com o que está sentindo. Ao meio-dia chega a pensar em telefonar para o médico. Da outra vez que o visitante desagradável instalou-se em seu corpo, o médico sugeriu que ela fosse ao seu consultório e disse que ela poderia estar experimentando um colapso farmacêutico. Mas ela não telefona. O mal-estar provocado pela química faz com que se desinteresse por tudo, inclusive em ficar boa. Vê tudo o que tem significado na sua vida afastar-se dela — seus desenhos, sua família, Ray Porter. Pela primeira vez pensa que estaria melhor se estivesse morta.

As horas passam bem devagar, e teria permanecido sentada na almofada o dia inteiro se o telefone não tocasse por volta das quatro da tarde. Dessa vez ela atende.

— Você está bem? — É Ray Porter.

— Estou.

— Eu lhe telefonei a noite passada.

— Não recebi a mensagem. Minha secretária eletrônica não está funcionando muito bem — mente ela.

— Quer jantar comigo hoje à noite? Amanhã devo viajar e ficar fora por um bom tempo.

Mirabelle não consegue responder, e Ray pergunta de novo:

— Você está bem?

Desta vez ela deixa que seu triste tom de voz fale por ela:

— Estou muito, muito bem.

— O que está acontecendo? — pergunta Ray.

— Eu deveria ir ao médico.

— Por quê? Por que você deveria ir ao médico? O que há de errado?

— Não, é que... Eu tenho de ir... Eu tomo Serzone, mas ele parou de fazer efeito.

— O que é Serzone? — pergunta Ray.

— É como Prozac.

— Quer que eu leve você ao médico? Quer que eu passe na sua casa e depois leve você ao médico?

— Eu acho que deveria ter ido ao médico.

— Vou passar aí e apanhar você.

Em uma hora Ray a apanha e a deixa no consultório do Dr. Tracy. Depois, espera por ela no carro estacionado numa rua de Beverly Hills onde o estacionamento é proibido. Ele olha para as dezenas e dezenas de pessoas que entram e saem do edifício de consultórios médicos e se pergunta como Mirabelle pode custear o tratamento. Não sabe que é a Neiman's quem paga. Mirabelle teve um momento de sorte quando seu médico decidiu mudar-se do Vale, a mais de quarenta quilômetros de distância do seu apartamento, para o centro Médico Conrad, a duas quadras do seu trabalho. Ray Porter vê uma mulher maravilhosa de seus trinta e poucos anos sair do centro médico. Usa um chapéu de abas largas que esconde dois lábios novos inchados. Ray imagina que deve haver um tempo de espera depois da injeção até que eles voltem a parecer-se com lábios humanos. Vê um travesti com as nádegas cheias de silicone enrolado num xale amarelo de *rayon*. Vê algo que pensava que não existia: um homem de negócios com casaco e calças de couro, cabelos tingidos de preto, camisa aberta até o umbigo e colares de ouro e brilhantes no pescoço. Ray teve a impressão de ouvi-lo tilintar enquanto atravessava a rua.

Ray observa mais de uma dúzia de mulheres que decidiram que atração se compra no departamento de seios do centro médico. Pergunta-se se elas estão brincando; se os homens que as adoram perdoam sua falta de gosto e as amam de qualquer maneira, ou se as vêem como esplêndidos exemplos da mulher como hipérbole. É isso que ele gosta em Mirabelle: sua beleza não é cultivada, e ele pode ficar tranqüilo: Mirabelle acordará com o mesmo corpo que tinha ao adormecer. Ele também se pergunta o que é que faz com que um milionário fique trancado dentro de um carro num estacionamento proibido esperando uma garota de vinte e oito anos. É puramente desejo sexual ou é alguma coisa que está acontecendo dentro dele que

faz com que se preocupe com ela de um modo inesperado e imprevisível?

Ele vê uma família de turistas com uma filha de dezesseis anos tão linda, pura e perfeita, que ele se envergonha da imagem lasciva que forma em sua mente.

Ray é muito elástico em relação ao que considera ser um jogo justo, embora nunca tenha se permitido abordar alguém abaixo da marca dos vinte e cinco anos. O que o distingue do empresário com roupa de couro e colares que há pouco passou pela Bedford Drive é que, querendo ou não querendo, Ray está mesmo procurando por alguém. Ele já teve relações profundas com mulheres erradas. Por isso precisa quebrar corações e saber que está fazendo isso, precisa sentir a súbita falta de interesse que pode ocorrer até mesmo nos momentos do mais intenso desejo.

Neste ponto, na sua transição de jovem para homem, ele ainda não sabe a diferença entre a mulher que é exequível e a que não é. Mas saberá. Neste meio tempo, seus olhos estão perdidos, mas na verdade focalizam seu inconsciente, e lá ele quer saber qual é o *quantum* mínimo desejável de uma mulher. Sua nuca vista através da sombra dos seus cabelos. A curva do seu pé descansando sobre uma sandália. Um atraente contraste entre a blusa e a saia. *Esses flashes* despertam seu desejo. Como porém não quer admitir para si mesmo como é pequena a coisa que ele quer, ele se inclui inteiramente na situação. Desse modo, não se verá como um mau sujeito. Então começa um namoro, são ditas mentiras inconscientes e um esquema enorme e complexo é estruturado, tudo para manter um estéril de um tornozelo que entra sedutoramente dentro de um tênis grande demais para o pé.

Enquanto Ray Porter está sentado no carro em meio a um corredor de luxúria pelo qual passam várias mulheres, o desejo por Mirabelle se enraíza dentro dele e suas raízes se espalham. Lembra-se de que ela não está se sentindo bem. Mas, por outro lado, quem sabe se sentirá melhor depois. Aliás, uma boa trepada pode ser o melhor remédio para ela.

Mirabelle sai do Centro Médico Conrad. Dirige-se ao carro com uma receita na mão e explica, através da vidraça abaixada, que vai à farmácia do outro lado da rua. Ray concorda e pergunta se ela não quer que ele vá com ela. Ela diz que não. Mirabelle volta as costas para Ray, caminha por alguns instantes, hesita e volta para a Mercedes. Ray abaixa o vidro da janela e Mirabelle, encolhida como uma criança embaraçada, explica:

— Não tenho dinheiro algum.

Ray sai do carro, vai com ela até a farmácia e paga setenta e oito dólares por cem tabletes de Celexa, o último milagre da química que salvará o barco de Mirabelle que ameaça afundar. De volta ao carro ele sugere que passem a noite na sua casa. Mirabelle toma suas palavras como uma expressão da preocupação dele por ela, o que não deixa de ser verdade. O que sucede é que sua preocupação é uma poção cujos componentes são uma parte do homem altruísta e benevolente, e a outra parte, o pênis de um chimpanzé.

Ele sobe com Mirabelle para dentro das colinas de Hollywood enquanto ela afunda mais e mais no seu assento. O Celexa levará semanas para fazer efeito, e ela sabe disso.

— Obrigada por tudo.

— Não tem o que agradecer — diz Ray —, você está se sentindo melhor?

— Não.

De qualquer modo, saber que tem alguém cuidando dela a tira um pouco do fundo da sua depressão anterior. Uma intensa dor de cabeça parece querer quebrá-la ao meio. Imediatamente depois de colocar o carro na garagem, Ray a ajuda a ir até a cama.

Se a dor de cabeça não houvesse aparecido, Ray teria passado sua mão pelo corpo de Mirabelle, acariciado seus seios e abdômen e tentado seduzi-la. A dor de cabeça evita que ela veja o pior lado do desejo de Ray, que é também o pior lado do desejo de qualquer homem. Ray teve sorte em não tentar nada, pois ela o odiaria se o fizesse.

Mirabelle dorme quieta e silenciosamente com seu cabelo castanho-avermelhado sobre sua face e pescoço. Ray está deitado ao lado dela zapeando pela TV com o controle remoto, enquanto tenta resolver ao mesmo tempo um problema de palavras cruzadas. Volta e meia olha para Mirabelle e se pergunta se não é o caso de acordá-la para submetê-la a sua importantíssima cura sexual. Mas a noite passa sem maiores acontecimentos, e eventualmente ele cai no sono para só despertar pela manhã.

O café da manhã se passa do mesmo modo de sempre. Só que desta vez a inatividade de Mirabelle faz sentido — ela está doente. Ray deixará a cidade por uns dez dias. Com muito carinho leva Mirabelle até sua casa. Espera ela se organizar para o seu dia na Hábítat. Mirabelle começa a se motivar para ir ao encontro da cura e sabe que a atividade física lhe fará bem.

— Você vai ficar bem?

— Vou.

Ele a abraça, com força, as palmas da mão em suas costas, vira-se para acenar um adeus e desaparece.



Na Hábítat, Mirabelle se esforça por puxar e levantar pesos, mas sua expressão mostra aos companheiros que não está bem. Ela declina o convite de ir até o bar local tomar uma cerveja embora um dos colegas esteja flertando com ela. Ela estava (e está) tão deprimida que acidentalmente vestiu uma roupa *sexy*. O *short* e a camisa pólo exatos que sublinham suas formas e atijam o desejo.

À noite recebe um telefonema de Ray para saber como vai. Embora sabendo que as primeiras pílulas de Celexa têm o mesmo efeito de um placebo de água e açúcar, diz que se sente levemente melhor, senão por outro motivo, pelo de estar livre da monotonia do setor de luvas durante o fim de semana. Na segunda-feira pela manhã ela estará estática atrás do balcão no limite de ter pensamentos suicidas. Durante todo o domingo luta para não desmoronar completamente.

Semanas mais tarde Mirabelle não sabe se está se sentindo melhor naturalmente ou porque o Celexa está funcionando. Sente que seu corpo e mente estão bem e se pergunta se realmente precisa das pílulas. Mas não é boba. Lembra-se de ter ouvido falar que essa sensação de bem-estar é comum depois de algum tempo e continua tomando seu remédio todos os dias.

vermont

O NATAL SE APROXIMA, E MIRABELLE está fazendo planos para viajar a Vermont. Viajará num dos piores vôos imagináveis: de Los Angeles para Nova York, na véspera de Natal, com conexão para Montpelier às oito horas da manhã de Natal, para depois enfrentar uma viagem de ônibus de quase trezentos quilômetros até sua casa. Ray lhe dá o dinheiro da passagem para o leste, pois imagina que isso equilibrará seu orçamento, além de — por que não? — ajudá-la. Passa-lhe discretamente mais 250 dólares para que não pareça uma pobrezinha diante dos seus amigos. Ela já sabe o que dará de presente de Natal para Ray: o desenho dela nua flutuando no espaço contra um fundo negro que conseguiu fazer, apesar do seu desespero no Dia de Ação de Graças. Ray também já sabe o que dará para ela: uma blusa Armani que escolheu, e que sabe, a alçará às nuvens.

Mirabelle começa o pesadelo do Natal com um telefonema de Ray desejando-lhe boa viagem e informando-a de que há um sedã preto na porta do seu prédio que a levará ao aeroporto. Apesar da hora desumana, a limusine é o último santuário de calma antes de Mirabelle ser engolfada pela multidão. Depois de várias horas de vôo, o 747 para Nova York fede graças à perspiração de quatrocentas pessoas sendo jogadas de um lado para outro na desconfortável atmosfera natalícia. No aeroporto John Fitzgerald Kennedy tem a sensação de que andou por quilômetros de escadas rolantes até se ver sentada no avião que a levará a Montpelier, mas que permanecerá uma hora na pista antes de decolar. No ar, o avião enfrenta uma tremenda tempestade de neve e balança violentamente, assustando até mesmo o piloto. Mirabelle tem de confortar um rapaz de vinte e cinco anos que parece um jogador de futebol americano com seus cem quilos e mais de um metro e noventa. O moço dá gritinhos e gemidos a cada guinada e a cada estalo dos flapes durante a turbulência. Ela não está nervosa, pois não lhe ocorre que o avião possa fazer outra coisa além de

aterrissar. Ela alterna o tempo de vôo lendo um livro e confortando o atleta ao seu lado.

Depois de apanhar sua bagagem e colocá-la, sem auxílio de ninguém, num carrinho que conduz até o ponto de ônibus, Mirabelle parece ou uma estudante voltando da universidade para casa ou uma exausta maltrapilha. O ônibus, aquecido, mas ainda assim frio, roda sobre o asfalto nevado. Os passageiros podem ser divididos em dois grupos: os viajantes cansados que tiraram cochilos rápidos durante o vôo noturno e interminável e os que apanharam o avião em Montpelier e conversam animadamente sobre o que farão durante os festejos natalinos.

Quando o ônibus estaciona na rodoviária de Dunton às onze e meia da manhã, Mirabelle vê seu irmão mais velho, Ken, usando uma parca vermelha de lã com capuz que mais parece um barril. Trocam rápidos "alôs" e ela corre do ônibus para o carro dentro de seu casaco leve. O vento congelante diz a ela que está vivendo há tempo demais em Los Angeles. Seu irmão dá a partida no Volkswagen verde-lima, diz um "Então, garota?" e dirige a quinze quilômetros por hora pelas estradas geladas. Ken é um policial com talento singular para descobrir criminosos na sua pequena cidade, principalmente porque conhece todo mundo e tem um sexto sentido para farejar adolescentes com disposição para o mau caminho. Ela sente uma profunda afeição pelo seu irmão, embora isso jamais tenha sido traduzido numa conversa normal e honesta. Ela lhe pergunta como vão papai e mamãe, e ele lhe responde sinceramente, ou seja, continuam os mesmos.

Os mesmos significa o seguinte: a mãe não imagina por nada deste mundo que Mirabelle tenha relações sexuais, e o pai simplesmente ignora o assunto. Embora Mirabelle tenha vinte e oito anos, seu *status* de criança da casa jamais mudou. Pai para filha, filha para mãe, as relações estão congeladas no tempo. Foi este ar de tensão, sentido nove anos atrás, que fez com que Mirabelle fosse para a Califórnia, onde poderia cavoucar em sujeira fresca em busca da sua verdadeira personalidade. No momento, porém, em que

atravessa o umbral da porta da casa dos pais a Califórnia já não tem mais importância.

Moderação em tudo, inclusive no sucesso. Seu pai sustenta a família razoavelmente bem mas não conseguiu ir muito além disso. A casa é pequena, e as paredes são finas. Eles têm dois carros velhos mas, no momento, seu pai teve algum sucesso vendendo produtos domésticos. Esse dinheiro extra significa que algumas poucas coisas estão sendo reformadas. Uma imensa lona de plástico cobre todo o telhado da casa à espera da primavera, quando poderá ser reparado.

Catherine e Dan estão casados há trinta e cinco anos, e a estóica construção do seu relacionamento só foi quebrada uma vez, quando Dan revelou seu caso de sete anos com uma vizinha. Primeiro, Catherine desabou, depois lutou e então ressuscitou seu casamento com silencioso poder e sofisticação jamais demonstrados antes ou depois em toda a sua vida. Quem realmente ficou em pedaços, quem não se recuperou, quem não entendeu e viu a imagem do pai desmoronar foi Mirabelle.

Mirabelle não sabia como livrar-se dessa traição, e Dan não sabia que enquanto traía sua mulher também estava traindo sua filha. Mas ela ainda necessitava ser amada por este homem que havia cometido o crime impronunciável, e a atração e a rejeição que sentia em relação ao pai a deixavam tonta.

Mesmo antes do episódio, Mirabelle temia seu pai, embora não soubesse dizer a razão. Lembra-se vagamente de uma mudança no seu comportamento logo após ter voltado da guerra. Lembrava-se de um homem amoroso e jovial que havia se tornado sombrio e distante, obrigando-a, sem dizer palavra, a manter uma posição cautelosa perto dele. A casa dominada pelo silêncio, Mirabelle costumava retirar-se para seu quarto e ler, dando início a uma longa amizade com os livros. Mas e agora, passados tantos anos? Agora seu pai parece ser mais agradável, como se alguma coisa houvesse sido amaciada dentro dele, como se sua decisão de distanciar-se de todos houvesse sofrido uma erosão benéfica causada pelo tempo.

— Então, como vão as coisas lá na Costa Oeste? — Seu pai está sentado na cadeira mais confortável na sala, e Mirabelle está relaxada num sofá.

— Tudo bem. Continuo trabalhando na Neiman's.

— E a arte? — Dan jamais vê o trabalho artístico da filha como uma coisa frívola e, na medida do possível, tenta entender o que ela faz.

— Continuo desenhando, papai. Até vendi uns trabalhos.

— Sério? Que bom, que boa notícia. E a quanto são vendidos seus desenhos?

— O último, seiscentos dólares, divididos com a galeria.

A mãe de Mirabelle entra na sala com uma bandeja de copos cheios de Coca-Cola a tempo de surpreender um modesto convencimento na voz da filha e faz um olhar que traduz algo como: "Será que isso pode ser verdade?" Por algum motivo, ela sente a necessidade de se fazer de ingênua em relação à arte de Mirabelle. Faz de conta que não consegue entender como as pessoas podem se preocupar com tal assunto; faz de conta de que a coisa toda está além da sua compreensão. A fonte deste comportamento é uma decisão misteriosa e arbitrária de colocar certas questões fora da sua área de entendimento, como o fato de o homem da casa não saber como lavar e secar os pratos. A mulher que demonstrou ser uma muralha de fogo quando sua família precisou de proteção agora sente a necessidade de se fazer de boba.

Os três conversam durante algum tempo, e Dan sugere que dêem uma volta pela vizinhança. Ele passa com as duas por certas casas de modo a chamar os vizinhos para fora e exibir sua filha. Mirabelle transforma-se na filha que sempre foi para ele antes da revelação do seu caso de amor clandestino. Ela caminha logo atrás do pai e sua pose se torna estranha, sua voz torna-se frágil e mal se ouvem os "alôs" que dirige aos vizinhos mais familiares. Nada do que viu ou experimentou durante os anos na Califórnia é visível em seu comportamento. Catherine está um pouco afastada, estilo esposa de muitos anos. Mirabelle olha para a mãe e se pergunta de onde possivelmente terá vindo seu profundo erotismo.

Depois de jantar com os pais e mais Ken e sua mulher, Ella, Mirabelle vai até o seu quarto e senta-se na cama em meio às relíquias da sua infância e adolescência. Com exceção da máquina de costura que sua mãe não usa mais e de algumas caixas de papelão colocados dentro do armário, nada mudou. Um rádio-relógio dos anos setenta, e conseqüentemente pré-digital, continua na mesa-de-cabeceira, na mesma posição que estava na época em que Jimmy Carter foi presidente. Os livros nos quais Mirabelle mergulhava quando queria se refugiar da família continuam lado a lado na estante cuja tinta começa a esmaecer. A luz da lâmpada incandescente do teto espalha-se por todo o quarto e até mesmo o seu brilho lhe é familiar. Embora se sinta uma estranha na casa, não se sente estranha naquele quarto. O quarto é seu e é o único lugar onde ela sabe exatamente o que ela é e contra quem está lutando. E ela gostaria de permanecer no quarto para sempre.

Ela abre uma das caixas — um baú de papelão com gavetas de papelão — e vê pilhas de formulários de impostos que há muito já podiam ter sido jogados fora, alguns livros-caixa e um rolo de papel para presente com decoração natalina. Ela se ajoelha e tira a poeira do chão e abre a gaveta inferior. Uma suéter dobrada e mais despojos financeiros. Vê uma confusão de fotos metidas dentro de um livro-caixa. Levanta o livro, e as fotos caem na gaveta. Ela dá uma olhada e vê fotos tiradas no Natal quando tinha cinco anos. Está montada nos ombros de seu pai, que ri deliciado. Seu irmão está próximo deles armado com uma pistola espacial de plástico. A mãe provavelmente tirou a foto. Mas o mistério para Mirabelle é: o que aconteceu? Por que seu pai deixou de amá-la?

Mirabelle está deitada na cama segurando as fotos como se estivesse em um jogo de cartas. Cada uma é uma passagem para o passado; cada uma revela um momento, não somente nas faces como na mobília e em outros objetos de fundo. Lembra-se daquela cadeira de balanço, lembra-se daquela revista, lembra-se daquele bibelô souvenir de porcelana de Monticello. Olha fixamente para as fotos e penetra dentro delas. Sabe que embora as mesmas pessoas, a mesma mobília e os mesmos objetos estejam do lado de fora da porta do seu quarto, as pessoas não poderão ser recriadas, as

peessoas não poderão fazer as mesmas poses e a foto não poderá ser tirada. A não ser que viajassem no espaço. Tudo está presente mas não pode ser alcançado. A melancolia permanece com ela até a vinda do sono e não lhe desagrada ser embalada por ela. Antes de dormir, ainda se pergunta por que essas fotografias têm tanto poder, um poder que vai além da simples saudade.

No dia seguinte, Mirabelle e o pai dão um passeio pelo bosque. Em Vermont, não importa a direção que se vá, acaba-se sempre num bosque, e por isso mesmo eles saem pelos fundos do pátio da casa. A neve é suave e não muito profunda. Mirabelle veste a parca de lã da mãe e dá a impressão de que foi inflada de vento. O pai é a própria masculinidade. Veste *jeans*, camisa de lã, colete de pele e um capote de couro de ovelha. Depois dos costumeiros "como vai mamãe?", um diálogo no qual pouco é dito e nada é respondido, Mirabelle tira as fotos do bolso e as passa ao pai.

— Encontrei ontem à noite. Lembra delas? — Ela ri enquanto as entrega, indicando que são inofensivas.

Desajeitadamente, ele tenta achar os óculos que estão no bolso da camisa e depois olha as fotos.

— Hã, hã... — Não era esta a reação que Mirabelle estava esperando. Tinha esperanças de um sorriso quando a lembrança ocorresse ao pai.

— Nós estamos rindo — diz Mirabelle.

— É, parece que estamos nos divertindo um bocado.

Ele repassa as fotos para a filha, que está espantada com sua indiferença.

De repente, Mirabelle descobre por que as fotos tiveram tão poderoso efeito sobre ela. Quer estar novamente naquele mesmo lugar e naquela mesma época. Ela quer estar nas fotos antes da Páscoa, antes da mudança em sua personalidade. Ela quer estar nos ombros de seu pai como quando era criança; quer confiar nele e quer que ele confie nela o bastante para confessar-lhe seus segredos.

— Estas fotos foram tiradas logo depois que você voltou do Vietnã, não foram?

Mirabelle já havia tentado abrir esta porta antes. Hoje a reação dele é a mesma de sempre.

— Não estou certo. Talvez. Acho que sim.

Enquanto Mirabelle e seu pai continuam o passeio, o ar do inverno queima em seus rostos. Chegam a uma clareira sob uma árvore e antes de darem a volta Mirabelle enfia a mão no fundo do bolso da parca e toca o cartão de visita que Carter Dobbs lhe dera. A distância da casa lhe dá coragem, e ela acha que chegou a hora de tocar no assunto.

— Tem um homem tentando entrar em contato com você — diz Mirabelle. — Ele falou que conhece você.

Ela lhe passa o cartão. Ele o olha em silêncio por alguns instantes e depois o devolve para ela.

— Você o conhece? — pergunta Mirabelle.

Ele devolve o cartão a ela.

— Conheço. — Com esta afirmação a conversa deles acaba. Mas Mirabelle notou uma coisa. Enquanto segurava o cartão, o pai passou o polegar sobre o nome de Dobbs. Ao fazer isso, Mirabelle tinha certeza, ele estava muito distante — da neve, da filha, do bosque, do seu pátio em Vermont.

Sua mãe sai de casa para cuidar da neta de três anos. Depois de ficar horas na frente da TV com seu pai, agora monossilábico, vendo uma série de programas, Mirabelle vai para seu quarto. A casa está silenciosa, e ela dirige a luz da lâmpada de cabeceira para a estante de livros da sua juventude. Folheia alguns: *Adoráveis mulheres*, *Jo's Boy*, *Little Men*, *Jane Eyre*, *The Little Princess*, *Secret Garden*, *The Happy Hollisters*. Nancy Drew. Agatha Christie. Judy Blume: *Are you there, God? It's Me*, *Margaret*. *Deenie*. *Starring Sally J. Freedman as Herself*. Um som atrai sua atenção. Alguma coisa... um gato? Um animal ferido no bosque? Mas sua mente recalcula as informações trazidas pelo som. Ele se repete. É um som, um lamento que parece vir de dentro da casa. Usando os chinelos com orelhas de coelho que ganhou no último Natal de uma tia que subestimou sua idade em quinze anos, ela abre a porta do seu quarto e dá um passo para o corredor. Não precisa andar muito para saber que os sons, que agora identificou

como soluços abafados, estão sendo produzidos por seu pai, que está atrás da porta fechada do seu próprio quarto. Ela fica petrificada como corsa com pés de coelho e depois em silêncio dá a volta e dirige-se ao seu quarto. Fecha a porta sem um ruído sequer, como fez certa noite há 21 anos depois de ouvir o mesmo pranto vindo do mesmo quarto.

Os gemidos cessaram, e a casa voltou ao silêncio. Mirabelle está sentada numa cadeira e olha para o agasalho, que caiu do pé da sua cama e está espalhado no chão. Ela pega do bolso o cartão de Carter Dobbs. Aproxima-se do quarto de dormir dos pais e deixa o pequeno cartão comercial no chão, de pé, encostado na porta. Depois, sem fazer um só ruído, volta para seu quarto.



Seis meses passam despercebidos, enquanto Ray e Mirabelle vivem num paraíso provisório e precariamente construído. Ele chega e sai da cidade, leva Mirabelle para restaurantes caros e de volta para sua casa nas colinas, às vezes dormindo com ela, outras não. Tem noites em que ele a leva para casa e se despede. Ela não gosta de sexo quando está menstruada. Quando se sente deprimida, o ato sexual pode ser melancólico. Quando se encontra nessas condições, eles têm um acordo tácito de espera até que a situação volte ao normal. Ele toma nota das expressões que ela trouxe de sua adolescência em Vermont e usa com certa frequência como, *preguiçosos, dorminhoco, madrugador* que, alternadamente, o divertem e o chateiam. Há uma escova de dentes separada para ela. Uma vez que a casa dele é mais próxima da Neiman's, ela dorme lá frequentemente. Mantém na casa dele uma bolsa enorme cheia de roupas para ir diretamente ao trabalho pela manhã sem ter de passar antes no seu apartamento. Ele, quando tem fantasias sexuais, pensa nela e em ninguém mais.

Ray aparece na sua secretária eletrônica dizendo que está na cidade e convidando-a para um evento em Nova York no mês seguinte e, sim, ela precisará de roupas novas, e sim, vamos dar uma volta pelas lojas. Ele a leva a Beverly Hills num dos seus dias de folga e passam uma tarde erótica no Prada adquirindo roupas. Ray a vê

de relance mudando de roupa num provador. Quando voltam para casa, ela experimenta o vestido na frente dele e começam a transar até ela estar completamente nua. E continuam. Durante os próximos dias, Mirabelle planeja a viagem, faz arranjos para faltar ao trabalho e silenciosamente conta as horas para a partida.

junho

RAY PORTER NÃO CONSEGUE ACREDITAR que ela esteja chorando tanto e gostaria de não ter lhe dito o que disse. Mas a carta, que ela parece evitar, está nas mãos dela enquanto cai na cama. Ela balança a cabeça e chora como uma criança. Ele escreveu a carta porque queria dizer-lhe sucintamente o que tinha a dizer. Se falasse, provavelmente gaguejaria, mudaria de direção no meio de uma frase e acabaria por não dizer o que pretendia por causa de algum ponto vulnerável nos olhos dela. Mas ela queria saber; ela pediu para saber e lhe deu a impressão de estar falando sério. Foi por isso que ele lhe deu a carta pessoalmente enquanto estavam sentados no seu quarto de dormir na hora do crepúsculo, que chegou antes do costume e logo se transformou em noite.

Cara Mirabelle,

Suponho que a única maneira de dizer isso é dizendo. Eu dormi com alguém. Não foi nada romântico ou íntimo e não passei a noite com a pessoa. Não estou dizendo isso para machucá-la e nem porque quero qualquer mudança na nossa relação. Estou dizendo isso porque você me pediu. Espero que encontre dentro de você um lugar de compreensão para mim. Sinto muito.

Ray.

Quando Mirabelle dá as costas para ele, Ray imediatamente apanha a carta e a coloca dentro de uma gaveta para que ela não veja a tangível evidência do que ele fez. Para Mirabelle, a carta representa uma coisa horrível, e Ray fez bem em escondê-la.

Ele havia debatido a questão consigo mesmo por duas horas durante o vôo para Los Angeles. Dizer ou não dizer? Mas ela havia pedido que ele dissesse. Devia estar falando sério. Além disso, não se tratara de amor. Apenas uma simples trepada. Afinal de contas, ela tinha pedido. Ele pensara que se tratava de algum tipo de neofeminismo que ele deveria respeitar. Caso não o fizesse, seria um porco machista. Ninguém poderia julgá-lo mal diante das circunstâncias, por confessar a transa a Mirabelle. Entretanto, fosse qual fosse o seu processo mental, por mais que dissesse a si mesmo que fazia a coisa certa, estava tudo errado. E estava errado porque sua lógica não se baseava numa compreensão do sentimento de Mirabelle e ele continuava a interpretá-la do modo errado.

Mirabelle não faz pergunta alguma. Levanta-se da cama e arrasta sua suéter pelo corredor como se estivesse bêbada. Ray não sabe como lidar com esta garota. Se pelo menos ela fosse prática, ele lidaria com ela de um modo prático. Mirabelle está, porém, no estágio número um — uma criança que teve seu coração partido por alguém em quem confiava. De modo quase inaudível, ela murmura algo como o cancelamento da viagem deles para Nova York no fim de semana. Ray segue Mirabelle até o carro dela e fica parado na rua até vê-lo desaparecer. No dia seguinte pega um avião para Seattle.



Ray espera um dia e então telefona exatamente no momento em que sabe que ela estará atravessando o umbral da porta do seu apartamento.

- Como vai?
- Bem — ela diz com voz frágil.
- Quer falar sobre o assunto?
- OK. Posso ligar para você mais tarde?
- Claro.

E eles desligam os respectivos telefones. Mirabelle dispõe das suas coisas, tira a roupa, fica só de calcinha e sutiã e bebe um copo de água. Passou o dia aturdida. Embora tenha decidido que jamais

voltaria a falar com Ray, está contente por ele ter ligado. Ela precisa falar com algum amigo, com algum aliado sobre a transgressão de Ray, mas Ray é seu único amigo. Ela vai até o quarto e liga 206, o código de área de Seattle.

— Ray? — diz ela.

— Desligue que eu telefono em seguida — diz ele.

— Certo.

Há acordo fiscal tácito entre eles. Sempre que ela fizer um interurbano, ambos desligarão e ele telefonará em seguida para ela, assim Mirabelle não terá de pagar pela ligação.

— Você está melhor? — pergunta ele.

— Um pouco melhor — responde ela, sem saber exatamente o que ele quis dizer.

— Vamos nos encontrar?

— Acho que não. Quero ir a Vermont ver meus pais. Já troquei minha passagem para Nova York, está bem?

Mirabelle não vai para Vermont esperando encontrar o consolo de seus pais. Nem o pai e nem a mãe seriam solidários, pois ela dificilmente saberia explicar a situação, principalmente por seu pai ser culpado do mesmo ato. Mas ela terá conforto e quietude em seu quarto entre seus pertences.

— Claro, não tem problema.

A conversa se arrasta, e Ray lhe diz que sente muito tê-la magoado. E isso é verdade, mas, no íntimo, ele não sabe de que outra maneira poderia ter agido. Ele está determinado a não amar Mirabelle; ela não é seu par. Sabe que a está usando mas é incapaz de parar. Embora o desejo que sentem um pelo outro permaneça, seus objetivos se conflitam e a relação não conseguiu ir adiante; nem o bastante para continuar viva. Eles se despedem, com Ray sabendo que o caso ainda não acabou e com Mirabelle sem forças para pensar além da dor que sente.

prada

A PASSAGEM DE MIRABELLE PELA PRADA acabou chegando aos ouvidos de Lisa. Ao cortejar uma mulher, segundo Lisa, o máximo que o homem pode fazer é levá-la à Prada para compras. Seus modelos não são apenas caros mas identificáveis. Um vestido *novo* da Prada é um vestido da Prada e sempre será um vestido da Prada. Especialmente um vestido novo da Prada. Um vestido novo da Prada significa que a compra foi recente, que dinheiro novinho em folha acabou de ser gasto, e se Lisa estivesse vestindo um modelo da Prada, isso significaria um grande ponto marcado. Significaria que ela havia aterrissado em dinheiro; que seu homem tinha passado com ela tempo suficiente para acompanhá-la a Beverly Hills, esperara que ela provasse todos os modelos preferidos para só então passar o cartão de crédito por cima do balcão sem mesmo olhar a conta.

Lisa dá de cara com o rumor quando vê Mirabelle chegar ao trabalho num modelo espetacular, elegantíssima e cintilante. Para Lisa um modelo da Prada é tão identificável como a sua própria mãe. E a visão de Mirabelle em um perfeito Prada provoca nela um rosnado gutural. Lisa telefona para uma amiga que trabalha na Prada e é informada da versão completa: sim, Ray Porter e uma desconhecida passaram por lá e compraram alguns artigos. A única coisa que Lisa pode pensar em fazer ao ver seus piores temores se confirmarem é em retocar seus pêlos púbicos. Este é um ato ritualístico de alerta, uma dança de guerra que se assemelha à de um matador antes de entrar na arena para enfrentar o touro. O ritual de Lisa é também consequência do fato de ela pensar que qualquer coisa natural com a qual foi agraciada tem de ter um certo tempero para alcançar o mais alto patamar da beleza. Seios, lábios, cabelos, cor da pele, dedos dos pés e das mãos — tudo precisa ser ajustado o mais rapidamente possível.

Lisa está sentada no vaso sanitário enquanto raspa a perna levantada sobre a banheira. Pode mergulhar a lâmina na banheira

quando necessário enquanto modela e esquadrinha a pele à perfeição. Lisa está determinada a afastar Ray Porter do erro que pensa ser Mirabelle. Tudo o que ela precisa saber é onde encontrá-lo e como ele se parece. Não faz planos nem está preocupada, pois sabe que pode arrancar essas informações de Mirabelle quando as duas almoçarem juntas. Depois de molhar a lâmina de barbear pela última vez na pia, inspeciona as obras de arte que são suas pernas lisas. Ela se levanta completamente nua e contempla-se no espelho do banheiro. Ela é uma ampulheta com toda a areia na parte superior. É branca e rosada e seus implantes puxados e esticados tornam a pele em volta dos seios ainda mais branca, de modo que eles parecem brilhar. Os mamilos têm a cor de chiclete de bola e o silicone tornou-os elásticos o suficiente para serem mordiscados como goma de mascar. E agora ela vai tratar do que tem entre as pernas, segundo ela e seus namorados, a mais bela e pequena propriedade a oeste do Texas.



Mirabelle tinha dito a seus pais que viajaria para Nova York. Portanto, quando lhes telefonou para dizer-lhes que iria a Vermont, teve de dar algumas explicações. Uma vez que seus pais não são pessoas de perguntar muito, ela consegue enganá-los facilmente. Nem suspeitam que ela está prestes a desmoronar.

Ao chegar a Vermont Mirabelle consegue colocar no rosto uma expressão de atriz ganhadora do Oscar. Consegue fingir que está contente, embora de vez em quando tenha de refugiar-se no seu quarto para deixar a tristeza causada pela separação de Ray sair pelos seus poros. Passeia distraída pela casa e em dado momento vê o cartão comercial de Carter Dobbs que seu pai levou do quarto de dormir para sua escrivaninha. Pergunta-se se ele terá telefonado ao amigo como ela gostaria que tivesse feito.

Depois de vinte e oito horas do horrível fim de semana, o telefone toca, e ela atende. É Ray Porter chamando de Nova York. Antes de informá-la da razão do telefonema, ele murmura um "como vai?" meio esquisito. Ray suaviza o mais que pode a voz, dando a impressão de que está se inclinando para ela. Ele faz sua

pergunta de um modo tão apologético que quase faz com que ambos caiam em silencioso pranto.

— Por que você não vem para Nova York?

Apesar da dor que sente, Mirabelle quer estar em Nova York com ele e, por mais que ela tente dar essa impressão, não há hesitação em seu "sim" Ela já lhe demonstrou que tinha sido ferida, mas isso agora acabou. Ela quer estar em Nova York e não em Vermont.

Mirabelle diz à mãe que parte hoje.

— Mas por quê, meu Deus?

— Vou encontrar com Ray.

Os pais de Mirabelle sabem que ela tem saído com um certo Ray Porter, mas fingem que se trata de uma relação casta. Isso, é claro, requer incríveis manipulações da realidade, enormes bloqueios e pontos cegos. Para os pais de Mirabelle, a filha simplesmente não dorme com ninguém.

— Oh, que bom para você! — exclama sua mãe sem maiores comentários.

Neste ponto, Mirabelle poderia simplesmente ter dado as costas aos pais sem que nada fosse dito. Entretanto passaram-se 10.319 dias da data do seu nascimento, e hoje, por alguma razão, explicável apenas pelo peso do estresse multiplicado por seus vinte e oito anos, Mirabelle acrescenta uma pequena verdade:

— Se vocês precisarem entrar em contato comigo, estarei com ele.

Catherine continua passando o garfo no mesmo lugar no prato por alguns segundos-

— Num hotel?

— Sim — diz Mirabelle e, em seguida, para deixar as coisas claras —, mas não se preocupe que tomo as minhas pílulas.

— Bem... — diz Catherine. — Bem... — repete.

Catherine passa o pão pelo prato e então num tom de voz tão carregado de significado que só Meryl Streep poderia reproduzi-lo com a mesma modulação, acrescenta mais um "bem..." Em *timing* teatral perfeito, neste momento Dan entra

na cozinha, e Mirabelle lhe diz a mesma coisa apenas para sentir aquele pequeno poder invadi-la mais uma vez. Nenhum clamor apresenta-se e depois de alguns segundos de silêncio o pai de Mirabelle muda de assunto, liga a TV e se deixa absorver pela programação.

nova york

MIRABELLE PEGA O AVIÃO e encontra-se à tardinha com Ray em Nova York. Não trouxe seu modelo da Prada mas seu rápido instinto para roupas acaba prevalecendo. Eles entram no Empório Armani, e assistida por ele, ansioso para tirar um maço de dinheiro do bolso, Mirabelle acaba escolhendo um magnífico modelo prateado que está à altura da Prada. Aquela noite eles se regalarão com um jantar de 1.500 dólares.

Mirabelle está escultural e elegante. Quando entram no sofisticado restaurante, os fotógrafos espocam seus *flashes* apesar do seu *status* de não celebridades. Sentam-se sozinhos a uma mesa para doze pessoas em meio a centenas de outras mesas, Mirabelle se sente tão fascinada por estar no local que seu ar ingênuo não é aparente para ela. Após o jantar, vão a uma festa para pouco mais de uma dúzia de pessoas num apartamento elegante da Park Avenue. Os convidados estão reunidos numa biblioteca com painéis de madeira onde vários Picassos olham enigmaticamente para eles. Há homens de cabelos grisalhos mais velhos do que Ray e jovens elegantes começando a vida com pouco mais de trinta. Há mulheres executivas cuja sexualidade, de certa forma, foi deixada numa gaveta em algum lugar mas que depois, num segundo pensamento, foi recolocada sobre elas e exibida como um ornamento de poder.

Trata-se de um grupo ágil e inteligente que, porém, não sabe o que pensar de Mirabelle, que está disposta como uma flor em meio a eles. É a única que veste um modelo mais claro que azul-marinho. Ao contrário deles, sua pele branca é um presente natural e não o resultado do descoloramento durante horas sob luzes de néon. Quando finalmente alguém lhe pergunta o que ela faz, Mirabelle informa que é artista plástica. Isso leva o grupo a discutir sobre os preços no mercado de arte, o que exclui Mirabelle do resto da conversa.

Na medida em que a noite vai passando, os tópicos da conversa — política, escolas das crianças, modernos tratamentos médicos — acabam por se resumir num só. E este tópico é a mentira. Todos admitem que sem a mentira o trabalho diário não poderia ser feito. De fato, diz um deles, a mentira tornou-se tão essencial para a existência que já deixou de ser mentira para transfigurar-se numa variante da verdade. De qualquer modo, alguns homens admitem que jamais mentiram e todos os presentes sabem que isso acontece porque se tornaram tão ricos que a mentira se tornou desnecessária, além de perder significado. A riqueza desses homens protege-os até mesmo de processos judiciais.

Todos os pontos de vista são expressos de maneira amorfa e, apesar da ausência de opiniões novas, surgem concordâncias, palavras elogiosas e até tapinhas nas costas. A troca rápida de idéias dá a impressão superficial de que se trata de uma discussão inteligente mas que na verdade é vazia, boba e bêbada. Isto é, até Mirabelle falar. Destemidamente, e sóbria como um anjo, ela entra na conversa:

— Acho que a mentira, para ser eficaz, deve ter três qualidades essenciais.

As vozes ressonantes dos homens esvanecem-se aos poucos e as vozes de soprano das mulheres silenciam. Intimamente, Ray se preocupa.

— E quais seriam essas qualidades? — pergunta uma voz.

— Em primeiro lugar, a mentira precisa ser parcialmente verdadeira. Em segundo lugar, a pessoa que ouve a mentira deve sentir-se preocupada com você e em terceiro lugar, deve ser alguma coisa embaraçosa de se dizer — diz Mirabelle.

O que todos dizem está implícito no silêncio que se segue: "Vá em frente."

— Deve ser parcialmente verdadeira para ser acreditável. Se você despertar simpatia, a possibilidade de conseguir o que quer é muito maior. E finalmente, se se tratar de alguma coisa constrangedora, a possibilidade de questionamento é muito menor.

Como exemplo, Mirabelle conta a mentira que disse ao Sr. Agasa. Explica que a verdade parcial era a de que de alguma forma

ela precisava ir ao médico. Em seguida, recebeu a solidariedade do Sr. Agasa por estar sentindo dor. Finalmente, acabou com a possibilidade de perguntas ao informar, constrangida, que se tratava de um problema ginecológico.

As mentes ágeis do grupo imediatamente abriram seus arquivos para encaixar a análise de Mirabelle para uso futuro. Neste meio tempo, Ray Porter desequilibrou-se alguns milímetros em seu eixo, e pela primeira vez em quase um ano perguntou-se se seria Mirabelle e não ele quem estava determinando a natureza exata e o caráter da relação.

Não fazem amor naquela noite e por algum tempo. Antes que se passe um mês, porém, as coisas voltam ao normal, e a carta, com sua sombria informação, só é mencionada uma vez. Mirabelle disse a Ray que se algo de similar ocorresse novamente, seria melhor não mencioná-lo. Mas a estrutura arenosa da relação deles sofreu uma erosão, pois o que não deveria ter sido mencionado o foi. Seu acordo silencioso de não discutirem a devoção ou dedicação de Ray foi quebrado.

Mirabelle já não sabe o que pensar sobre o assunto. Já não se faz perguntas sobre ele. Simplesmente deixa que as coisas aconteçam. Ray continua a fazer amor com ela sem que seu interesse erótico esvaneça o mínimo que seja, nem mesmo um feronômio. Ele paga o cartão de crédito dela, cujas despesas ultrapassaram os doze mil dólares. Alguns meses mais tarde ele paga o empréstimo contraído por Mirabelle para seus estudos, cerca de quarenta mil dólares. Substitui o velho carro de Mirabelle por um novo em folha. Embora ele não saiba, estes presentes têm como finalidade deixá-la bem quando se separarem.

Ele continua sua busca pelo amor apropriado em outros lugares: encontros ocasionais, viagens de carro e flertes. Prossegue, entretanto, cuidando de Mirabelle de um modo que não consegue explicar. Seu amor por ela não é o amor apaixonado que espera sentir, não é a rapsódia delirante que tinha prometido a si mesmo. Este amor é de um tipo diferente para o qual ele busca uma definição em sua mente. Nesse meio tempo, Ray acredita que sua relação com

Mirabelle continuará sem ser perturbada até o momento em que a mulher certa aparecer, ocasião em que explicará tudo a ela, e ela verá claramente como ele soube administrar tudo, lhe desejará felicidades e se congratulará com ele por ter sido um homem tão razoável.

los angeles

— **VOU QUERER UM CACHORRO-QUENTE** — diz Mirabelle.

É preciso notar que este não é um cachorro-quente comum mas um cachorro-quente de Beverly Hills, sem nenhum daqueles ingredientes impronunciáveis dos cachorros-quentes que são verdadeiros carnavais exóticos. Assim, Mirabelle não está violando a pureza do sangue suave que corre pelas veias sob sua pele impecável. Lisa, por outro lado, pede uma salada que preenche sua visão pessoal das duas qualidades de uma dieta de alimentos: deve parecer feia e ter gosto ruim. Não admite que alguns alimentos de poucas calorias podem ser saborosos. Deixa para pedir comida normal, não dietética, para quando um homem a estiver observando, esperando que a veja como uma dessas mulheres que podem comer de tudo sem engordar um grama. Essa é a importância que os encontros amorosos têm para Lisa. Sem eles, ela se limitaria a comer uma colher de cenouras em rodelas.

Como sempre, Lisa e Mirabelle estão sentadas do lado de fora sob um sol californiano num perfeito dia de julho de trinta e dois graus à sombra.

— E como vai sua vida amorosa? — Lisa sabe que a pergunta verdadeira que quer fazer está na base da lista e acha melhor começar logo a cercar o assunto.

— Vai bem.

— Ele não mora aqui, não é?

— Mora em Seattle.

— Deve ser duro para vocês.

— Não é não. Conseguimos nos ver uma, duas e até mesmo mais vezes por semana. — Mirabelle pensando que Lisa pode ter alguma outra preocupação ou interesse além de Rodeo Drive, pergunta se ela já leu *Idols of Perversity*.

Esta pergunta atravessa Lisa como um raio cósmico: sem efeito. Mirabelle então faz uma pequena análise do seu livro favorito,

enquanto Lisa lida com seu desinteresse olhando para o rosto da colega de trabalho e sonhando com maquiagem. Como o assunto de Mirabelle vai chegando ao fim na medida em que a hora do almoço vai terminando, Lisa pega firme:

— Quando você vai vê-lo novamente...?

Mirabelle jamais, de modo algum, trairia qualquer informação pessoal sobre Ray Porter nem mesmo seu nome, embora saiba que isto Lisa já conhece. Na sua excitação, entretanto, ela diz a Lisa que se encontrará com ele na próxima semana.

— Vamos ao *vernissage* de Ruscha na Reynaldo Gallery. Mirabelle parte do princípio de que Lisa estará presente ao *vernissage*, pois ninguém que já foi à Reynaldo deixa de voltar no evento seguinte. Num instante claríssimo Lisa se vê puxando Ray para longe de Mirabelle e com um simples golpe de laço tornando-o seu.

colapso

A BUSCA DE RAY PORTER PELA mulher certa não vai indo bem porque ele está vivendo na cidade eterna errada. Continua na cidade de sua juventude, onde mulheres de seus vinte anos brincam como coelhinhas, falam em tom agudo, paparicam-no e o enchem de pânico. Ele continua acreditando que nesta cidade encontrará uma bela intelectual de pele de porcelana que vai estonteá-lo com um riso selvagem e uma consciência da vida.

Uma ponte está sendo erguida no seu subconsciente. Esta ponte irá levá-lo desta cidade eterna para uma cidade eterna diferente. Esta nova cidade é onde seu verdadeiro coração viverá, um coração que traz as marcas da sua experiência, que sabe como e a quem amar. Mas a ponte só acabará de ser construída depois de muitas experiências dolorosas. Neste momento ele está sentado em sua casa em Seattle com uma mulher na qual pensa estar interessado.

Christie Richards tem trinta e cinco anos e é uma desenhista de moda conhecida. Tem um corpo suculento que no momento astrológico certo e na medida bem dosada de Cabernet pode excitar a memória de Ray, levando-o ao passado, a namoros no escuro do cinema. Christie está sentada à mesa, posta para dois, à luz de velas e cujo jantar foi preparado por um *chef* próximo mas invisível. Todos esses ingredientes essenciais fazem a luxúria e a lascívia emergirem dentro de Ray. Enquanto ele examina seu corpo, ela continua falando sobre a moda em Seattle.

— ... mas eu quero vitrines, pois sem vitrines você não é uma verdadeira estilista. Criei alguns modelos que vendem muito bem mas têm tecido demais. Ninguém quer modelos pesados na vitrine. Preferem guardá-los no porão...

E ela vai falando, mencionando, às vezes, um nome conhecido do mundo da moda. E ela vai bebendo, e ele continua servindo, até que as garrafas de Cabernet cheguem quase ao fim.

Sem deixar que ela perceba seu entusiasmo por vê-la alta, Ray, com ar de casualidade, abre uma última garrafa e enche o copo de Christie.

Ao fim do jantar, ela já está com a língua um pouco enrolada e Ray se pergunta se não terá exagerado nas doses. Ele a convida para o terraço a fim de respirar o ar saudável e refrigerado de Seattle que, pensa ele, fará bem a ela. O ar realmente faz bem a ela, mas não a ele. Energizada pelo oxigênio, Christie está disposta a passar por cima das preliminares amorosas das quais Ray, a esta altura, tanto precisa se tiver de fazer o que um homem deve fazer.

Christie arrasta Ray até o quarto de dormir dele, que ela já havia visto antes mas sem nenhuma intenção sexual, como um *tour* arquitetônico conduzido por um anfitrião educado. As luzes já estão no ponto certo de penumbra, e ela se ajoelha em frente dele e tenta desafivelar o seu cinto:

— E agora vou chupar seu pau.

"Tudo bem", pensa Ray enquanto ela tenta baixar suas calças sem sucesso, apesar da simplicidade da coisa toda, caso estivesse sóbria. Em seguida, sem aviso prévio, ela cai de cara no carpete grosso. Parece uma bêbada de *Christina's World*, de Andrew Wyeth, mas seus olhos, em vez de se dirigirem ansiosos para a propriedade rural, estão tentando focalizar qualquer coisa que não esteja em movimento. Ela se arrasta até chegar a uns vinte centímetros de um dos pés da cama meio zonza, esperando transformar as imagens dançantes numa só.

Ray sabe que está no lugar errado na hora errada, mesmo que esteja em sua própria casa. Sabe que não deveria fazer isso, sabe que o tempo dessas mulheres eventuais, parentéticas, entre parênteses, entrarem na sua vida está acabando. Ajuda-a a descer o corredor, praticamente carregando-a até a sala de estar, onde a acomoda num sofá, colocando travesseiros sob seus braços para evitar que caia. Olha nos olhos dela e pergunta com a voz abafada:

— Você pode dirigir?

Realmente não diz isso para descobrir se ela está em condições de dirigir, mas para fazê-la saber que está na hora de voltar para casa.

Christie, conhecendo seus limites, sacode a cabeça negativamente: "Não." Ray, na verdade, não entende se aquele gesto significa que ela não pode dirigir ou se significa que ela não consegue mais manter a cabeça em posição vertical.

Ray pode levá-la para casa, mas deve resolver o problema do carro. O carro dela, que está estacionado do lado de fora, e se a levar, terá de enfrentar o problema de encontrar táxis e o problema de chegar na hora em seus compromissos matinais de negócios.

— Você pode dormir aqui no quarto de hóspedes.

Uma das pálpebras de Christie se fecha preguiçosamente.

— Quero ficar com você.

A idéia não diverte Ray em absoluto. Ele diz firmemente que não e a conduz ao quarto de hóspedes. Chocada, ela vê a porta fechar-se à sua frente. Então, ela se vira, vê a cama e cai pesadamente de bruços sobre ela.

Ray Porter mete-se entre seus lençóis de mil dólares e se sente como se estivesse deslizando para o paraíso. Está sozinho e feliz por estar sozinho, embora se preocupe com a possibilidade de que Christie Richards acabe tateando pelos corredores e chegue até seu quarto. Seus cálculos, geralmente rápidos, arrastam-se como caracóis, e um enorme ponto de interrogação forma-se no fim do seu túnel mental: há quanto tempo isso vem acontecendo? Por que estou sozinho?

Ray dorme e sonha com batidas à porta. Batidas. Ele desperta no momento em que está profundamente envolvido no terceiro estágio do sono, tão grogue que apenas um dos seus sentidos — audição — está funcionando. Fica deitado na cama perguntando-se sobre a possibilidade de um ladrão ter penetrado na casa. Ele sai da cama e desce sem medo o corredor apenas porque seu cérebro computa rapidamente que as possibilidades de um ladrão ter entrado na casa são muito remotas. Pode ouvir o ruído à distância... Será na rua? Estão construindo uma casa nas proximidades, mas estariam trabalhando às três da manhã? Ouve o ruído novamente, mas desta vez se dá conta de que estão batendo à porta da frente.

Abre a porta e dá de cara com Christie completamente vestida, exceto pelo fato de estar sem sapatos.

— Meus sapatos estão no jardim dos fundos.

O único cenário que passa por seus olhos é tão ilógico que ele não lhe pergunta o que aconteceu. Ela deve ter ido ao jardim dos fundos, tirado os sapatos, decidido que queria ir embora, entrado na casa, saído pela porta da frente sem levar as chaves do carro, sendo portanto forçada a bater à porta da frente a fim de não ser obrigada a dormir ao relento numa noite fria, alguma coisa dessas. Ray apanha os sapatos de Christie no jardim, passa os braços sobre os ombros dela, que está mal agasalhada para uma noite de outono, e os dois saem de casa. Resolve levá-la de carro até onde ela mora, a mais de vinte e cinco quilômetros de distância.

No dia seguinte, envia-lhe flores.



Mirabelle veste sua suéter cor-de-rosa e a saia escocesa pastel para o *vernissage* de Ruscha às cinco da tarde. Quando ela desce do seu carro no estacionamento coberto de Beverly Hills, parece um arco-íris refletido por um irrigador de gramado. Na outra extremidade, um carro está sendo trancado e um homem se afasta dele. Ela o vê em silhueta colocando um papel na carteira. Seu terno é bem-talhado, e ele tem o cabelo caído na testa. Ele começa a se afastar, mas Mirabelle ainda está iluminada pelos últimos e pálidos raios de sol que se infiltram no estacionamento. Percebe o olhar dele com o canto dos olhos. Então ele diz:

— Mirabelle?

Mirabelle pára.

— Sim?

Ele se aproxima, e a luz bate suavemente em seu rosto. Finalmente, ela o reconhece. Embora seja a mesma pessoa, o novo Jeremy não tem nada a ver com o velho Jeremy. Seriam necessários três velhos Jeremys para trocar pelo novo, um modelo mais esbelto, elegante e de formas mais desejáveis.

— É tão bom te ver de novo! — diz ele.

"Tão bom te ver de novo?" pensa Mirabelle. "Sobre o que ele estará falando?" Será que ela deve dizer "também é muito bom te ver de novo"? Ela não está particularmente feliz por vê-lo outra vez, mas também não está aborrecida. Mais do que tudo, sente-se curiosa. Mas antes de ela decidir o que deve fazer, Jeremy, casualmente, desabotoa o único botão do paletó, estritamente dentro da moda, e lhe dá um beijo na face.

— Você vai à abertura da exposição?

— Vou — diz Mirabelle.

— Não sabia se conseguiria ver a mostra antes de voltar à cidade e decidi vê-la hoje à noite. Posso te fazer companhia até lá?

Mirabelle faz um aceno afirmativo enquanto observa os sapatos de couro suntuosos de Jeremy e o caimento correto das calças sobre eles. Pergunta-se o que terá ocorrido.

O que ocorreu foi o seguinte. A excursão de Jeremy que era para ser de três meses e se expandiu por um ano de muitas viagens ao Leste e volta ao Oeste, tinha sido um sucesso. Não apenas um sucesso financeiro, mas um outro; de outra espécie. Jeremy tinha evoluído da condição de símio para a condição de homem. Depois de viajar com a banda Age por três semanas no ônibus com o equipamento, foi convidado a ficar com a turma no ônibus principal. Após suas apresentações, a banda costumava partir por volta da uma da manhã e viajar algumas centenas de quilômetros até o próximo compromisso. Normalmente, todos os componentes do grupo permaneceriam de pé por algum tempo para depois recolherem-se aos leitos-beliche com pequenas cortinas que lembrariam um trem dos anos quarenta sem Ingrid Bergman. Dentro das cabines haviam *headphones* que podiam ser conectados a um sistema central de som. Um dos membros da Age era budista. Havia aderido à religião fazia tão pouco tempo que se sentia na obrigação de dormir todas as noites ouvindo fitas de livros sobre budismo e meditação. Jeremy escutava apenas porque estava entediado. No princípio, irritava-se por estar ouvindo palavras faladas tendo como fundo musical apenas o som do vento. Logo, porém, uma meditação em particular provocou-lhe uma visão surreal na qual ele se via no seu quarto de dormir aos quatro

anos de idade. Aos poucos, a rotina de ouvir as fitas tornou-se o ponto alto das suas noites, e ele começou a prestar cada vez mais atenção ao que ouvia. O mais importante, porém, é que as antigas gravações eram substituídas por novas, e de repente, sem dar-se conta, Jeremy viu-se completamente envolvido num novo mundo de auto-ajuda.

Esses livros gravados, ouvidos dentro da atmosfera hipnótica do beliche acortinado do ônibus Greyhound invadindo distâncias, ensinaram Jeremy sobre o Eu interior e exterior, sobre os arquétipos junguianos, a jornada do homem e os ritos de passagem, a jornada da mulher e os ritos de passagem, a importância do cuidado com a alma e o sexo tântrico. Ele comprou e leu uma série de livros, começando com *Os homens são de Marte* e acabando com uma paródia chamada *Amando alguém mais bobo do que você*, com Jeremy se identificando com o "você" e não com o "bobo". Enquanto o ônibus rodava pelas auto-estradas de Kansas, Nebraska, Oklahoma e Nevada, sob milhões de estrelas que as luzes das cidades não conseguiam ofuscar, Jeremy teve sua consciência despertada e sua vida alterada. Por puro acaso.

Estavam atravessando o Boulevard Santa Monica e Jeremy explicava a Mirabelle seu sucesso e a razão de estar em Los Angeles para montar uma nova sede central dos amplificadores Doggone. Enquanto anda a seu lado, ele pega na sua mão e diz:

— Você está maravilhosa, realmente maravilhosa!

É isso que Lisa vê do outro lado da Galeria Reynaldo: um homem elegante e esbelto segurando a mão de Mirabelle enquanto caminham pela Bedford Drive em direção à mostra. Ela presume que Jeremy é o Sr. Ray Porter.

— Você está sozinha? — pergunta Jeremy.

— Vim encontrar um amigo — responde Mirabelle.

— Minhas viagens deixaram-me desenturmado em Los Angeles — diz Jeremy, enquanto abre a porta da galeria para Mirabelle. Lisa dá um jeito de ficar atrás deles no salão já lotado e estatisticamente torna-se a única mulher na festa a ter a xota com perfume de lavanda.

Cinco horas é cedo para uma festa, mas não em Los Angeles, onde a grande maioria das pessoas acorda por volta das sete da manhã. O jantar geralmente é servido às sete e meia em ponto, o que é ótimo para quem chegou de Nova York e está com *jet-lag*, pois estará jantando às dez e meia da noite. E assim o *vernissage* está começando a esquentar, e já podem ser vistos muitos rostos familiares. O Artista-Herói está presente, desta vez acompanhado, mas ele se lembra de Mirabelle e a chama. Jeremy se separa dela e vai ao bar, onde pede um drinque que descobriu faz pouco tempo: água mineral, suco de uva e vodca. Lisa, que o seguiu, ouviu seu pedido e, claro, pediu a mesma coisa. Ela espera até que os drinks sejam servidos, e então move sua xoxota aromática para uma conveniente e favorável distância.

— Oh, meu Deus, eu nunca tinha ouvido alguém pedir um desses!

E inicia seu número de sedução. Ri de tudo o que Jeremy diz, o que é difícil porque, por natureza, ele não é um sujeito engraçado. Mas Lisa acha que considerá-lo engraçado é essencial para conquistá-lo, e ela dá gargalhadas, balançando os cabelos ruivos, diante dos seus mais inócuos comentários, inclusive algumas observações sobre a situação política atual. Quando se dá conta de que Jeremy se leva a sério, Lisa aborta uma risada no meio do caminho e passa à expressão de profunda e respeitosa perplexidade. E a conquista de Jeremy que ela pensa ser o Sr. Ray Porter continua: risinhos, gargalhadas, adulações, beliscões leves, língua no drinque, generosidade no decote. Então ela olha para Mirabelle e diz como deve ser terrível para Jeremy vê-la conversando com outro sujeito quando o homem que veio com ela é tão atraente.

— Tenho um segredo — diz ela em seguida. — Eu sei quem você é, e a propósito, eu sou Lisa.

Como todos vivemos em nossos próprios mundos, Jeremy supôs que o mundo de suas conquistas e sucessos com amplificadores houvesse atingido a Costa Oeste. Ele adora o fato de uma bela ruiva estar informada sobre seus empreendimentos. Quando ela lhe pergunta se quer encontrá-la mais tarde para tomarem um drinque, ele dá uma olhada em direção a Mirabelle — o que reforça a certeza de

Lisa de que se trata de Ray —, sentindo uma súbita mágoa de não ter sido ela que lhe havia feito o convite, Mas ele decididamente responde a Lisa:

— Ótimo.

Lisa ri e flerta com ele por mais uma meia hora e depois abre as cartas:

— Podemos ir agora?

— Claro.

— E Mirabelle? — pergunta ela, fingindo-se preocupada com outra pessoa além de si mesma.

— Eu faço o que quero — afirma Jeremy, sem se preocupar jamais em informar que ele e Mirabelle não são um casal.

As palavras de Jeremy liberam um fluxo de estrogênio no sistema sangüíneo de Lisa, que a faz sonhar com sexo, bebês e uma bela casa no Vale.

Jeremy não entende a agressividade de Lisa, mas, por outro lado, não tem necessidade de entendê-la, como não a tem a sua recentemente elevada consciência. Ainda não foi encontrado um modo de fazer com que as águas tranqüilas onde flutua serenamente um cérebro de vinte e oito anos acalmem dois testículos de um jovem de vinte e oito anos.

— Vou dar um adeusinho a Mirabelle — diz Jeremy.

Lisa sente-se embaraçada, mas não muito.

— Tudo bem, mas vou esperar lá fora.

Lisa, previamente, tinha informado às companheiras de apartamento que não queria ninguém por lá aquela noite, e agora chega em casa com Jeremy. Jeremy descobre a versão ilustrada do *Kama Sutra* de Lisa Kramer, vendedora de cosméticos de primeira classe. Acrescenta ainda a contribuição de meia dúzia de livros "Como trepar" de dois psicólogos de rádio, comentários de amigas altamente sofisticadas em termos de sexo, artigos da revista *Cosmo*, além do incrível instinto que possui para transformar carne flácida em granito. Ela o despe lentamente e depois de um *strip tease* caprichado faz com que ele levite com toques de língua, seios e mãos. Felação e finalmente masturbação acabam produzindo uma ejaculação cósmica entre os

gritos e gemidos de Lisa. Mais tarde, a certeza de que sugou Ray Porter até a exaustão é reforçada quando pergunta a Jeremy se é melhor do que Mirabelle, dando a ele nenhuma outra alternativa a não ser dizer que sim. Depois do costumeiro mas curto período de carinhos forçados, Jeremy consegue ir embora, não sem antes ouvir as últimas palavras de Lisa: "Me liga."



Enquanto Lisa achava que estava lhe dando a trepada da sua vida, Ray Porter chega à festa na galeria, procura por Mirabelle, encontra-a e a leva para jantar, quando a familiar lascívia se instala nos dois. Ao conduzi-la de carro para casa, Ray enfia a mão por baixo da suéter de Mirabelle e entre os botões da sua blusa sente a suave elasticidade esponjosa dos seus seios. Na casa dele, ambos queriam fazer sexo, mas em vez disso começaram a conversar. Uma conversa mortal e dolorosa que começa com Ray Porter reafirmando sua independência, falando com Mirabelle como se estivesse falando com uma amiga, falando com ela como se ela fosse uma companheira que pudesse ajudá-lo a encontrar a mulher dos seus sonhos, ou seja, outra mulher.

— Andei pensando em vender esta casa e comprar um apartamento em Nova York. Adoro Nova York. Toda vez que desembarco na cidade sinto a emoção flutuar dentro de mim. Já vi um apartamento de quatro quartos que um amigo quer vender. Grande o bastante para o caso de eu encontrar alguém.

Ele diz essas palavras e há uma mensagem nelas, mas sua crueldade não é intencional.

Repentinamente, Mirabelle sente-se cansada. O discurso de Ray, como se fosse um comentário à parte, acabou com sua vontade de fazer amor. Braços caídos, ela afunda em uma poltrona. Já sabia de tudo que Ray lhe disse, já o ouvira dizer as mesmas coisas antes. Qual, então, a razão de ele reiterar sua independência? Por que relembra-la de que ela nada significa?

Ela olha para ele e faz uma pergunta terrível:

— Quer dizer que você não faz outra coisa senão me usar quando não tem nada melhor para fazer?

A resposta seria horrível, e Ray prefere não enunciá-la. Para dizer a verdade, não abre a boca. Em vez disso, senta-se ao lado dela. A escuridão toma conta de Mirabelle. A escuridão não é um pensamento, mas, se pudesse ser transformada num pensamento, se alguma química saísse de uma torneira e suas gotas atingissem a escuridão, dando-lhe cor e essência, tornando-a visível, ela tomaria a forma desta pergunta: "Por que ninguém me quer?"

Ele a puxa para si, a testa em seu ombro. Sabe que a ama mas não consegue descobrir de que maneira.

E por isso ela está sentada ali, por isso suas unhas curtas apertam a mão do Sr. Ray Porter. Por isso ela tenta se segurar em alguma coisa que não a faça desmoronar para depois voar em todas as direções. Enquanto aperta a mão de Ray, Mirabelle sente-se afundando num mar negro e frio do qual não há como escapar. A proximidade do homem que ela havia identificado como sua salvação torna tudo muito pior. Ele a leva até a cama, onde ela cai de bruços. Ele descansa a mão em sua nuca, fazendo-lhe um carinho eventual. Ele lhe diz que ela é maravilhosa, mas Mirabelle não consegue harmonizar essas palavras com o fato de ele rejeitá-la.



Na manhã seguinte o telefone toca, e Lisa atende.

— Oi, é o Jeremy.

— Quem? — pergunta Lisa.

— Jeremy.

— Eu te conheço?

Jeremy brinca:

— Quando realmente se conhece alguém? — Como ela não ri, ele prossegue. — Jeremy, da noite passada.

Lisa passa mentalmente em revista os nomes dos homens com quem falou na noite passada. Nenhum deles se chamava Jeremy, mas, por outro lado, estava acostumada a receber telefonemas de homens que pensavam ter feito contato com ela por

meio de um olhar, quando realmente ela não havia percebido contato algum.

— Que tal você me dar uma dica? — diz ela.

Jeremy está aturdido. Será que todas as suas conquistas, todo o seu catapultar-se para o alto podiam ser esquecidos tão rapidamente? Ele continua.

— Sou eu, Jeremy. Estive no seu apartamento ontem à noite. Nós fomos às vias de fato.

Alguma coisa totalmente errada aterrissa na mente de Lisa.

— Oh, Ray!

Ele acha que Lisa está usando uma gíria nova ou alguma palavra em latim, alguma expressão contemporânea de alegria que ele não conhece. Por isso exclama:

— Órrei!

— Meu Deus do céu, como foi boa a noite passada! — diz Lisa.

— Órrei! — repete Jeremy.

— O quê? — pergunta Lisa.

Jeremy, envolvido num diálogo que não consegue acompanhar, finalmente pergunta:

— Você sabe quem eu sou?

— Claro, você é Ray Porter.

— Quem? — pergunta Jeremy.

— Ray Porter, da noite passada.

— Quem é Ray Porter?

— Você... — e então acrescenta —, não é?

Na manhã seguinte àquela noite de agonia, Ray leva Mirabelle para seu carro a tempo de ela chegar ao trabalho às dez. Ele a observa se afastar dele com uma postura rígida, elegante demais para a manhã, levando consigo sua angústia e solidão. Ele se pergunta se esta será a última vez em que a verá.

Ela coloca os óculos e dá a partida em seu novo Explorer. Acena um adeus com os dedos e ele percebe sua concentração ao volante quando ela arranca com o carro.

Ela entra na Neiman's, passa pela infeliz Lisa, sobe os quatro andares e desliza para seu nicho atrás do balcão. Fica ali pelo resto do dia, outra vez atordoada por um mundo inexplicável, os movimentos limitados aos que seu corpo memorizou.



A relação de Ray e Mirabelle não acabou naquela noite. Sutil-mente, foi arrefecendo nos seis meses seguintes. Houve rugas e recomeços, que em um gráfico, no geral, apontariam para baixo. Ele a leva para jantar, a leva para casa e lhe dá um beijinho e as coisas ficam nisso. De sexo, nada. Às vezes, ele lhe diz que ela é maravilhosa e a abraça. Ela aceita um convite para passear com um representante de artigos esportivos mas não pode lhe oferecer o mínimo requerido para mantê-lo interessado. Ray, finalmente, entende que não está dando nada a Mirabelle; entende que tem de pensar pelos dois e separar-se dela. Ele recua e ela, entendendo a mensagem, protege-se fazendo o mesmo. Por algum tempo, Mirabelle pensa que ele refletirá profundamente e se permitirá amá-la, mas acaba por deixar de pensar no assunto. Ela está no fundo do poço. Fica no fundo do poço durante meses. Não está exatamente deprimida; está mais envolvida num luto que, a princípio, pensa ser por Ray, mas logo se dá conta de que é pela perda de sua antiga identidade.

Ela está deitada em sua cama. O dia transforma-se em noite sem que ela se dê ao trabalho de se levantar para acender as luzes. Limita-se a acender uma vela que está na mesinha-de-cabeceira e é envolvida por sua luz suave. Do lado de fora vem o som dos apartamentos vizinhos: transição de silêncio para os ruídos da hora do jantar e nova transição para os sons da TV e outra vez o silêncio. Sua depressão acabou com todo seu gás. Está exausta de não fazer nada para melhorar. À medida que a solidão e as trevas a cercam, ela tenta comunicar-se consigo mesma. Admite que seus dias de faculdade acabaram, que sua longa excursão a Los Angeles foi transitória e que Ray Porter é um caso perdido.



É de manhã, e Ray Porter atende o telefone.

— Oi, sou eu — diz Mirabelle.

— Desligue que eu te chamo imediatamente.

— Não, está tudo bem — diz ela. — Adivinha o que vou fazer? — E sem dar tempo a ele para responder: — Vou me mudar. — Há um ritmo quase alegre em sua voz ao qual Ray não está acostumado.

— Você vai mudar de apartamento?

— Vou, para San Francisco.

Discutem sobre algum tempo sobre as razões que a levaram a essa resolução e que acabam não sendo reveladas. Ray não opina sobre as vantagens ou desvantagens da mudança, uma vez que a voz de Mirabelle demonstra que ela está decidida. Ela pede um pequeno favor: que ele use suas conexões para marcar uma entrevista entre ela e o proprietário de uma galeria de San Francisco. Não para expor seus desenhos mas para conseguir um emprego de recepcionista. Ray concorda. No velho computador de Del Rey, ela aluga um apartamento via Internet e ainda arranja duas moças para dividirem o aluguel com ela. Em menos de três semanas, ela se demite da Neiman's, sussurra um breve adeus a Los Angeles, parte sem olhar para trás e se acomoda num pequeno apartamento no bairro de Presídio, perto da ponte Golden Gate. Ray se surpreende com a súbita movimentação, pois nos últimos tempos ela lhe havia passado a impressão de estar congelada.

Mirabelle continua enfrentando dificuldades. A verdade é que Ray ajudou a financiar a mudança e outras despesas. Ainda assim, sua conta bancária é uma longa coleção de zeros, todos à esquerda de qualquer outro número. Seu novo emprego de recepcionista recria a mesma espécie de tédio sofrida por ela atrás do balcão do setor de luvas, mas pelo menos ela pode mover-se pela galeria. Além disso, a idade média dos clientes baixou em pelo menos vinte anos.

Outra vantagem: a cena artística de San Francisco é bem mais movimentada do que o intermitente cenário de Los Angeles. A cada dois, três dias está acontecendo alguma coisa à qual ela pode

comparecer ou deixar passar e enroscar-se na própria cama. O movimento da galeria coloca-a no centro de uma abundância de testosterona. Mirabelle é relativamente virgem e disponível, mas sua vida romântica começa mal. Num *vernissage* conhece um pintor chamado Cario, que a corteja por um mês, trepa com ela diversas vezes e a abandona cruelmente. Um dia ela telefona para ele, que atende e diz que está numa outra linha e que vai telefonar de volta para ela, o que nunca fez. Ela analisa a situação e explica o acontecimento para si mesma. Desta vez, não conclui que ninguém a quer. Conclui simplesmente que aprendeu alguma coisa com suas decisões; que seu corpo é precioso, e ela não deve oferecê-lo descuidadamente outra vez. Mirabelle descobre que seu corpo tem uma conexão direta com seu coração. Para se proteger, envolve-se num envelope de cautela e aprende que nunca deve dar mais do que lhe é oferecido. O pequeno desastre do seu romance trouxe-lhe ainda outra vantagem: agora pode transferir sua raiva de Ray Porter para Cario. Agora, pensa, Ray pode se tornar um amigo de verdade.

Enquanto tenta se adaptar a San Francisco, o espírito de Mirabelle tem altos e baixos, mas está determinada a manter-se positiva. Ray continua mantendo contato telefônico e lhe envia pequenas somas em cheques quando sente a necessidade na sua voz. Há muito tempo Mirabelle abriu mão de sua reação natural de recusar ajuda, uma vez que não tem outra alternativa senão aceitá-la. E faz isso com sincera humildade e muita graça. Também procura avançar na sua carreira artística com muita perseverança, e seus desenhos são aceitos em várias mostras coletivas. Seu pequeno trabalho de não mais de vinte por quarenta centímetros — ela flutuando nua no espaço contra a escuridão — é apresentado como pertencente ao acervo do Sr. Ray Porter.

Em seu novo emprego, Mirabelle conhece artistas e colecionadores. Toma sempre o cuidado de não se promover por meio dos contatos que faz na galeria — seu senso de correção a impede —, mas agora é uma pessoa relevante nos *vernissages*. De vez em

quando, telefona para Ray, desliga, e ele imediatamente liga de volta conforme o combinado. Numa determinada tarde ela anuncia:

— Vou à abertura de uma mostra hoje à noite e não tenho a intenção de tomar chá de cadeira.

Ao fim de cada semana tem uma pequena seleção de histórias para contar a Ray: suas noites no cenário artístico, quem flertou com ela, quem a esnobou. Também monitora as aparições e desaparecimentos do nefando Carlo. Certa noite ele apareceu numa exposição tendo ao lado uma jovem grávida, o que machucou ainda mais o frágil coração de Mirabelle. Ela tentou acertar as contas com ele por meio de guerra psicológica, mas não conseguiu nada, porque ele pouco estava se importando com o que quer que ela fizesse.



A estada de Mirabelle em San Francisco vai se esticando. Ray diminui a freqüência de seus telefonemas. Ela flerta com alguns homens — em verdade, não passam de bate-papo —, mas nada se concretiza. Uma noite, porém, ela sobe as escadas que conduzem ao seu novo apartamento e nota no capacho em frente à porta uma caixa oblonga, desleixadamente embrulhada. Há um exagerado envelope da Hallmark colado ao embrulho. Uma vez dentro do apartamento, coloca a caixa sobre a mesa da cozinha. Alimenta os gatos e depois desembulha o pacote, encontrando outra caixa, branca e menor, e dentro dela um belo relógio Swatch. Tira o bilhete de dentro do envelope e lê o que está escrito: "Gostaria de jantar com você hoje à noite, Jeremy." Mais abaixo, Jeremy ainda rabiscou rapidamente: "Por minha conta."

Jeremy havia trabalhado na Costa Oeste nos últimos seis meses. Durante este tempo, comprou e leu e manteve em seu cérebro o conteúdo de todo o estoque de livros esotéricos da Livraria Bodhi Tree. Ele tem passado por San Francisco desde que começou a viajar e agora, pronto para se instalar em Los Angeles e tornar-se um lorde menor dos amplificadores, tem de ir todas as semanas a Oakland. Ocasionalmente a imagem de Mirabelle flutua em sua consciência e lá fica pendurada. A imagem que ele vê não é a dos

seus primeiros encontros patéticos, mas a imagem de quando a encontrou no estacionamento da galeria. Até aquele momento, não havia amadurecido o suficiente para poder reconhecê-la como algo maravilhoso; como algo que valia a pena manter, como um precioso objeto de real desejo. Encontrou-a telefonando para seu antigo número, para depois procurar o novo telefone pela Internet.

Mirabelle disca o número que Jeremy rabiscou na caixa do presente. Também se lembra do novo Jeremy que a acompanhou à Reynaldo Gallery quase um ano atrás. Marcam um encontro para algumas semanas depois. No dia combinado ele aparece num táxi. Da sua janela, Mirabelle o vê dando alguns dólares de gorjeta para o motorista. Vão caminhando até um restaurante local, onde, depois de se dirigir à recepcionista, Jeremy anuncia: "Mesa para dois. Mr. Kraft." Mirabelle tinha esquecido que seu sobrenome era Kraft mas tinha consciência de que este era o segundo homem em sua vida que a levava a um restaurante onde a mesa tinha sido reservada antecipadamente.

Mirabelle é quem mais fala. Jeremy ouve atentamente e pouco interrompe. Mais tarde Mirabelle se lembrará deste jantar como o cenário no qual pela primeira vez viu Jeremy como uma pessoa muito interessante.

No caminho de volta para casa, ambos sentindo-se mais íntimos, Mirabelle recita a litania de razões pelas quais se mudou de Los Angeles. Deixa o motivo mais importante para o fim, uma espécie de sumário:

- Estou me instalando.
- Eu também — diz Jeremy.

Agora eles sabem que terão para sempre algo sobre o que conversar.

Jeremy encontra-se eventualmente com Mirabelle quando passa por San Francisco, tentando insinuar-se com delicadeza de forma mais íntima. Ray continua a vê-la ocasionalmente. Num ato de autopreservação ela não faz mais amor com ele e Ray, porque finalmente se preocupa seriamente com ela, não faz nenhuma tentativa neste sentido.

Mirabelle leva meses para aceitar Jeremy e Jeremy espera pacientemente. Enquanto aguarda na coxia para fazer sua entrada triunfal, seus sentimentos por Mirabelle vão crescendo. Uma noite, ela chora em seus braços quando a lembrança de Ray flerta com a sua memória. Jeremy a abraça firme e não diz uma palavra. De onde vem seu discernimento enquanto a corteja, ele mesmo não sabe. Pode ser que ele estivesse preparado para crescer e o conhecimento já estivesse dentro dele como um gene adormecido. Independente do que fosse, a verdade é que ela é a beneficiária perfeita da sua atenção e ele é o perfeito beneficiário da ternura de Mirabelle. Ao contrário do que acontecia com Ray Porter, o amor dos dois é destemido e sem reservas. À medida que Jeremy vai oferecendo a Mirabelle mais espaço no seu coração, o mesmo ocorre com ela. Uma noite, bem antes do que ela gostaria, eles fazem amor pela segunda vez em dois anos. Mas desta vez, depois do amor, Jeremy a abraça por um longo tempo e eles se conectam de um modo muito mais profundo. Neste ponto, Jeremy supera o Sr. Ray Porter como amante de Mirabelle, pois, por mais desajeitado que seja, o que ele oferece a ela é terno e verdadeiro. Naquela noite, talvez devido ao amor inesperado que está sentindo, ele omite algumas opiniões sobre o seu negócio de vendas de amplificadores, que Mirabelle secretamente chama de "segunda oração". Depois que ele cai no sono, ela cutuca seu punho fechado e adormece.

A união dos dois é uma espécie de perfeita incompatibilidade que assegura uma longa relação. Ela é mais inteligente que ele, mas Jeremy está apaixonado pelas suas próprias idéias brilhantes. O entusiasmo dele acaba por afetar Mirabelle e a impulsiona para o mundo da arte por dinheiro. Ela começa até mesmo a tolerar seus discursos comerciais entusiásticos. Trata-se de um presente dela para ele. Às vezes, enquanto estão deitados na cama, Mirabelle lhe conta todo o roteiro de um romance vitoriano. Jeremy fica tão cativado, tão emocionado, a ponto de acreditar que o que acontece no livro está acontecendo com ele naquele momento.

Mirabelle informa a Ray que, apesar de toda a cautela, talvez tenha encontrado alguém.

— Falei-lhe sobre minha necessidade de calmantes e ele não se importou — diz ela.

Este era o momento que Ray sempre soube que, mais cedo ou mais tarde, se apresentaria. O momento em que Mirabelle sucumbiria ao fluir livre, irrestrito e intenso de uma paixão por alguém da sua geração; alguém que combinasse com ela. Apesar da previsibilidade, sente o momento como uma perda curiosa: como é possível sentir a falta de uma mulher que mantivemos a distância exatamente para não sofrermos na hora da separação definitiva?

Ray também se pergunta por que tinha sido ela — e não ele — a encontrar alguém acidentalmente numa lavanderia, alguém que surgisse na sua vida e a transformasse para sempre? Mas, três meses depois, a coisa aconteceu a Ray — não numa lavanderia, uma vez que ele jamais entrou numa nos últimos trinta anos —, mas num jantar elegante. Uma mulher bonita e sofisticada de quarenta e cinco anos, divorciada e mãe de dois filhos, toca seu coração apenas para quebrá-lo logo depois. É a vez de Ray Porter sentir o desespero de Mirabelle, sentir todos os matizes do desespero da jovem vendedora de luvas. Somente então se dá conta do que fez com ela; como o querer apenas alguns centímetros dela e não o seu todo, magoou a ambos; somente agora ele toma consciência de que não tem como justificar suas ações, exceto pela aceitação frágil de que a vida é assim mesmo.

As separações de Mirabelle e Jeremy — que ainda não vivem juntos mas estão a um passo disso — vão se tornando cada vez mais breves na medida em que ele reduz suas viagens pela região. Mirabelle e Ray continuam se comunicando por telefone uma ou mais vezes por semana, ocasiões em que discutem detalhes da vida amorosa de ambos. Numa dessas conversas, Mirabelle menciona a Ray que pretende passar um feriado de três dias em Vermont. Ela não lhe pede dinheiro — como nunca o fez —, mas Ray sempre se oferece para ajudá-la quando julga que ela precisa. Desta vez, porém, ele não se oferece para pagar as despesas. Eles continuam a conversar e

desligam os respectivos aparelhos. Ele precisa pensar sobre algumas coisas.

Parado na sacada da sua casa, tendo Los Angeles como paisagem num crepúsculo alaranjado, Ray pondera sobre o fato de continuar se preocupando com Mirabelle. Se ela não o vê mais, se ela vive praticamente com outro, não seria o caso de esse novo homem pagar pela viagem? Ray sempre pagou e sempre viu esses pagamentos como um presente a Mirabelle, mas isso agora acabou. Entretanto ele continua se sentindo compelido a ajudá-la. Por quê?

Ele transfere seu poder de análise para longe da lógica dos símbolos e o dirige para seu agitado subconsciente. Reduz suas perguntas à essência e acaba encontrando o único tema unificador dos seus sentimentos contraditórios. Subitamente descobre por que se sente dessa maneira peculiar em relação a Mirabelle, por que ela continua a afetá-lo e por que, em intervalos imprevisíveis e irregulares, ele se surpreende se perguntando onde ela estará e como estará passando. A verdade é que ele se tornou seu pai, e ela, sua filha. Ray vê, por fim, que se ele impunha sua vontade a ela, Mirabelle também impunha suas necessidades a ele. Desse modo, suas disposições se harmonizaram. A consequência disso foi um aprendizado mútuo. Ele experimentou uma relação na qual era a única parte responsável e nota os erros que cometeu; ela, por sua vez, encontrou alguém que a guiou para o próximo nível da sua vida. Mirabelle, agora de pé sobre suas pernas ainda frágeis, sentindo o calor de seu primeiro amor maduro e recíproco, afastou-se dele. Ele, porém, sabe, como um pai, que estará pronto a ajudá-la para sempre.

Certas noites, sozinho, ele pensa nela e, sozinha, outras noites, ela pensa nele. Algumas vezes esses pensamentos, separados por quilômetros e quilômetros, ocorrem no mesmo momento, e Mirabelle e Ray, sem o saberem, estão conectados um ao outro. Certa noite, ele olhará nos olhos de alguém mais jovem à procura das qualidades que vê em Mirabelle: lealdade e aceitação. Mirabelle, longe dele, entre os braços de Jeremy, sabe que o que foi perdido foi novamente reconquistado.

Meses mais tarde, depois que a dor da ruptura transformou-se em suave esquecimento e perdão, Mirabelle fala com Ray ao telefone. Fala de sua nova vida, e ele ouve com renovado deleite o som da sua voz. Ela lhe diz:

— Sinto-me como se pertencesse a este lugar. Pela primeira vez na vida, sinto-me parte de alguma coisa.

Ela minimiza a importância de Jeremy em seu coração, pois teme feri-lo. Ela menciona que continua desenhando e, o que é mais importante, vendendo seus trabalhos. A *Art News* chegou a publicar uma crítica positiva de seus desenhos, ela lhe diz. Eles relembram o caso que tiveram. Ela lhe diz o quanto ele a ajudou. Ele lhe diz o quanto ela o ajudou para em seguida desculpar-se pelo modo como lidou com tudo.

— Oh, não faça isso — ela o interrompe. — É a dor que muda nossa vida. — Depois de uma pausa na qual nenhum dos dois diz nada, Mirabelle continua: — Eu levei as luvas para Vermont e as coloquei no meu álbum de recordações. Minha mãe perguntou sobre elas, mas guardo este segredo só para mim. Além disso, aqui no meu quarto, na minha gaveta particular, guardo uma fotografia sua.

agradecimentos

Se escrever é um trabalho tão solitário, por que há sempre tanta gente a quem agradecer? Em primeiro lugar, Leigh Haber, que editou delicadamente este livro sem maltratar meu ego. Esther Newberg e Sam Cohn, que me deram as primeiras palavras encorajadoras; meus amigos April, Sarah, Victoria, Nora, Eric e Eric, Ellen, Mary e Susan, todos convencidos de que foi idéia deles ler e fazer comentários construtivos sobre o livre durante os primeiros estágios. Como posso agradecer-lhes, senão oferecendo vinte e cinco por cento de desconto na compra por atacado, desde que apresentem uma carteira de motorista em dia?